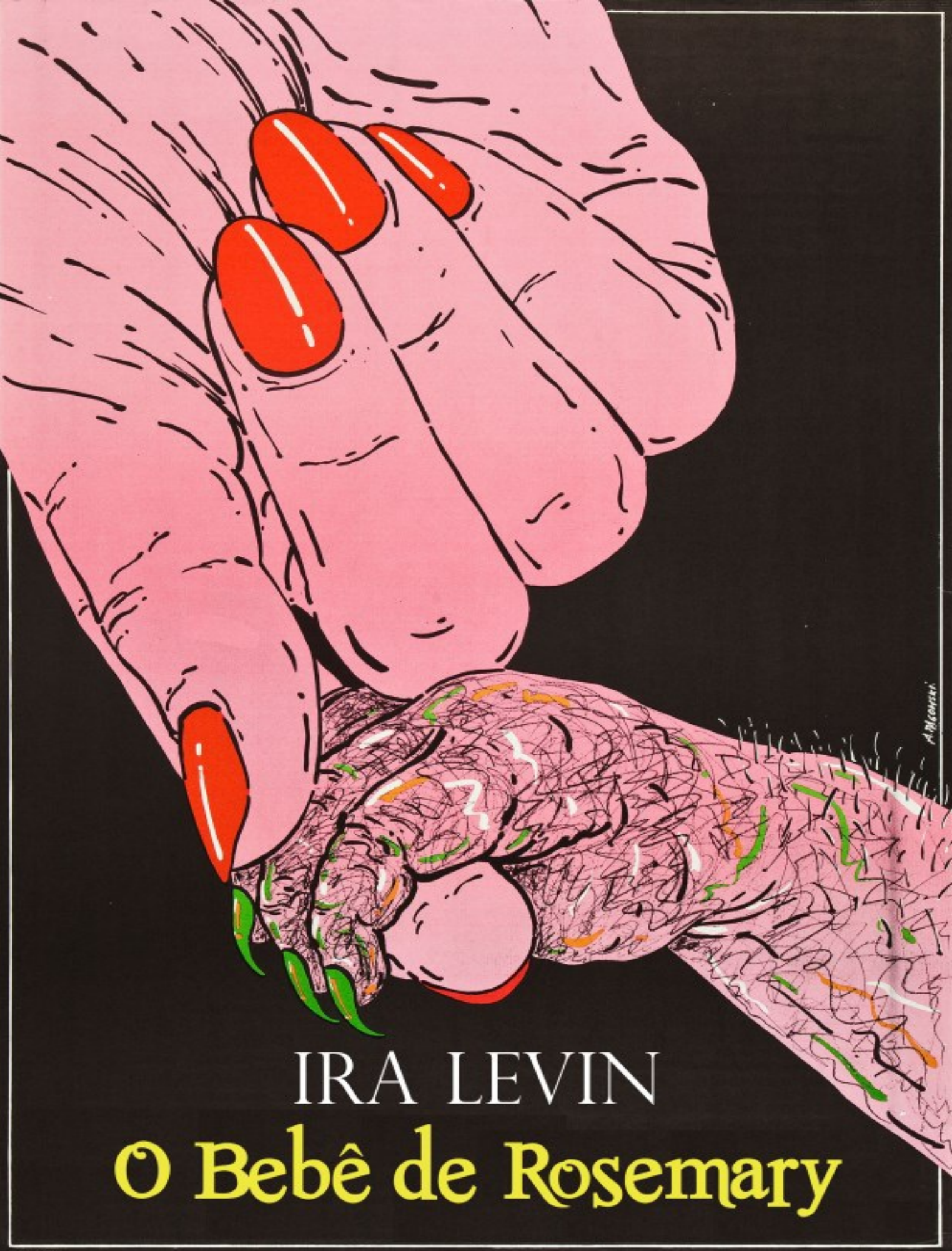


IRA LEVIN

O Bebê de Rosemary

IRA LEVIN

O BEBÊ DE ROSEMARY

Tradução de
CLÉO MARCONDES SILVEIRA

Título original: *Rosemary's Baby*
Copyright © Ira Levin, 1967
Licença editorial para o Círculo do Livro
por acordo com a Editora Nova Cultural Ltda.
e o detentor dos direitos autorais

Todos os direitos reservados.

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil
adquiridos por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.,
que se reserva a propriedade desta tradução.



BIBLIOTECA
DO EXILADO

Para
Gabrielle

PRIMEIRA PARTE

Guy e Rosemary Woodhouse tinham acabado de assinar o contrato de locação de um apartamento de cinco cômodos num prédio branco e quadrado da Primeira Avenida quando receberam o telefonema de uma tal sra. Cortez, comunicando que ficara disponível, no Edifício Bramford, um apartamento de quatro cômodos. Embora o prédio fosse antigo, escuro e de proporções colossais, os apartamentos do Bramford eram muito cobiçados por causa do pé-direito alto, das lareiras imensas e do esmerado acabamento vitoriano. Guy e Rosemary estavam na lista de espera desde o casamento, mas a demora fora tanta que tinham desistido.

Sem desligar o telefone, Guy deu a notícia a Rosemary, que lamentou:

— Ah! Essa não!

— Sinto muito — respondeu Guy voltando ao telefone —, mas já alugamos outro apartamento. — Rosemary interrompeu, puxando-o pelo braço.

— Será que não podemos dar um jeito? Inventar uma desculpa qualquer?

— Espere um minuto, sra. Cortez. — Guy encostou o fone ao peito, perguntando: — Que tipo de desculpa eles aceitariam?

— Sei lá. Talvez a verdade, que conseguimos o tão esperado apartamento no Bramford.

— Ora, meu bem! Seja realista, não iriam dar a mínima para isso.

— Você inventa algo na hora, Guy. Vamos ao menos dar uma olhada. Diga logo que queremos vê-lo, antes que ela desligue e passe para o candidato seguinte.

— Rô, por favor, procure entender: já assinamos o contrato e pagamos um depósito. Não vejo saída.

— Pelo amor de Deus, Guy, olhe que ela vai desligar. — Gemendo e fingindo estar aflita, Rosemary agarrou o fone e tentou levá-lo à boca de Guy, que, rindo, se deu por vencido.

— Sra. Cortez, talvez consigamos cancelar o outro contrato, pois não foi assinado em definitivo. Só firmamos um compromisso. Podemos conhecer o apartamento?

A sra. Cortez passou as instruções: deveriam ir ao Edifício Bramford entre onze e onze e meia, e procurar pelo sr. Micklas ou sr. Jerome, dizendo que tinham sido enviados por ela para ver o apartamento 7E. Deu seu número para que depois lhe telefonassem.

— Viu? Quando você quer, sempre encontra uma saída. Mente com grande classe!

— Precisamos pensar bem, Rosemary. O apartamento só tem quatro cômodos. Não vai sobrar um quarto para crianças.

— Prefiro mil vezes um apartamento pequeno no Bramford a um andar inteiro naquela penitenciária branca.

— Engraçado, ainda ontem você a adorava.

— Adorava, não. Aceitava. *Aquilo* não poderia ser adorado nem pelo arquiteto que o projetou. Quando e se as crianças chegarem, faremos uma sala de jantar num canto do living.

— Vamos ver — duvidou Guy, preparando-se para fazer a barba e examinando-se demoradamente no espelho com seus olhos grandes e castanhos. — Jesus! Uma espinha!

— Cuidado, não esprema! — advertiu Rosemary, colocando um vestido amarelo e sapatos da mesma cor, enquanto Guy passava o barbeador elétrico no rosto.

Estavam no apartamento onde Guy morava quando solteiro. Era um quarto-e-sala decorado com cartazes de Paris e Verona, cujo mobiliário se resumia a um armário e um sofá-cama. Completavam a peça um minúsculo banheiro e uma kitchenette embutida.

Era terça-feira, dia 3 de agosto.

O sr. Micklas era um homenzinho ágil e elegante. O fato de lhe faltarem dedos em ambas as mãos não parecia constrangê-lo, pois estendeu uma com naturalidade.

— Oh! O senhor é ator! — exclamou enquanto tocava o botão do elevador com o dedo médio. — Os artistas adoram nosso prédio. — Citou quatro ou cinco nomes de conhecidos atores que moravam no edifício. — Será que já tive o prazer de vê-lo representar em alguma peça? — perguntou.

— Não sei, deixe-me ver... Fiz não há muito tempo o *Hamlet* e recentemente trabalhamos juntos no filme *Adeus às Ilusões,* não é Liz?

— Ele está brincando — explicou Rosemary apressadamente. — Guy teve bons papéis em algumas peças de teatro e tem aparecido bastante na televisão como ator e em comerciais.

— Ah! Comerciais de televisão! Isso é que dá um bom dinheiro, não é?

— Sem dúvida — concordou Rosemary, enquanto Guy, com o ar mais sério do mundo, acrescentava:

— Sem contar a plena realização artística que nos proporciona.

Por sobre a cabeça do pequeno sr. Micklas, Rosemary lançou-lhe um olhar de "chega de brincadeira", ao que ele respondeu com uma expressão de total inocência seguida por uma cara de Drácula sedento de sangue.

O elevador, revestido de lambri de madeira e com grades de metal polido, era manejado por um rapaz negro bem uniformizado e sorridente.

— Sétimo — pediu o sr. Micklas. Voltando-se para Rosemary e Guy, explicou: — Este apartamento tem quatro cômodos, dois banheiros e cinco armários embutidos. Neste edifício, antigamente, só havia apartamentos de grandes dimensões; os menores, de nove cômodos, foram subdivididos em grupos de quatro, cinco ou seis cômodos. O 7E era a parte dos fundos de um dos maiores, de dez cômodos. A cozinha e o banheiro, enormes, como poderão constatar, faziam parte do apartamento original. O que anteriormente era um quarto grande é hoje a sala de estar. Tem um bom dormitório e outro cômodo,

formado pela junção dos aposentos de empregados, que poderá servir como sala de jantar ou quarto de crianças. Têm filhos?

— Ainda não. Mas pretendemos ter.

— Seria ideal para um quarto de crianças, pois tem banheiro completo e um bom armário embutido. É um apartamento que parece ter sido feito sob medida para um jovem casal.

O elevador parou e o ascensorista sorridente abriu as portas. O sr. Micklas esperou que Rosemary e Guy passassem e indicou-lhes o caminho ao longo de um corredor atapetado de verde e iluminado por luzes mortiças. À porta do apartamento 7B, de madeira esculpida, um homem ocupado em instalar um olho mágico encarou-os com indiferença e voltou ao serviço.

Com o sr. Micklas sempre indicando o caminho, dobraram à esquerda, à direita e novamente à esquerda. Rosemary e Guy, seguindo-o, não puderam deixar de notar vários sinais de velhice e decadência. Aqui, um papel de parede rasgado: ali, uma lâmpada queimada; mais adiante, um tapete remendado. Guy olhou para Rosemary e, naquela linguagem telepática que os casais costumam usar, perguntou: "O que você está achando?". Rosemary, da mesma maneira, respondeu: "Acho lindo, maravilhoso".

— A inquilina anterior — comentou o sr. Micklas sem fitá-los — faleceu há poucos dias. Vão encontrar o apartamento exatamente como ela o deixou. Seu filho disse-me que, caso lhes interessem o aparelho de ar-condicionado, os tapetes e algumas peças do mobiliário, ele os cederá por preços bem acessíveis.

Chegaram a outro corredor, este forrado com papel mais moderno e atraente.

— Ela morreu aqui mesmo? — perguntou Rosemary. — Não que isso faça diferença...

— Não, não. Faleceu num hospital. Passou várias semanas em coma e morreu sem voltar à consciência. Tipo de morte boa. Gostaria, quando meu dia chegar, que me acontecesse o mesmo. Era uma senhora fabulosa, cheia de vida e disposição. Foi uma das primeiras mulheres a se formar em advocacia no Estado de Nova York.

Chegaram ao final do corredor. Ao lado de uma escada ficava o apartamento 7E. Sua porta, sem enfeites de madeira, era mais simples e estreita que as anteriores. O sr. Micklas tocou a campainha, que era encimada por um cartão de plástico preto com letras gravadas em branco: *L. Gardênia,* girou a chave na fechadura e, apesar da falta de dedos, moveu a maçaneta, abrindo a porta com um floreio: — Entrem, por favor.

O apartamento era dividido por um largo corredor que separava os quatro cômodos. A primeira porta, logo à direita de quem entrava, abria para a cozinha. Rosemary, ao vê-la, quase teve um acesso de riso, pois era tão grande quanto o apartamento em que viviam atualmente, se não fosse maior. Tinha um velho fogão de seis bocas e dois fornos, geladeira imensa, pia monumental, um sem-número de armários embutidos e teto altíssimo. Rosemary abstraiu mentalmente os móveis de ferro batido e fórmica da sra. Gardênia e imaginou em seu lugar

aquele cantinho para o café da manhã que havia recortado do último número de *House Beautiful*.

Em frente à cozinha, ficava o outro cômodo, que a sra. Gardênia usava como um misto de escritório e jardim de inverno. Centenas de vasinhos, com plantas secas ou já mortas, estavam colocados em prateleiras de madeira tosca, ladeadas de lâmpadas fluorescentes. Bem no centro da sala, destacava-se uma escrivaninha de tampo corrediço coberta de livros e papéis. Era uma bela peça de madeira antiga, patinada pelo tempo, solene, pesada. Rosemary afastou-se de Guy e do sr. Micklas, que conversavam junto à porta, e aproximou-se para examiná-la melhor. Era realmente um móvel de categoria, daqueles que só se achavam em antiquários. Rosemary, estudando seus detalhes, perguntou-se se faria parte do mobiliário que o filho queria ceder "por preços bem acessíveis". Sem querer, reparou em algumas frases escritas em papel cinza com caligrafia elegante e antiquada: "...é mais do que simples passatempo, como a princípio supus. Estou sendo envolvida e não desejo mais fazer parte de...". Com um vago sentimento de culpa, sentindo-se indiscreta, perguntou ao sr. Micklas:

— Será que o filho da sra. Gardênia quer vender este móvel?

— Não sei. Posso perguntar.

— É lindo! — admirou Guy, examinando-o.

— Não é mesmo? — Rosemary afastou-se e passou a observar a sala mais detalhadamente. Poderia transformá-la num quarto de crianças maravilhoso, pensou. Era um pouco escura, pois as janelas davam para um pátio interno, mas um papel de parede bem escolhido a tornaria mais clara e luminosa. O banheiro não era grande, o suficiente para as crianças, e o armário embutido (também cheio de plantas) era bem amplo.

Dirigindo-se à porta, Guy perguntou:

— Que plantas são estas?

— Sei lá. Parecem ervas medicinais e temperos — comentou Rosemary.

Voltando ao corredor, encontraram outro armário embutido e, finalmente, a sala de estar. Duas janelas em forma de arco, ladeadas por bancos de madeira, uma lareira de mármore esculpido e belas estantes de nogueira escura compunham a peça.

— Oh! Guy, que beleza! — empolgou-se Rosemary, apertando-lhe a mão. O marido respondeu com um resmungo indefinido. O sr. Micklas, apressadamente, acrescentou:

— A lareira funciona maravilhosamente bem.

Em seguida passaram para o quarto principal. Era um aposento simpático ainda que um pouco escuro, pois as janelas eram voltadas para o mesmo pátio interno. O banheiro, tal como a cozinha, era imenso, com uma banheira antiquada e enormes ferragens de metal polido.

— É um apartamento divino! — exclamou Rosemary, voltando à sala de estar. Deu um volteio com os braços abertos como se quisesse abraçar toda a peça. — Adorei tudo!

— Se continuar a elogiá-lo assim, querida, o sr. Micklas acabará reduzindo o aluguel...

— Bem que gostaríamos de aumentá-lo, mas não podemos por causa do

controle de preços — disse o sr. Micklas sorrindo. — Apartamentos com este charme e esta personalidade são mais raros em Nova York do que dentes de galinha. O novo... — interrompeu-se, olhando para um armário alto que ficava bem ao fundo corredor. — Deve haver outro armário embutido atrás daquele móvel. Tem de haver. Vejamos, são cinco ao todo: dois no quarto maior, um no outro quarto e dois no corredor. Vamos dar uma olhada por aqui.

Guy, bem mais alto do que o sr. Micklas, ficou na ponta do pé e exclamou:

— Tem razão! Estou vendo os batentes da porta.

Ela deve ter mudado o móvel de lugar — notou Rosemary. — O armário estava ali naquela parede. Pode-se ainda ver a marca no tapete.

— Se o senhor puder me dar uma ajuda, descobriremos o mistério do "armário-esconde-armário" — propôs o sr. Micklas.

Com um pouco de esforço, Guy e o sr. Micklas conseguiram recolocar o móvel na posição original.

— Puxa, deve ter sido isto que levou a velha ao estado de coma — brincou Guy.

— Ela não seria capaz de fazer a mudança sozinha; tinha oitenta e nove anos — respondeu o sr. Micklas, que parecia levar a sério tudo que Guy dizia.

Rosemary hesitou diante do armário recém-descoberto.

— Será que devemos abrir? Não seria melhor fazê-lo na presença do filho?

O sr. Micklas esfregou as mãos e os poucos dedos que lhe restavam.

— Estou devidamente autorizado a mostrar-lhes o apartamento.

Dirigiu-se resolutamente ao armário e abriu a porta. Estava quase vazio. Num canto, um aspirador de pó, noutro umas três ou quatro tábuas de madeira e na prateleira superior, cuidadosamente arrumadas, pilhas de toalhas de banho verdes e azuis.

— Que coisa esquisita! — exclamou Guy.

— Talvez não tivesse necessidade dos cinco armários — ponderou o sr. Micklas.

— Mas é de fato estranho guardar num lugar tão fora de mão o aspirador e as toalhas.

O sr. Micklas encolheu os ombros, finalizando:

— Continua, pois, sem solução nosso pequeno mistério. Pobre senhora! Talvez já estivesse ficando senil. Há algo mais que desejam ver ou que queiram perguntar?

— Sim, senhor — respondeu Rosemary. — Gostaria saber a respeito da lavanderia. Há máquinas de lavar roupas no porão?

Agradecendo ao sr. Micklas, que os acompanhou até a saída do prédio, Rosemary e Guy começaram a subir vagarosamente a Sétima Avenida.

— É mais barato que o outro — afirmou Rosemary, como se fosse uma pessoa inteiramente voltada para os aspectos práticos da vida.

— Mas tem um quarto a menos, meu bem.

Rosemary caminhou em silêncio por alguns momentos.

— Tem melhor localização que o outro.

— Sem dúvida — respondeu Guy. — Posso ir a pé a quase todos os teatros.

Encorajada, Rosemary não mais se conteve:

— Por favor, Guy, decida-se. E um apartamento maravilhoso. A pobre sra. Gardênia não soube tirar partido do que ele tem a oferecer. Aquela sala de estar pode ser transformada na coisa mais gostosa e aconchegante do mundo. Por favor, Guy. Por favor, vamos ficar com ele.

— Querida, não é a mim que você deve procurar convencer e sim aos sujeitos com quem assinamos o contrato.

Rosemary apertou-lhe o braço carinhosamente.

— Tenho certeza de que você conseguirá resolver esse *detalhe*. Até agora tem sido mestre no assunto.

Guy telefonou à sra. Cortez de um telefone público. Pela porta de vidro Rosemary tentava adivinhar o que estava sendo dito.

— Ela nos deu um prazo até as três da tarde. Se até lá não tiver recebido confirmação, passará ao próximo da lista.

Entraram no Russian Tea Room e pediram dois Bloody Mary e sanduíches de salada de galinha no pão preto.

— Você poderia inventar que fiquei doente e tenho de me internar imediatamente num hospital — extrapolou Rosemary.

— Isso não é motivo suficiente para quebra de contrato, minha filha. Temos de pensar em algo mais plausível e acho que já sei o quê: direi que fui convidado, substituindo um colega que sofreu um sério acidente, para fazer uma série de espetáculos no Vietnã. Se não puder aceitar, o programa irá se atrasar pelo menos duas semanas, até que encontrem outro que conheça o papel. É evidente que não se pode fazer isso com os pobres dos rapazes que estão longe do lar para defender a democracia contra os comunistas, etc. e tal. Que acha?

— Genial, Guy! Se não caírem nessa, paciência.

Guy ensaiou duas ou três vezes o que iria dizer e dirigiu-se ao telefone.

Rosemary bebericou o coquetel, fazendo figa com a mão esquerda escondida sob a mesa. Para não ficar muito desapontada, caso a resposta fosse negativa, revia mentalmente as vantagens do apartamento da Primeira Avenida: cozinha nova, com aparelhos elétricos ultramodernos, vista sobre o East River e ar-condicionado central...

A garçonete trouxe os sanduíches.

Uma moça grávida passou perto da mesa. Rosemary olhou-a com uma pontinha de inveja. Devia estar no sétimo mês. Parecia alegre e bem-disposta e conversava animadamente com uma senhora carregada de embrulhos, provavelmente sua mãe.

Alguém acenou do outro lado da sala — era a moça ruiva que começara a trabalhar na CBS semanas antes de Rosemary sair para se casar. Respondeu-lhe ao aceno e a moça disse algo que Rosemary não conseguiu entender. A moça repetiu a frase, e o homem que a acompanhava, um sujeito magro e pálido, olhou para trás.

Guy voltou para a mesa, alto e bonitão, com um sorriso triunfal.

— Tudo perfeito! Engoliram a história; o contrato está anulado, o depósito será devolvido e a sra. Cortez estará a nossa espera às duas horas.

— Você é maravilhoso, Guy. Já falou com ela?

— Já.

A moça ruiva levantou-se e chegou até eles, dizendo:

— Vim só dar-lhes os parabéns, Rosemary. O casamento está fazendo bem a você. Está com uma cara ótima!

Rosemary, procurando se lembrar do nome da garota, sorriu agradecendo:

— Obrigada. Estamos festejando. Acabamos de alugar um apartamento no Bramford.

— No *Bram!* Felizardos! Sou louca por aquele prédio. Se vocês algum dia quiserem transferir o contrato, não se esqueçam de mim. Adoro aquela fachada, cheia de monstros e gárgulas que parecem querer entrar pelas janelas.

Hutch, surpreendentemente, tentou dissuadi-los de se mudarem para o Bramford alegando que era uma "zona perigosa".

Quando Rosemary chegara a Nova York, havia alugado um apartamento com três outras moças, uma da mesma cidade que ela, Omaha, e duas que tinham vindo de Atlanta. Hutch morava no apartamento vizinho. Embora não aceitasse a condição de "pai substituto" que as moças desejavam (já tinha criado e casado duas filhas e não pretendia repetir a dose), era a pessoa com quem elas contavam para qualquer emergência, como naquela noite em que um sujeito esquisito foi visto rondando o prédio, ou quando Jean ficou engasgada com uma espinha de peixe. Chamava-se Edward Hutchins, era inglês e tinha cinqüenta e quatro anos de idade. Ganhava a vida escrevendo, sob vários pseudônimos, livros de aventuras para jovens.

Teve por Rosemary um carinho todo especial, pois, sendo ela a caçula de uma família grande e muito religiosa, viera para Nova York com total desaprovação dos parentes (só um irmão, Brian, o que bebia, é que havia concordado, dizendo: "Vá, Rosie, faça o que tiver vontade", e lhe dera oitenta e cinco dólares como ajuda). Rosemary era dominada por um terrível sentimento de culpa, achando-se um monstro de egoísmo em relação aos pais. Era com Hutch que desabafava. Ele procurava, entre copiosas xícaras de chá, mostrar-lhe novos padrões de valores. Assuntos que Rosemary jamais se atrevera a abordar, quer na família, quer na Universidade Católica, eram por eles discutidos livremente. Hutch fez com que Rosemary se matriculasse no curso de filosofia da Universidade de Nova York, a fim de completar sua educação.

Depois de casada, pelo menos uma vez por mês, Rosemary e Guy jantavam com Hutch. Guy achava-o meio chato, mas sempre o tratara com a maior cordialidade porque ele era primo de Terence Rattigan e Guy sabia que, no mundo do teatro, relações importantes valiam mais do que ouro.

Dias após terem visto o apartamento, jantaram juntos no Klube's, um simpático restaurante alemão. A sra. Cortez pedira três nomes para referências e, naturalmente, Hutch tinha sido um deles. Recebera e já respondera a carta da sra. Cortez.

— Tive vontade de dizer que vocês eram viciados em drogas ou coisa ainda pior; algo bem chocante para que não fossem aceitos como inquilinos.

— Mas por quê?

— Não sei se vocês já ouviram falar, mas o Bramford tinha péssima reputação no começo do século. — Pela expressão, constatou que não sabiam de nada. — Ao lado de gente como Isadora Duncan e Theodore Dreiser, o edifício abrigava moradores bem menos interessantes. Foi lá que as irmãs Trench fizeram suas estranhas experiências culinárias e onde Keith Kennedy realizava suas tremendas bacanais. Adrian Marcato morava lá, bem como Pearl Ames.

— Quem era Adrian Marcato? — quis saber Rosemary.

— E quem eram as irmãs Trench? — emendou Guy

— As irmãs Trench eram senhoras da melhor sociedade vitoriana que, de quando em vez, se davam ao canibalismo. Cozinharam e paparam várias criancinhas, inclusive uma sobrinha.

— Que bom gosto! — exclamou Guy.

Hutch virou-se para Rosemary:

— Adrian Marcato praticava magia negra. Fez uma onda incrível lá pelo ano de 1890, dizendo ter conseguido materializar Satã. Para provar, mostrava chumaços de pêlos e raspas de garras. Aparentemente o levaram a sério, o bastante para tentar linchá-lo na entrada do Bramford.

— Você está brincando — duvidou Rosemary.

— Estou falando sério. Alguns anos depois foi a época de Keith Kennedy e, lá por 1920, o prédio estava praticamente abandonado, com a fama de ser, no mínimo, um lugar onde coisas estranhas costumavam acontecer.

— Eu sabia a respeito de Keith Kennedy e Pearl Ames, mas nunca soube que Adrian Marcato também morava lá — comentou Guy.

— E essas irmãs horrendas! — exclamou Rosemary arrepiada.

— Durante a Segunda Guerra, devido à crise habitacional, o prédio foi remodelado, subdividido e voltou à moda na base do "antigo edifício elegante e de prestígio". Vocês são muito jovens, mas em meu tempo era chamado Sinistro Bramford e ninguém queria nada com ele.

O garçom trouxe o primeiro prato e Rosemary virou-se para Guy inquisitivamente; ele franziu a testa e deu um olhar de "deixa pra lá, não se impressione com o que ele diz".

— Através do anos, o Bramford tem sido marcado por acontecimentos desagradáveis — continuou Hutch. — E nem todos no passado. Não faz muito tempo um recém-nascido foi encontrado embrulhado em jornais numa de suas lixeiras.

— Bem, mas em qualquer prédio daquele tamanho deve acontecer alguma tragédia de vez em quando — ponderou Rosemary.

— Sem dúvida, mas *de vez em quando.* Acontece que no Bramford esse de vez em quando é muito mais freqüente do que em outros lugares. Há fatos menos espetaculares mas igualmente estranhos: o número de suicídios no Bramford é comparativamente muito maior do que em outros prédios do mesmo tamanho.

— Qual será o motivo, Hutch? — perguntou Guy. — Deve haver alguma explicação.

— Não sei. É possível que a notoriedade de tipos como as irmãs Trench atraísse um Adrian Marcato; que a notoriedade deste atraísse um Keith Kennedy, e assim por diante, transformando o Bramford num refúgio de psicopatas e tarados. Ou, talvez, a explicação seja outra: campos de ação magnética, correntes subterrâneas ou alguma causa sobrenatural tenham tornado maligno o lugar. O que posso dizer com segurança é o seguinte: o Bramford não é um caso isolado. Havia uma casa em Londres, em Praed Street, na qual, em sessenta anos, foram cometidos cinco assassinatos brutais. Não houve qualquer relação entre eles, quanto às vítimas ou aos criminosos. Nem mesmo se descobriu um motivo aparente, como um tesouro escondido ou algo semelhante. Uma casa

comum, pequena e simples, foi o cenário, no curto período de sessenta anos, de cinco crimes violentos. Essa casa foi demolida e até hoje nada foi construído em seu lugar.

— Mas deve haver também casas abençoadas; casas onde residam pessoas que se amem, tenham filhos e sejam felizes — argumentou Rosemary, comendo uma fatia de melão.

— E casas em que jovens atores consigam alcançar o sucesso — continuou Guy.

— Sem dúvida. Mas acontece que essas não entram nos noticiários. Só as de má fama é que ficam marcadas. — Sorriu para Rosemary e Guy: — Palavra que ficaria bem mais feliz se soubesse que vocês não iriam morar no Bramford.

— Hutch, você parece estar seriamente empenhado em fazer com que mudemos de idéia — concluiu Rosemary.

— Minha querida, hoje eu tinha um encontro com uma senhora encantadora; cancelei para vir falar com vocês. *Estou* seriamente empenhado em fazer com que desistam.

— Pelo amor de Deus, Hutch... — começou Guy a falar.

— Não estou esperando que vocês entrem no Bramford e lhes caia um piano na cabeça, que sejam devorados por solteironas ou transformados em estátuas de pedra. Estou contando fatos e dando estatísticas, e acho que devem ser considerados, juntamente com as vantagens materiais que o prédio possa oferecer. É inegável que coisas muito estranhas têm ocorrido no Bramford. Se vocês estão apaixonados por edifícios vitorianos, procurem o Dakota ou o Osborne. Por que escolher deliberadamente uma área perigosa?

— O Dakota é um condomínio e o Osborne está sendo demolido — retrucou Rosemary.

— Hutch, você não estará exagerando um pouco? Nestes últimos anos, além do caso do bebê, houve algum acontecimento estranho?

— Um ascensorista morreu recentemente em circunstâncias misteriosas. Passei hoje três horas na Biblioteca Municipal consultando os anuários do *Times* e vendo microfilmes. Isso não é o suficiente?

Rosemary olhou para Guy, que cruzou os talheres e limpou a boca com o guardanapo.

— Acho tudo isso uma bobagem. Está certo, uma série de fatos desagradáveis tem acontecido no Bramford. O que não quer dizer que continuem a acontecer. Não vejo por que considerá-lo mais perigoso do que qualquer outro lugar. É como um jogo, você pode acertar cinco vezes no mesmo número, o que não significa que se continuar jogando sempre nesse número sempre acertará. E tudo uma coincidência, nada mais.

— E se houvesse algo *realmente* maligno no prédio — emendou Rosemary —, ele já não teria sido demolido? Tal como a casa de Londres?

— Acontece que a casa foi demolida pela família da última vítima, que era proprietária do imóvel. O Bramford pertence à igreja que fica perto dele.

— Está vendo? — provocou Guy acendendo um cigarro. — Estamos sob a proteção divina.

— Que tem falhado lamentavelmente — frisou Hutch.

O garçom tirou os pratos.

— Não sabia que o prédio era propriedade de uma igreja — disse Rosemary.

Guy a interrompeu:

— As igrejas são donas de quase tudo, querida.

— Vocês tentaram o Edifício Wyoming? — perguntou Hutch. — Fica quase ao lado do Bramford.

— Fomos a todos os lugares possíveis e imagináveis, Hutch — explicou Rosemary. — Não se encontra outra coisa além de prédios modernos, com salas quadradas absolutamente iguais umas às outras, e até com circuitos fechados de televisão!

— E isso é tão ruim assim? — sorriu Hutch.

— Horrível — Guy e Rosemary falaram ao mesmo tempo.

— Já tínhamos arranjado um desse tipo e fizemos o impossível para nos livrar dele.

Hutch olhou para eles demoradamente, encostou-se na cadeira e fez um gesto de desistência:

— Muito bem, fiz o que pude. Desejo-lhes toda a felicidade do mundo e o uso e gozo do apartamento no Bramford. Darei de presente a vocês uma tranca da melhor qualidade e não abrirei mais o bico. Fui um chato, perdoem-me.

Rosemary sorriu:

— A porta já tem tranca, corrente de segurança e olho mágico.

— Use os três. E não vá andar pelos corredores conversando com todos os vizinhos. Lembre-se de que estamos em Nova York — recomendou Hutch.

Na segunda-feira, Rosemary e Guy assinaram o contrato de locação do apartamento 7E no Bramford. Deram à sra. Cortez um cheque do primeiro mês de aluguel e outro como fiança. Poderiam ocupá-lo logo no fim de agosto, quando estaria limpo e pintado.

Nesse mesmo dia, receberam um telefonema de Martin Gardênia, filho da sra. Gardênia, e combinaram encontrar-se no dia seguinte para tratar da compra dos objetos de que ele desejava se desfazer. Chegando ao apartamento encontraram um senhor simpático e amável. Mostrou logo quais queria vender e deu os preços, realmente acessíveis. Rosemary e Guy compraram dois aparelhos de ar-condicionado, uma penteadeira antiga, o tapete da sala e o conjunto de ferros da lareira. Guy mal fizera o cheque quando Rosemary, com uma régua de marceneiro nas mãos, começou a tomar medidas aqui e ali.

Como Guy esteve ocupado o resto da semana, terminando uma série de filmes para a televisão, Rosemary não perdeu tempo, estudando o álbum de recortes de decoração que começara a guardar desde o ginásio; resolvido o estilo que melhor se adaptaria ao apartamento, lançou-se numa orgia de compras. Acompanhada de Joan Jellico, uma de suas antigas companheiras, passou a percorrer casas de tecidos e lojas de móveis. Joan tinha um cartão de apresentação de um decorador que foi um "abre-te Sésamo" para os atacadistas. Rosemary tomava notas de preços, pedia amostras e desenhava croquis, que mostrava a Guy apressadamente, entre uma saída e outra. Cancelou todos os

compromissos para se dedicar com exclusividade à decoração dos aposentos.

Na noite da sexta-feira, tomaram posse oficial do apartamento. Sem os móveis, parecia maior do que imaginavam. Ligaram o ar-condicionado, admiraram o tapete da sala, a lareira e a penteadeira de Rosemary; admiraram ainda a banheira, os trincos, as portas, o assoalho, o fogão, o refrigerador, as janelas e a vista. Fizeram um piquenique com sanduíches e cerveja no tapete da sala. Desenharam a planta das quatro peças, Guy tomando as medidas e Rosemary anotando. Finalmente, desligaram a luz e amaram-se sobre o tapete, iluminados pela leve claridade que entrava pelas janelas.

— Cuidado — brincou Guy depois. — Estou ouvindo o ruído das irmãs Trench mastigando. — Rosemary deu-lhe um soco no peito.

Compraram um sofá, uma cama de casal enorme, uma mesa para a cozinha e duas cadeiras de desmontar.

Os pintores foram na terça, rasparam, pintaram e retocaram, *quase* conseguindo satisfazer Rosemary. O especialista em papel de parede chegou logo a seguir, e no mesmo dia terminou os dois quartos.

Telefonaram para as lojas de móveis e a casa de decoração e para a mãe de Guy em Montreal. Compraram um armário, uma mesa de jantar, um aparelho de som, pratos e talheres. Tudo novo! Estavam cheios de dinheiro, pois não muito tempo atrás Guy fizera uma série de comerciais para uma indústria farmacêutica pela qual ganhara dezoito mil dólares e que ainda estava rendendo um pouco.

Colocaram persianas e forraram com papel as prateleiras. Adoraram o novo tapete do quarto e o revestimento em plástico branco da entrada. Conseguiram um telefone moderno com três extensões, pagaram todas as contas e avisaram o Correio da mudança de endereço.

Na sexta-feira, dia 27 de agosto, mudaram-se. Joan e Dick Jellico mandaram um vaso de plantas de presente, o agente de Guy, um cinzeiro e de Hutch receberam o seguinte telegrama: *O Bramford perderá a má reputação e adquirirá uma aura de felicidade quando numa de suas portas estiver o cartão com os nomes: R. e G. Woodhouse*.

Rosemary sentiu-se realizada e feliz cuidando do arranjo e da decoração do apartamento. Descobriu um abajur em estilo vitoriano perfeito para a sala, comprou e colocou cortinas, enfeitou as paredes da cozinha com panelas e caçarolas de cobre. Concluiu que as tábuas empilhadas no canto do armário embutido que tinham descoberto no corredor eram, na realidade, suas prateleiras. Forrou-as com plástico xadrez e, quando Guy chegou, mostrou-lhe triunfante o armário já arrumado com as roupas de cama.

Guy andava bastante ocupado também. Retomara suas aulas de dicção antes do almoço e passava as tardes fazendo testes em estúdios. Durante o café da manhã, ao ler as colunas de teatro dos jornais, mostrava sempre um certo mau humor: a maioria de seus colegas fazia turnês pelos Estados — só ele estava em Nova York, vivendo dos parcos rendimentos de um comercial. Rosemary, porém, não se preocupava; tinha certeza de que dias melhores não tardariam.

O quarto das crianças, mobiliado com móveis do antigo apartamento, fora transformado, por enquanto, numa salinha de televisão. Cuidadosamente guardados dentro do livro *Picasso's Picassos* estavam uma amostra do papel de parede amarelo e branco e o recorte de uma revista de decoração com a foto de um bercinho e uma cômoda.

Rosemary escreveu ao irmão Brian, participando a mudança e contando-lhe o quanto estava feliz. Não se deu ao trabalho de fazer o mesmo com o restante da família, pais e irmãos, pois estes ainda não a tinham perdoado pelo fato de: a) ter se casado com um protestante; b) ter se casado só no civil; c) ter uma sogra divorciada duas vezes e casada em terceiras núpcias com um *judeu* canadense.

Ficaram conhecendo a voz de Minnie Castevet antes mesmo de encontrar sua vizinha. Uma voz possante, com o áspero sotaque do Meio-Oeste, atravessou as paredes de seu quarto:

— Venha já para a cama, Roman. É quase meia-noite. E, quando vier, traga-me um copo de refresco.

— Ué! Não sabia que estavam reprisando *Ma e Pa Kettle* — divertiu-se Guy. Rosemary sorriu sem entender bem o que o marido queria dizer, pois era nove anos mais moça que ele e às vezes ignorava completamente certas coisas que mencionava. Guy explicou que *Ma e Pa Kettle* era um antigo seriado de televisão que contava as aventuras de um casal de velhos caipiras do Meio-Oeste norte-americano.

Conheceram os Gould, casal simpático de meia-idade que morava no 7F. Cumprimentaram amavelmente os Kellog do 7G, o sr. Stein, do 7H, os Bruhn e seu filho Walter, do 7C, e os srs. Dubin e DeVore, do 7B. Rosemary identificava

logo os moradores pois lia, com a curiosidade ingênua de moça do interior, o cartão que cada um colocava na porta. Os Kapps, do 7D, não deviam ter retornado ainda das férias de verão, pois não havia movimento em seu apartamento, e os Castevet, do 7A, eram ouvidos ("Roman! Onde está Terry?"), mas não eram vistos. Deviam levar uma vida muito isolada e ter horários diferentes do normal das pessoas. Recebiam correspondência dos lugares mais estranhos e remotos: Hawick, Escócia; Langeac, França; Vitória, Brasil; Cessnock, Austrália. Eram assinantes das revistas *Life* e *Look*. Rosemary examinava sem a menor cerimônia os envelopes da correspondência que ficava sobre o capacho, até ser recolhida pelos destinatários.

Das irmãs Trench, e de Adrian Marcato, Keith Kennedy, Pearl Ames ou seus equivalentes contemporâneos, nenhum sinal. Dubin e DeVore eram homossexuais; os outros vizinhos do sétimo andar eram gente como todo mundo.

Do apartamento contíguo, que, concluíram Guy e Rosemary, devia ser a parte maior da divisão do grande apartamento original, vinha quase todas as noites o vozerio feminino com o sotaque do Meio-Oeste:

— É *impossível* ter certeza absoluta. Acho que não devemos explicar-lhe coisa alguma. Pelo menos é a *minha* opinião.

Num sábado à noite, os Castevet fizeram uma reunião: umas poucas pessoas que falavam e cantavam. Quando foram se deitar, Guy dormiu logo que caiu na cama, mas Rosemary ficou acordada até depois das duas da madrugada, ouvindo uma cantoria estranha, acompanhada às vezes por flauta ou clarineta.

Rosemary só se recordava das advertências de Hutch quando ia ao porão lavar roupa. O elevador de serviço, por si só, já era assustador: pequeno, automático, barulhento e sujeito a paradas súbitas e inexplicáveis. O porão era imenso, escuro e sinistro, percorrido por correntes de ar de origem misteriosa e ruídos insólitos. Encostadas nas paredes emboloradas, velhas geladeiras fora de uso pareciam grandes fantasmas brancos.

Foi aqui, imaginou Rosemary, que acharam a criancinha morta, embrulhada num jornal. De quem seria o bebê? Como teria morrido? Quem o encontrara? O criminoso fora descoberto e punido? Rosemary pensou em consultar os jornais da época, como Hutch fizera. Mas logo abandonou a idéia, pois isso traria a tragédia para mais perto ainda, tornando-a real e palpável. Saber exatamente onde ficara o pequeno cadáver, passar na ida e na volta pelo local... Não. Seria insuportável! O que os olhos não vêem, o coração não sente, concluiu. E Hutch, com seus avisos bem-intencionados, que fosse plantar batatas!

A lavanderia parecia feita sob medida para uma penitenciária. Tinha paredes de tijolos úmidas, lâmpadas protegidas por telas de arame e uma fila de tanques de pedra que se perdia na escuridão. Havia máquinas de lavar de uso comum, que funcionavam com moedas, e outras, particulares, que ficavam trancadas em cubículos de madeira. Na primeira vez que se dirigira à lavanderia, era a manhã de um dia de semana. Rosemary encontrara várias negras que conversavam alegremente enquanto lavavam ou passavam. Com sua chegada,

estabeleceu-se um silêncio hostil. Por mais que procurasse passar despercebida, tornar-se invisível, o silêncio perdurou, fazendo com que Rosemary se sentisse qual feitora de escravos. Por isso, agora preferia lavar sua roupa nos fins de semana à tarde.

Um dia, passadas duas semanas desde que se mudaram para o Bramford, Rosemary estava sentada num banco da lavanderia, lendo uma revista e esperando o momento de colocar o alvejante na água de enxaguar, quando surgiu uma moça mais ou menos de sua idade. Era morena, de feições delicadas, vestindo short preto, blusa amarela e sandálias pretas. Trazia nas mãos uma sacola de roupa. Rosemary olhou-a espantada. Anna Maria Alberghetti! Pelo que sabia, a artista não morava no prédio, mas poderia estar hospedada no apartamento de algum inquilino e naquele momento estar ajudando a dona da casa, pensou. A moça cumprimentou Rosemary com um leve aceno, ligou a máquina e começou a colocar dentro dela a roupa que trazia. Olhando-a mais detalhadamente, Rosemary percebeu que se enganara, pois, apesar de extremamente parecida com Anna Maria, havia diferenças marcantes de expressão e postura. Deu-se conta então que estava examinando a moça com tal atenção que esta a olhava com ar de surpresa.

— Desculpe-me — falou sem graça —, pensei que você fosse a Arma Maria Alberghetti.

A moça sorriu, meio ruborizada:

— Não tem do que se desculpar. Acontece com freqüência. Desde menina, desde que Anna Maria apareceu em seu primeiro filme, todos me confundem com ela. Francamente, não sei por quê. Somos ambas morenas e de ascendência italiana. De resto, não vejo nenhuma outra semelhança.

— Pois é impressionante.

— Deve ser mesmo, pois todo mundo acha. Talvez só eu não perceba.

— Você a conhece? — perguntou Rosemary.

— Pessoalmente, não.

— Como se referiu a ela como Anna Maria pensei que...

— Não, não a conheço. Mas acho que, de tanto falar nela, acabei me familiarizando e eliminando o sobrenome. — Enxugou as mãos no short e se dirigiu a Rosemary, apresentando-se: — Meu nome é Terry Gionoffrio. Não me pergunte como se escreve, pois nem eu mesma sei.

Rosemary riu e apertou-lhe a mão.

— Chamo-me Rosemary Woodhouse. Nos mudamos há pouco tempo. E você?

— Para dizer a verdade, nem moro aqui. Sou uma espécie de hóspede dos Castevet, do apartamento 7A. Você os conhece?

— Não. Nem de vista, apesar de morarmos ao lado deles.

— Meu Deus! Foram vocês que alugaram o apartamento da velhinha que morreu? Como era mesmo o nome dela...? — tentou se lembrar Terry.

— Sra. Gardênia — lembrou Rosemary.

— Isso mesmo. Era amiga dos Castevet. Tinha mania de plantas. Cultivava as espécies no apartamento e as dava à sra. Castevet para serem usadas em chás e temperos.

— Ah! Então era isso! Precisava ver a quantidade de vasinhos que encontramos quando fomos conhecer o apartamento

— Pois é. Depois que ela morreu, a sra. Castevet passou a plantá-las em sua casa. Fez até uma pequena estufa na cozinha.

Rosemary colocou o alvejante na água, ajudada por Terry, que abriu a tampa da máquina.

— E você, sabe com quem se parece? — perguntou Terry.

— Não. Com quem?

— É a cara de Piper Laurie.

— Não imagina como é engraçado me dizer isso, pois meu marido foi namorado dela!

— Está brincando! Onde? Em Hollywood?

— Não, aqui mesmo.

— Seu marido é ator?

Rosemary concordou, meio complacente.

— Sério? Como se chama?

— Guy Woodhouse. Trabalhou em teatro nas peças *Luther* e *Nobody Loves an Albatross,* e atua também na televisão.

— E mesmo? Assisto televisão o dia inteiro. Vai ver que o conheço.

Escutaram um barulho de vidro quebrando, que ecoou estranhamente pelo velho porão.

— Ui! — exclamou Terry, toda arrepiada.

— Detesto este lugar — comentou Rosemary olhando ao redor com apreensão.

— Eu também. Foi bom estar com você ou morreria de medo.

— Deve ter sido algum entregador que derrubou uma garrafa ou quebrou alguma vidraça.

— Escute — disse Terry —, por que não combinamos vir lavar roupa sempre juntas? Sua porta fica ao lado do elevador de serviço, não é? Eu tocaria a campainha na hora de descer, depois de chamá-la pelo interfone. Que acha?

— Seria ótimo. Tenho horror a vir aqui sozinha.

Terry riu e continuou:

— Tenho uma coisa que poderá funcionar para nós duas. E um talismã que traz felicidade. — Desabotoou a blusa e puxou uma corrente que trazia pendurada uma bolinha toda trabalhada em delicada filigrana de prata.

— Que coisa linda! — exclamou Rosemary.

— Não é mesmo? A sra. Castevet deu-me de presente ainda ontem. A bolinha é antiqüíssima. Tem mais de trezentos anos. A substância que está dentro foi cultivada por ela lá na estufa de casa. Diz que dá sorte.

Rosemary olhou o talismã com mais atenção. A bolinha estava cheia de uma matéria esponjosa, com cheiro azedo e desagradável.

— Sei que o cheiro é horrível — concordou Terry sorrindo —, mas se der sorte isso será o de menos...

— É lindo — admitiu Rosemary. — Nunca vi coisa igual em minha vida.

— Veio da Europa — disse Terry admirando o talismã demoradamente. —

Você nem faz idéia de como os Castevet são maravilhosos! São pessoas de primeira qualidade. Apanharam-me na sarjeta, *literalmente,* quando desmaiei na Oitava Avenida, me trouxeram para cá, adotando-me como filha ou, melhor, como neta.

— Você estava doente?

— Bem, seria uma forma delicada de se referir ao meu estado. O que eu estava era morrendo de fome, dopada até a alma e fazendo coisas que hoje me envergonho até de mencionar. O sr. e a sra. Castevet conseguiram me reabilitar completamente. Curaram-me do vício da heroína, alimentaram-me, compraram roupas novas. Trataram-me como se eu fosse uma filha adorada. Enchem-me de vitaminas e alimentos saudáveis e chamam um médico para me examinar regularmente. Acho que, por não terem tido filhos, estão me dando todo um afeto armazenado. Compreende?

Rosemary assentiu com a cabeça.

— Logo no começo pensei que tivesse alguma coisa por trás disso. Uma tara sexual da parte dele, dela ou dos dois. Mas que nada. São como verdadeiros avós. Vão me matricular num curso de comércio e mais tarde tentarei pagar-lhes pelo bem que estão me fazendo.

— Como é bom saber que ainda existe no mundo gente assim. Principalmente nesta época de apatia e medo de responsabilidades.

— Infelizmente, pessoas como os Castevet são raras. Estaria morta se não fosse por eles. Ou, na melhor das hipóteses, na cadeia.

— Você não tem família?

— Tenho um irmão na Marinha. Mas dele não poderia esperar nem ao menos um boa-noite.

Rosemary transferiu a roupa lavada para a secadora e esperou que Terry fizesse o mesmo. Conversaram sobre vários assuntos. Após Rosemary ter contado alguns dos desempenhos de Guy na televisão, Terry identificou-o prontamente ("Já sei quem é! Você é casada com ele? Isso *é* bárbaro!"). Falaram sobre o passado sinistro do Bramford, que Terry desconhecia por completo, e sobre a visita que o Papa faria a Nova York em breve. Terry era católica, como Rosemary, mas, ainda que tivesse abandonado a religião, estava para conseguir um lugar na grande missa campal que seria celebrada no Yankee Stadium. Deixaram a roupa no secador e subiram juntas para o sétimo andar. Rosemary convidou-a para conhecer o apartamento, mas Terry declinou, dizendo:

— Vamos deixar para mais tarde. Os Castevet jantam às seis e não gosto de chegar atrasada. O melhor é fazermos o seguinte: assim que vocês acabarem de jantar, avise-me. Desceremos juntas para pegar a roupa e na volta conhecerei sua casa.

Quando chegou, Guy já estava em casa, comendo salgadinhos e vendo um filme na televisão.

— A julgar pelo tempo que demorou — brincou —, não haverá roupas

mais limpas do que as nossas em todo o mundo.

Rosemary contou-lhe sobre o encontro com Terry e sobre os Castevet e repetiu o que Terry dissera a respeito deles. Guy fingiu não dar muita importância, mas Rosemary percebeu que ficara lisonjeado. Andava muito deprimido ultimamente, pois achava que outro ator, Donald Baumgart, e não ele, seria o escolhido para um papel que ambos disputavam numa nova comédia. Veja só, comentara, *Donald Baumgart!* Isso lá é nome de artista? Parecia ter se esquecido de que seu próprio nome, antes de mudá-lo, era Sherman Peden...

Rosemary e Terry foram buscar a roupa às oito. Na volta, entraram para que Terry conhecesse o apartamento e, lógico, Guy. Mostrou-se deslumbrada ao ver em carne e osso um artista de televisão. Guy, por sua vez, procurou corresponder mostrando uma amabilidade excessiva, que se traduzia em elogios descabidos e num oferecer contínuo de cigarros, bebida e comida. Terry não conhecia o apartamento, pois os Castevet e a sra. Gardênia tinham se desentendido pouco antes de ela ter vindo morar com eles. Logo depois a velha senhora entrara em coma e falecera. Terry mostrou-se encantada:

— Que lindo! E o apartamento mais bonito que conheço.

— Não, não diga isso — corrigiu Rosemary. — Ainda não está arrumado. Quando estiver pronto, acho que ficará realmente bem gostoso.

Quando se despediram, Guy estalou os dedos e apontou para Terry:

— Já sei com quem você se parece. É a cara de Anna Maria Alberghetti!

No dia seguinte, numa embalagem de luxo da loja Bonniers, receberam um presente de Hutch: um bonito balde de gelo, de madeira clara, forrado de vidro vermelho. Rosemary telefonou para agradecer. Hutch tinha ido conhecer o apartamento logo depois de terminada a pintura, mas não voltara lá desde que eles se mudaram. Rosemary explicou que ainda não o convidara porque o sofá e as cadeiras não tinham sido entregues pela loja.

— Nem pense nisso, minha querida! Estou interessado em saber como vão vocês e se tudo está em ordem aí no Bram.

Rosemary contou-lhe tudo, sem omitir os detalhes mais engraçados:

— E os vizinhos não me parecem anormais. A não ser normalmente anormais, como homossexuais: temos dois no apartamento da frente. Ao lado, um casal simpático chamado Gould que cria gatos persas, numa casa de campo na Pensilvânia. Vão nos dar um quando quisermos.

— Gato persa solta pêlo...

— Há também um casal de velhos, que ainda não conhecemos, gente tão boa que apanhou uma moça na sarjeta, curou-a do vício da heroína e agora vai matriculá-la num curso de comércio.

— Está me parecendo que vocês se mudaram na verdade para o Edifício Paraíso — gracejou Hutch. — Estou muito contente com essas boas novas.

— Mas o porão é meio sinistro. Fico com ódio de você cada vez que vou lá.

— Ódio de mim, por quê?

— Por causa de suas histórias.

— Se você se refere às que escrevo, concordo plenamente; se pensa nos casos que lhes contei, deve ter tanto ódio de mim quanto do alarme de incêndio que avisa no caso de fogo, ou da meteorologia quando prevê um furacão.

Não querendo insistir, Rosemary tranqüilizou-o:

— Mas a coisa ficou melhor quando comecei a ir à lavanderia junto com a tal moça.

— Muito bem — concordou Hutch. — A influência de sua saúde mental e física já se faz notar, e o Bram não é mais a antiga câmara dos horrores. Faça bom uso do balde de gelo e dê um abraço por mim no Guy.

Os Kapp do apartamento 7D, apareceram para uma visita rapidinha. Eram um casal gordo e bonachão e traziam consigo sua filha Lisa, de dois anos de idade.

— Como é que você se chama? — perguntou a menina, sentada no carrinho. — Você comeu toda a sua comida? Já comeu o Capitão Crunch?

— Meu nome é Rosemary. Comi toda a comida, mas nunca ouvi falar no Capitão Crunch. Quem é ele?

Numa sexta-feira, dia 17 de setembro, Rosemary e Guy foram com mais dois casais amigos à pré-estréia de uma peça chamada *Mrs. Dally* e depois a uma festa que o fotógrafo Dee Bertillon oferecia em seu estúdio da Rua 48. Guy e Bertillon iniciaram uma polêmica a respeito das limitações que a Sociedade dos Atores impunha aos artistas estrangeiros. Guy era a favor e Bertillon contra. Como a discussão foi se tornando cada vez mais azeda, por mais que os amigos comuns procurassem minimizá-la com brincadeiras e piadas, Rosemary e Guy resolveram sair cedo, lá pela meia-noite.

A temperatura estava amena e agradável, por isso foram voltando vagarosamente a pé para casa; ao se aproximarem da massa escura do Bramford, viram, na calçada, um grupo de vinte ou mais pessoas rodeando um carro estacionado. Duas viaturas de polícia, paradas em fila dupla, mantinham guarda, com suas luzes piscando sem cessar.

Guy e Rosemary apressaram o passo, com um mau pressentimento. Os carros que passavam diminuíam a marcha para observar; as janelas do Bramford se abriam e cabeças apareciam entre as gárgulas de pedra. O porteiro da noite, Toby, apareceu com um cobertor cinza, que um policial apressou-se em pegar.

O teto do carro estacionado, um Volkswagen, estava inteiramente amassado e seu pára-brisa parecia uma teia de vidro rachado.

— Está morta — disse alguém.

— Olhei para cima e vi aquele vulto, como uma águia gigantesca que não podia mais voar — comentou outro curioso.

Rosemary e Guy, na ponta dos pés, procuravam ver o que acontecera. Um policial ordenou:

— Afastem-se, por favor.

O povo se separou um pouco. Na calçada, com um dos olhos ainda aberto e a outra metade da face transformada em massa sangrenta, jazia Terry. O cobertor que a cobria ia aos poucos se tingindo de vermelho.

Rosemary virou as costas, com os olhos fechados, sua mão automaticamente fazendo o sinal-da-cruz. Cerrou a boca com força, para não vomitar ali mesmo.

Guy respirou profundamente e exclamou:

— Deus de misericórdia!

— Afastem-se, por favor — repetiu um guarda.

— Nós a conhecemos — balbuciou Guy.

Outro policial de bonitos olhos azuis se aproximou perguntando:

— Qual era o nome?

— Terry.

— E o sobrenome

— Rô, qual o sobrenome de Terry?

Rosemary abriu os olhos e respirou fundo.

— Não sei bem, um sobrenome italiano complicado, começando com G. Ela fazia piadas a respeito dele. Dizia que nem mesmo sabia como se escrevia.

— Estava morando no mesmo andar que nós, no apartamento 7À, com um

casal chamado Castevet.

— Já sabemos disso — comentou o policial de olhos azuis.

Um outro guarda aproximou-se, trazendo nas mãos uma folha amarela de papel de carta. O sr. Micklas vinha logo atrás, com a cara sombria e vestindo uma capa de chuva sobre um pijama listrado.

— Aqui está o bilhete de despedida. E curto e incisivo. Prendeu-o na janela da sala com um esparadrapo, para que não voasse — disse o guarda que chegara ao outro, dando-lhe o papel.

— Havia alguém no apartamento?

— Negativo.

O guarda de olhos azuis leu o que estava escrito na folha de papel e sacudiu a cabeça:

— Theresa Gionoffrio — falou, pronunciando o nome de maneira correta. Rosemary concordou.

— Quem a visse na quarta-feira, tal como a vimos, seria incapaz de imaginar que tivesse algum mau pensamento na cabeça — afirmou Guy.

— A julgar por isto, era só o que tinha — retrucou o guarda mostrando o bilhete, que dobrou e guardou numa caderneta.

— Os senhores a conheciam? — perguntou o sr. Micklas.

— Há pouco tempo — respondeu Rosemary.

— É verdade. Eram vizinhos.

Guy virou-se para Rosemary, dizendo:

— Vamos, querida. Vamos para casa.

— Alguma idéia de onde possam estar os Castevet? — prosseguiu o guarda.

— Nenhuma — respondeu Guy. — Nem ao menos os conhecemos.

— Costumam estar em casa sempre nesta hora. Nossos quartos são contíguos e geralmente ouvimos suas vozes.

Guy passou o braço pela cintura de Rosemary, insistindo:

— Vamos meu bem. — Cumprimentaram com a cabeça o guarda e o sr. Micklas e se dirigiram ao prédio.

— Aí estão eles — exclamou o sr. Micklas. Rosemary e Guy pararam e se viraram para olhar. Vindo do centro da cidade, tal como eles tinham feito momentos atrás, aproximava-se um casal: a mulher alta, forte, de cabelos brancos, o homem igualmente alto, porém magro e trôpego.

— São os Castevet? — perguntou Rosemary ao sr. Micklas, que respondeu afirmativamente com a cabeça.

A sra. Castevet, toda vestida de azul com complementos brancos, amparava o marido pelo braço como se fosse uma enfermeira. Trazia pendurado no pescoço, por uma correntinha, óculos de aros cor-de-rosa. O sr. Castevet era uma orgia de cores: paletó de lonita com listras coloridas em vários tons, calça vermelha, gravata rosa e um chapéu cinza com uma fita rosa. Devia beirar os setenta e cinco anos; ela parecia um pouco mais moça. Aproximaram-se com uma expressão entre alegre e curiosa. Quando o guarda se dirigiu a eles o sorriso diminuiu e finalmente desapareceu. A sra. Castevet disse algo ao marido com expressão preocupada. Ele franziu a testa e abanou a cabeça. Tinha um rosto estranho, com lábios finos e rosados, como se pintados, faces encovadas e

pálidas, olhos profundos, pequenos e brilhantes.

O guarda perguntou:

— Os senhores são os Castevet, moradores do sétimo andar?

— Sim — respondeu o sr. Castevet numa voz quase inaudível.

— Havia uma moça, Theresa Gionoffrio, que morava com os senhores?

— Há. Por quê? Algo errado? Algum acidente?

— Preparem-se para más notícias — preveniu o policial observando-os com atenção por alguns momentos. — Ela está morta. Suicidou-se. Pulou pela janela.

O casal olhou-se sem mudar de expressão, como se nada tivessem ouvido. A sra. Castevet deu um passo para a frente, olhou o cobertor ensangüentado, endireitou-se e encarou o guarda:

— Não é possível — retrucou, naquele inconfundível sotaque do Meio-Oeste. — Deve haver algum engano. Não pode ser ela.

Sem virar a cabeça, o guarda chamou:

— Artie, deixe estas pessoas olharem o corpo, por favor.

A sra. Castevet se dirigiu com passos firmes para o cadáver que jazia sob o cobertor.

O sr. Castevet permaneceu onde estava, dizendo:

— Eu sabia que isso ia acontecer. Vinha notando que ela estava ficando cada vez mais deprimida. Avisei minha mulher, que não deu a menor importância. É uma otimista, e sempre se recusa a admitir que as coisas não sejam exatamente como espera.

— Isso não significa que ela tenha se suicidado. Era uma pessoa feliz, sem tendência à autodestruição. Deve ter sido um acidente. Poderia estar limpando as vidraças e perder o equilíbrio. Estava sempre procurando nos fazer surpresas, limpando ou arrumando a casa — afirmou a sra. Castevet indignada.

— Não iria limpar vidraças à meia-noite — replicou o marido.

— E por que não?

O guarda abriu a caderneta e, tirando a folha de papel amarela, entregou-a ao casal.

A sra. Castevet hesitou, abriu o bilhete e leu. O sr. Castevet inclinou-se para ver melhor, acompanhou a leitura, seus lábios rubros movendo-se como a soletrar as palavras.

— Esta letra é a dela? — quis saber o guarda.

— Sem a menor dúvida — respondeu o sr. Castevet.

O policial estendeu a mão, recebendo de volta a folha de papel, e comentou:

— Devolverei aos senhores assim que for examinada pela perícia.

A sra. Castevet tirou os óculos, deixando-os pendurados no pescoço pela correntinha e cobriu os olhos com as mãos.

— Não posso acreditar. *Nada* me fará acreditar. Ela estava tão feliz. Todos os seus problemas tinham ficado no passado. — O sr. Castevet abraçou-a e sacudiu a cabeça como que penalizado.

— Sabem se tinha algum parente? — perguntou o guarda.

— Nenhum. Não tinha ninguém a não ser nós.

— Não tinha um irmão? — interveio Rosemary.

A sra. Castevet tornou a colocar os óculos e virou-se para ela. O sr. Castevet fixou-a com os olhos brilhantes sob a aba do chapéu.

— Tinha? — insistiu o guarda.

— Foi o que me disse. Que tinha um irmão na Marinha — respondeu Rosemary.

— Isso para mim é novidade — disse a sra. Castevet e o marido confirmou:

— Para mim também.

O policial dirigiu-se a Rosemary:

— Sabe qual o seu posto ou onde estaria servindo?

— Não, não sei. — Virando-se para os Castevet continuou:

— Ela o mencionou de passagem, quando nos conhecemos na lavanderia. Meu nome é Rosemary Woodhouse.

— Moramos no 7E — esclareceu Guy.

— Imagino como deve estar se sentindo, sra. Castevet. Ela parecia tão feliz, tão cheia de esperanças quanto ao futuro. Disse coisas maravilhosas a respeito da senhora e de seu marido, do quanto tinham feito por ela e da gratidão que sentia pelos senhores.

— Obrigada — agradeceu a sra. Castevet.

— Grato por suas palavras. Aliviam um pouco nossa consciência — acrescentou o sr. Castevet.

— Não sabem nada a respeito desse irmão, a não ser que estava na Marinha? — indagou o guarda.

— É tudo que sei — respondeu Rosemary. — Acho que ela não gostava muito dele.

— Deve ser fácil localizá-lo — comentou o sr. Castevet. — Com um sobrenome como Gionoffrio...

Guy passou novamente o braço pelos ombros de Rosemary e ambos se viraram em direção ao prédio.

— Estou penalizada e chocada — confessou Rosemary aos Castevet; Guy acrescentou:

— E uma pena. Que desperdício!

A sra. Castevet agradeceu e o marido disse com sua voz soturna uma frase cujas únicas palavras audíveis eram: "...nestes seus últimos dias".

Subiram, afinal. No elevador, o ascensorista não parava de repetir:

— Meu Deus, que coisa terrível!

Passaram com medo pela porta do agora fatídico apartamento 7A. No caminho para seu próprio apartamento, encontraram o sr. Kellog, que lhes perguntou o que estava acontecendo lá embaixo. Contaram-lhe.

Sentaram-se por algum tempo na beirada da cama, conversando e imaginando o que teria levado Terry ao ato de extremo desespero. Se ao menos os Castevet tivessem mostrado o bilhete, poderiam ter uma noção mais clara das razões que ela alegara. E mesmo que soubessem o que estava escrito nele, nem assim teriam uma resposta, pois talvez nem a própria Terry a soubesse dar.

Alguma coisa a tinha levado às drogas e também a tinha chamado para a morte; o que seria isso era tarde demais para descobrir.

— Você se lembra do que Hutch disse? A respeito do grande número de suicídios neste prédio?

— Ora, Rô, é tudo bobagem. Essa história de "zona perigosa"...

— Hutch acredita piamente que ela existe.

— Isso é problema dele.

— Imagino só o que irá dizer quando souber desta tragédia.

— Não lhe conte nada. Certamente não irá saber pelos jornais, pois começo hoje uma greve dos gráficos que promete se estender por um mês ou mais.

Tomaram um banho de chuveiro, terminaram uma partida de palavras cruzadas, amaram-se e fizeram uma ceia com os restos de comida que estavam na geladeira. Antes de dormir, lá pelas duas e meia, Guy lembrou-se de chamar a central de recados, e recebeu a notícia de que fora contratado para fazer um comercial dos vinhos Cresta Blanca.

Guy dormiu imediatamente, mas Rosemary ficou acordada, vendo o rosto de Terry, esmagado e sanguinolento, com um olho aberto olhando para o céu. Depois de algum tempo, porém, ela se viu de volta ao colégio. A irmã Agnes, furiosa, com os punhos cerrados, a expulsava como monitora da classe: — Não sei como você pretende ser líder de alguma coisa...

Uma batida seca vinda do quarto vizinho, acordou Rosemary. A sra. Castevet dizia:

— Não adianta contar o que Laura-Louise disse. Não estou interessada.

Rosemary virou-se na cama e cobriu a cabeça com o lençol. Mas teve um pesadelo, no qual tudo lhe parecia confuso.

A irmã Agnes estava furiosa. Como sempre acontecia nessas ocasiões, seus olhinhos brilhavam de maldade. Por culpa de Rosemary, todas as janelas do colégio tinham sido muradas e, por isso, não poderia mais participar do concurso As Mais Belas Escolas, patrocinado pelo jornal *World-Herald*.

— Se você prestasse mais atenção, não teríamos que fazê-lo — gritou a irmã Agnes com forte sotaque do Meio-Oeste. — Já estaríamos prontos para o concurso. Agora vamos ter de fazer tudo de novo.

Tio Mike, o diretor do colégio, tentou acalmá-la, mas a irmã Agnes, continuando a fitar Rosemary com seus olhinhos maldosos, prosseguiu:

— Eu lhe disse para calar o bico. Sabia que ela não iria aceitar. Depois do fato consumado, seria outra coisa.

Rosemary tinha dito à irmã Verônica que as janelas do colégio estavam sendo muradas, e ela decidira desistir da competição. Rosemary acreditava que uma escola católica não deveria concorrer se não fosse de maneira leal e correta.

— Temos de arranjar outra monitora. Outra qualquer. Jovem, sadia e que não seja virgem. Não precisa ser uma vagabunda viciada em tóxicos apanhada na sarjeta. Mas qualquer uma, jovem e sadia, que não seja virgem.

Rosemary virou-se na cama, pois nem o tio Mike parecia mais estar entendendo o que dizia a irmã Agnes. Encontrou-se então entre os irmãos e as irmãs. Era uma sábado à tarde. A turma toda ia tomar um lanche e depois assistir

uma sessão de cinema.

Na segunda-feira seguinte, enquanto Rosemary guardava os enlatados que acabara de comprar na mercearia, a campainha tocou. O olho mágico revelou o rosto solene e circunspecto da sra. Castevet, com um lenço azul e branco enrolado na cabeça para esconder os *bobs*.

Rosemary abriu a porta, dizendo:

— Que prazer! Como vai a senhora?

A sra. Castevet sorriu debilmente.

— Mais ou menos. Posso entrar por um instante?

— É claro, entre, por favor. — Rosemary tirou a corrente de segurança e abriu a porta. Um cheiro levemente azedo, que lembrava o talismã de Terry, emanava da sra. Castevet. Vestia calça comprida muito justa, roupa que jamais deveria usar, pois realçava seus quadris maciços, com ondas de gordura mal distribuída. A calça era verde-limão, a blusa azul e uma chave de parafuso estava enfiada no bolso traseiro. Parando no corredor, entre a saleta e a cozinha, colocou os óculos, sempre pendurados na corrente, e sorriu para Rosemary. Seus olhos lembraram Rosemary do pesadelo que tivera noites atrás — o tal pesadelo em que apareciam a irmã Agnes e as janelas muradas do colégio. Rosemary sorriu também, tentando adivinhar o que a sra. Castevet desejava.

— Vim para agradecer — começou a sra. Castevet. — Agradecer pelas coisas amáveis que nos disse, sobre o que Terry sentia a nosso respeito. Não podem imaginar o conforto que sentimos, num momento de choque como aquele, em saber que não havíamos falhado e que não tínhamos a menor parcela de responsabilidade pelo que acontecera. A mensagem que ela deixou era bastante clara; seu ato foi de livre e espontânea vontade. Ainda assim foi confortador escutar, de pessoas em quem ela confiara, sua palavra quase derradeira.

— Por favor, não há o que agradecer. Apenas repetimos o que ela nos contou — atalhou Rosemary.

— Há pessoas que não se dariam ao trabalho. Virariam as costas por preguiça ou inércia, ou para não se envolverem em coisas desagradáveis. Quando se fica mais velho é que se percebe que atos de bondade se tornam cada vez mais raros e difíceis neste mundo em que vivemos. Por isso quero agradecer, em meu nome e no de Roman. Roman é meu marido, sabe?

— Não há o que agradecer. Fico contente por ter ajudado.

— Ela foi cremada ontem de manhã, numa cerimônia simples. E o que desejaria. Agora teremos que esquecer e continuar a vida. Não vai ser fácil. Como não tivemos filhos, ela era um ser especial em nossa vida. Vocês têm filhos?

— Não. Ainda não.

A sra. Castevet olhou para a cozinha, exclamando:

— Que graça! Ficaram lindas essas panelas de cobre na parede. E está

interessante o cantinho do café da manhã.

— Foi copiado de um livro de decoração — disse Rosemary.

— A pintura do apartamento está ótima. Foi o proprietário quem pagou? Aposto que deram um dinheirinho extra aos pintores. A pintura lá de casa não chega aos pés desta.

— Demos apenas uma gorjeta de cinco dólares a cada um — respondeu Rosemary.

— Só isso? — A sra. Castevet virou-se e olhou a saleta: — Que bom! Uma saleta de televisão!

— É só temporária, espero. Futuramente será o quarto das crianças.

— Você está grávida? — especulou a sra. Castevet, examinando-a com atenção.

— Não. Mas espero ficar assim que tudo esteja arrumado.

— Ótimo. Espero que tenham muitos filhos. Vocês são jovens e sadios.

— Queremos uns três. A senhora gostaria de conhecer o resto do apartamento?

— Adoraria. Estou louca para ver o que você fez com ele. Vínhamos aqui freqüentemente, a inquilina anterior era uma boa amiga nossa.

— É, eu sei. Terry me contou. — Rosemary passou à frente da sra. Castevet para indicar o caminho.

— Ah! É mesmo? Parece que vocês duas conversaram bastante naquela lavanderia...

A sra. Castevet mostrou-se encantada com a sala de estar:

— Que diferença! Parece tão maior e mais clara. E que poltrona linda!

— Chegou há poucos dias — orgulhou-se Rosemary.

— Quanto é que você pagou por ela?

Meio desconcertada, Rosemary respondeu:

— Não tenho bem certeza. Acho que foi coisa de uns duzentos dólares.

— Não leve a mal tantas perguntas — explicou a sra. Castevet batendo no nariz. — E por isso que tenho o nariz tão comprido: de tanto xeretar.

Rosemary riu e disse: — Claro que não. Pergunte à vontade.

A sra. Castevet inspecionou a sala, o quarto e o banheiro, perguntando quanto o filho da sra. Gardênia tinha cobrado pelo tapete e pela penteadeira, onde tinham comprado os abajures, qual a idade de Rosemary e se a escova de dentes elétrica era realmente melhor do que as comuns. Rosemary acabou se divertindo com a insaciável curiosidade da velha, com seu sotaque áspero e suas perguntas indiscretas. Convidou-a a tomar um café.

Sentada na mesa da cozinha e examinando os preços impressos nas latarias, a sra. Castevet perguntou:

— E o que faz seu maridinho?

Rosemary contou.

— Eu sabia! — exclamou. — Disse ontem a Roman que um rapaz bonitão daquele jeito devia ser artista de cinema. Há uns três ou quatro aqui no prédio, sabe? Em que filmes trabalhou?

— Até o momento em nenhum. Atuou em duas peças: *Luther* e *Nobody Loves an Albatross*. Trabalha mais em rádio e televisão.

Tomaram o café acompanhado de bolo ali mesmo na cozinha, pois a sra. Castevet assim insistiu.

— Escute, Rosemary, estou com um belo pedaço de filé temperadinho e pronto para ir ao forno. Como Roman e eu agora estamos sós, metade será desperdiçado. Por que você e Guy não vêm jantar conosco hoje?

— Não sei, acho que não vai dar.

— E por que não? Palavra, Rosemary, ficaríamos contentes se fossem. — Olhou para Rosemary com os olhos marejados de lágrimas. — Tivemos visitas ontem e anteontem. Será a primeira vez que estaremos sozinhos depois do que aconteceu.

Penalizada, Rosemary arriscou:

— Se a senhora está certa de que não vamos incomodá-la...

— Querida, se fosse me amolar, não os teria convidado. Pode acreditar, sou tão egoísta quanto meu nariz é comprido.

— Não foi isso que Terry me contou — respondeu Rosemary sorrindo.

— Ora, Terry não sabia de quem estava falando.

— Terei de falar com Guy, mas acho que a senhora pode contar conosco.

A sra. Castevet disse, feliz:

— Ótimo! Combine tudo. Mas diga a ele que não aceitarei uma recusa. Quando ele ficar famoso, quero dizer a todos que o conheci no começo da carreira.

Tomaram o café conversando sobre as dificuldades e os prazeres da carreira teatral, a má qualidade dos novos shows de televisão e a greve nos jornais.

Ao se despedir, a sra. Castevet perguntou:

— Às seis e meia é muito cedo para vocês?

— Não, será perfeito.

— Roman não gosta de jantar tarde. Sofre de má digestão e não consegue dormir direito se come muito tarde. Sabe onde é nosso apartamento, não é? Às seis e meia em ponto no 7A. Estaremos aguardando vocês com ansiedade.

Ao sair, viu os envelopes sobre o capacho e comentou:

— Olhe, querida, chegou sua correspondência. Quase só anúncios. Bem, é melhor do que nada.

Guy chegou, de péssimo humor, lá pelas três horas. Soubera por seu agente que, como temia, o papel que tanto desejara na nova peça tinha sido entregue a Donald Baumgart (que nome pouco teatral!). Rosemary beijou-o, fez com que se instalasse na poltrona nova e trouxe-lhe um sanduíche de queijo derretido e uma cerveja em lata. Lera a peça e não gostara, provavelmente nem chegaria à Broadway, e Donald Baumgart não sairia da obscuridade, disse a Guy, tentando consolá-lo.

— Mesmo que a peça seja um fracasso, o papel é excelente e será muito comentado pela crítica. Com um bom desempenho um ator está feito. — Guy abriu o sanduíche, olhou o recheio com indiferença, tornou a fechá-lo e começou a comer.

— A sra. Castevet esteve aqui hoje de manhã. Veio para agradecer termos repetido o que Terry me havia dito a respeito deles. Acho que no fundo ela queria era ver o apartamento. É a pessoa mais xereta que já conheci. Acredita que perguntou o preço de *tudo?*

— Você está brincando.

— E vai logo dizendo que é curiosa mesmo, o que faz com que a gente ache graça em vez de se chatear. Chegou a passar em revista até o armário de remédios.

— Assim, sem mais nem menos?

— Assim mesmo. E sabe o que estava vestindo?

— Um saco de farinha de trigo com três interrogações.

— Não, calça de toureiro!

— Calça de toureiro?

— Verde-limão, ainda por cima.

— Meu Deus!

Rosemary ajoelhou-se no chão e começou a tomar a medida das janelas para fazer almofadas dos bancos que ficavam sob o parapeito.

— Convidou-nos para jantar com eles hoje — disse olhando para Guy. — Respondi que teria de falar com você, mas que provavelmente iríamos.

— Essa não, Rô. Como é que você foi aceitando assim?

— Acho que se sentem sós. Por causa de Terry.

— Querida, se começarmos uma amizade com um casal de velhos como esse, não vamos conseguir nos livrar deles. Ainda mais morando no mesmo andar e sendo ela intrometida como você acabou de afirmar.

— Eu lhe disse que podia contar conosco.

— Pensei que tivesse falado que iria me consultar primeiro.

— Sim... mas, coitada, pareceu-me *tão* infeliz, tão certa de que você toparia, que não tive jeito de desapontá-la.

— Hoje não é minha noite de escoteiro. Não estou com vontade de praticar uma boa ação e ser bonzinho com *Ma e Pa Kettle*. Sinto muito, minha filha, mas você vai pegar o telefone, ligar para ela e dizer que nada feito.

— Está bem, você é quem decide — finalizou Rosemary, continuando a tirar as medidas.

Guy terminou de comer e brincou:

— Vai ficar zangadinha por muito tempo?

— Não estou zangada. Acho que você tem razão. Seus argumentos são todos válidos. Não estou zangada, não.

— Que diabos! Está bem, vamos lá.

— Não, não, para quê? Já fiz as compras e não me custará nada aprontar o jantar.

— Está resolvido, vamos. Vou acabar tendo minha noite de escoteiro.

— Muito bem, mas só se você quiser de *verdade*. Procuraremos fazer com que percebam que isso não significa o início de uma grande amizade. Certo?

— Certo.

Alguns minutos antes das seis e meia, Rosemary e Guy saíram de seu apartamento e caminharam pelos corredores atapetados de verde em direção à porta dos Castevet. Quando Guy tocou a campainha, o elevador ao lado abriu-se, saindo dele a figura de Dubin ou de DeVore (nunca sabiam quem era quem), carregando um terno num saco de plástico, desses de lavanderia. Sorriu para eles e falou brincando: — Vocês não estão batendo em porta errada? — Rosemary e Guy riram enquanto Dubin (ou DeVore) abria a porta do 7B, avisando: — Sou eu.

A porta dos Castevet abriu-se e a velha senhora apareceu, toda penteada e pintada, vestida de verde com um aventalzinho rosa. Recebeu-os com um sorriso, elogiando:

— Chegaram na horinha. Roman está preparando os drinques. Guy, como estou satisfeita que tenha vindo! Não vejo a hora de contar aos meus amigos que o famoso Guy Woodhouse esteve em minha casa no começo de sua carreira. Ora, já jantou *nesta* mesa, comeu *neste* prato. Aliás, nem vou lavá-lo; guardarei como lembrança.

Guy e Rosemary se entreolharam. Os olhos dele diziam: "Sua amiga, hein?"; e os dela respondiam: "Eu não disse?"

Entraram numa ampla sala, onde estava posta uma mesa retangular, coberta com toalha de linho bordado, pratos desparelhados e fileiras de talheres de prata cinzelada. A esquerda, via-se a sala de estar, no mínimo duas vezes maior do que a deles, mas mais ou menos com a mesma disposição: tinha uma grande janela côncava em lugar de duas pequenas e uma lareira imensa em mármore rosa esculpido. A sala era mobiliada de modo estranho: ao lado da lareira havia um sofá, algumas cadeiras e uma mesa com abajur; no lado oposto, uma confusão de arquivos de aço, mesas de jogo empilhadas de jornais, estantes repletas de livros e uma máquina de escrever sobre uma mesinha de metal. A frente da lareira abria-se um deserto de dez metros de área atapetada, tendo, bem ao centro, uma mesinha redonda com alguns números de *Life, Look* e *Scientific American.* O tapete parecia novo e tinha as marcas recentes do aspirador de pó. A sra. Castevet fez com que se sentassem no sofá; minutos depois a figura do sr. Castevet apareceu trazendo nas mãos uma bandeja com quatro copos transbordando um líquido rosado e transparente. Pisando com cuidado, sem tirar os olhos de sua carga e parecendo que a qualquer momento iria tropeçar e derrubar tudo, disse:

— Acho que enchi demais os copos. Por favor, não se levantem. Por favor. Geralmente trabalho com a precisão de um garçom, não *é,* Minnie?

— Cuidado com o tapete — pediu a sra. Castevet.

— Mas hoje — continuou ele, aproximando-se mais — fiz uma quantidade muito grande e, para não desperdiçar... Aqui estamos. Sãos e salvos. Sentem-se,

por favor. Aceita um, sra. Woodhouse?

Rosemary tirou um copo, agradeceu e sentou-se. A sra. Castevet rapidamente deu-lhe um guardanapo de papel.

— Sr. Woodhouse, aceita um Vodca Blush? Já tomou este coquetel?

— Nunca, mas vou experimentar — respondeu Guy tomando um copo e sentando-se.

— Você quer, Minnie?

— Tem uma aparência ótima — elogiou Rosemary com um sorriso meio forçado, enquanto disfarçadamente procurava enxugar a base do copo.

— São muito apreciados na Austrália — comentou o sr. Castevet. Tomou o copo restante e ergueu-o na direção de Rosemary e Guy: — A saúde de nossos convidados. Bem-vindos a nosso lar. — Bebeu, fechando os olhos para saborear melhor e da bandeja inclinada caíram algumas gotas molhando o tapete.

A sra. Castevet engasgou ao ver o estrago e logo reclamou:

— Roman, o tapete!

O sr. Castevet abriu os olhos e equilibrou a bandeja.

— Um tapete novo. Novinho em folha. Que sujeito desajeitado!

O Vodca Blush estava realmente delicioso.

— Vocês vieram da Austrália? — quis saber Rosemary, depois de o tapete ter sido enxuto, a bandeja guardada na cozinha e os Castevet estarem finalmente instalados em cadeiras de espaldar reto.

— Não, nasci aqui mesmo, em Nova York — respondeu o sr. Castevet —, mas já morei na Austrália. Aliás, já estive *literalmente* no mundo inteiro. — Tomou mais um gole do drinque e continuou: — Em *todos* os continentes, em *todos* os países, em *todas* as grandes cidades. Pode citar um nome qualquer e aposto como já estive lá. Vamos, diga um.

— Fairbanks, Alasca — arriscou Guy.

— Conheço. Aliás, conheço todo o Alasca: Fairbanks, Juneau, Anchorage, Seward, etc. Passei quatro meses lá, em 1938, e percorri todo o território. Conheço até as cidadezinhas que nem aparecem nos mapas.

— E vocês, de onde são? — perguntou a sra. Castevet.

— Sou de Omaha — respondeu Rosemary. — Guy é de Baltimore.

— São cidades ótimas.

— O senhor viaja a negócios? — indagou Guy.

— Negócios e prazer. Tenho setenta e nove anos e ando percorrendo este nosso mundo desde os dez. E como já disse: pode indicar um nome que já estive lá.

— Qual o seu ramo de negócios?

— Todos. Lã, açúcar, brinquedos, máquinas, seguros, petróleo...

Uma campainha tocou lá na cozinha. A sra. Castevet levantou-se com o copo na mão, dizendo:

— O filé está pronto. Mas não tomem os drinques correndo. Levem-nos para a mesa. Roman, não se esqueça de seu remédio.

— Vai terminar em 3 de outubro — comentou o sr. Castevet —, bem na véspera da chegada do Papa. Nenhum Papa visitaria uma cidade com os jornais em greve.

— Ouvi na televisão que ele vai adiar a viagem até que a greve acabe — emendou a sra. Castevet.

— É, gente de teatro é assim. Não vai entrar numa fria dessas fazendo uma viagem sem a cobertura da imprensa — completou Guy brincando.

O casal Castevet riu gostosamente, Rosemary, meio contrafeita, sorriu e começou a comer. O filé estava ressecado e sem gosto e vinha acompanhado de ervilhas e purê de batatas, cobertos por um molho pastoso.

Sempre rindo, o sr. Castevet continuou:

— Acertou em cheio, Guy. Aquilo é mesmo um teatro.

— Um espetáculo completo — corrigiu Guy.

— As roupagens, o ritual, a música... Mas não é só na Igreja Católica. Todas as religiões são a mesma coisa. Um circo para distrair a plebe ignara — afirmou o sr. Castevet.

— Acho que Rosemary não está gostando da conversa — notou a dona da casa.

— Fui criada na religião católica, mas hoje sou agnóstica. Não fiquei aborrecida. Palavra.

— E você, Guy, é agnóstico também? — quis saber o sr. Castevet.

— Creio que sim. Não vejo em que acreditar. Afinal, não há provas irrefutáveis quer da existência, quer da inexistência de Deus.

— É isso mesmo.

Observando Rosemary com atenção, a sra. Castevet continuou:

— Percebi que ficou meio constrangida quando rimos da piada de Guy a respeito do Papa.

— Bem, é o *Papa*. Acho que fui educada para admirá-lo e respeitá-lo, ainda que não o considere mais uma figura sagrada.

— Se pensa assim, mais uma razão para não o reverenciar, pois ele anda por aí enganando todo mundo, dizendo que é *sagrado*.

— Argumentação perfeita, sra. Castevet — concordou Guy.

— Quando penso no que gastam em roupas e jóias...

— Um bom exemplo da hipocrisia que está por trás das religiões foi mostrado, a meu ver, naquela peça inglesa *Luther*. Pelo que Minnie me contou, você participou dela num papel importante, não foi, Guy? — perguntou o sr. Castevet.

— Papel importante? Não, nada disso!

— Você não era o substituto de Albert Finney?

— Não, o substituto dele era o rapaz que tinha o papel de Weinand. Fiz apenas duas pontas nessa peça.

— Engraçado, seria capaz de jurar que era você. Lembro-me de um gesto seu, um gesto tão perfeito que procurei descobrir no programa quem era o ator.

— Que gesto?

— Não me lembro bem, um movimento de braços.

— Seria por acaso naquela hora em que Luthero tinha a crise de epilepsia e eu procurava apoiá-lo? Uma coisa assim...

— Exatamente. Tinha tamanha autenticidade, em contraste com as atitudes mecânicas e estudadas dos outros atores, que cheguei a me perguntar por que *você* não estava no papel principal.

— Agradeço, mas não exageremos...

— Palavra, achei o desempenho de Finney muito forçado. Gostaria de saber o que você teria feito em seu lugar.

— Somos dois a nos perguntarmos o mesmo. — Guy lançou um olhar triunfante em direção a Rosemary, que sorriu contente ao constatar que Guy estava satisfeito. Ficara livre de possíveis recriminações sobre uma noite perdida com *Ma e Pa Kettle*.

— Meu pai era produtor teatral — continuou o sr. Castevet. — Passei minha infância na companhia de atores da estatura da sra. Fiske, Forbes-Robertson, Otis Skinner e Modjeska. É por isso que exijo de um ator um pouco mais de que talento. Você, Guy, tem uma qualidade indefinível, que aparece até mesmo quando faz um comercial. Essa qualidade irá levá-lo ao ponto mais alto de sua profissão, desde que tenha a sorte de encontrar a *chave de ouro* que abre as portas do sucesso e da qual nenhum ator pode prescindir. Você está trabalhando em algum papel?

— Estou tentando conseguir um ou dois.

— Não posso acreditar que tenha dificuldade em consegui-los.

— Pois eu posso — respondeu Guy amargamente.

O sr. Castevet arregalou os olhos:

— Está falando sério?

A sobremesa era um pudim de abóbora à moda do interior, um pouco melhor do que o prato principal, mas Rosemary achou-o muito doce e meio enjoativo. Guy, estranhamente, elogiou bastante e até repetiu. Devia estar representando, pensou Rosemary, que conhecia o marido, ou então retribuía os elogios.

Depois do jantar, Rosemary se ofereceu para ajudar a lavar a louça. A sra. Castevet aceitou imediatamente e as duas mulheres tiraram a mesa quando Guy e o sr. Castevet foram para a sala.

A cozinha era pequena e parecia ainda menor pelo espaço tomado pela miniestufa, que Terry havia mencionado. Ficava sobre uma grande mesa branca embaixo da janela, sendo aquecida e iluminada por luzes potentes que se refletiam sobre as paredes de vidro. O espaço restante era ocupado pela pia, o fogão e a geladeira; os armários de cozinha ficavam entre um utensílio e outro. Ao lado da sra. Castevet, Rosemary trabalhava esforçadamente, com a satisfação íntima de saber que sua cozinha era maior e mais bem equipada. Disse:

— Terry contou-me sobre sua estufa.

— É um *hobby* interessante. Você devia ter uma também.

— Talvez um dia eu tenha uma horta. Quando for morar num subúrbio, é claro. Caso Guy consiga trabalhar no cinema, pretendemos morar em Los Angeles, numa casa. Continuo, no fundo, uma moça do interior.

— Sua família é numerosa?

— Sim, tenho três irmãos e duas irmãs. Sou a caçula.

— Suas irmãs são casadas?

— São, sim.

— Têm filhos? — quis saber a sra. Castevet, enquanto ensaboava um copo cuidadosamente.

— Uma tem dois e a outra, quatro. Pelo menos era essa a contagem até a última vez que falei com elas. Pode ter aumentado agora.

— É um bom sinal para você — continuou a sra. Castevet, ainda ensaboando o copo (trabalhava com lentidão minuciosa). — Se suas irmãs têm muitos filhos, você deverá ter também. Essas coisas são de família.

— Acho que somos uma família bastante fértil — comentou Rosemary, esperando com a toalha na mão para enxugar o copo. — Meu irmão Eddie já tem oito filhos e está só começando, pois tem vinte e seis anos.

— Meu Deus! — exclamou a sra. Castevet enxaguando o copo e passando-o a Rosemary.

— Acho que já são uns vinte sobrinhos. Não conheço nem a metade.

— Você não costuma visitar sua família?

— Não. Estão meio brigados comigo, com exceção de um de meus irmãos. Consideram-me a ovelha negra...

— Por quê?

— Por Guy não ser católico e por não termos casado no religioso.

— Que bobagem. Não sei como se pode fazer coisas assim em nome de uma religião. Bem, azar deles. Não deixe que isso a aborreça.

— É mais fácil dizer do que fazer. Já me aborreci muito. Mas, vamos trocar? A senhora não quer que eu lave, enquanto a senhora enxuga?

— Não, minha filha. Está ótimo assim.

Rosemary olhou para a sala. Só conseguia ver a parte tomada pelos arquivos de aço e pelas mesas de jogo; o sr. Castevet e Guy estavam sentados no outro lado, conversando. A fumaça azulada de seus cigarros pairava no ar.

— Rosemary?

Rosemary virou a cabeça. A sra. Castevet lhe estendia, com a mão numa luva de borracha verde, um prato lavado e enxaguado.

Levaram quase uma hora para lavar e secar toda a louça. Rosemary estava certa de que faria o trabalho na metade do tempo. Quando saíram da cozinha, encontraram Guy e o sr. Castevet no sofá, conversando animadamente. O velho, parecendo querer convencer Guy de alguma coisa, reforçava sua argumentação batendo com o indicador na palma da mão.

— Roman, pare de amolar Guy com suas histórias sobre Modjeska. Ele já deve estar com a paciência esgotada — disse a sra. Castevet.

— Pois acho as histórias interessantíssimas, sra. Castevet — discordou Guy.

— Viu só, Minnie?

— Por favor, vamos acabar com esse negócio de senhor e senhora. Chamem-nos de Minnie e Roman, está bem?

— Está bem, Minnie — assentiu Guy sorrindo.

Comentaram a respeito dos vizinhos, em especial Dubin e DeVore, falaram sobre o irmão de Terry, que tinha sido encontrado num hospital de marinheiros em Saigon, e, por estar o sr. Castevet lendo o Relatório Warren, também sobre o assassinato de Kennedy. Rosemary, sentada numa das cadeiras de espaldar reto, sentia-se meio fora da conversa, como se os Castevet fossem velhos amigos de Guy a quem acabasse de ser apresentada.

— Você acha que houve um complô? — perguntou-lhe de repente o sr. Castevet.

Ela respondeu meio ressabiada, como se fosse uma estranha a quem o dono da casa, por gentileza, procurasse entrosar na conversa. Pediu licença e foi ao banheiro, onde encontrou toalhas de papel florido com a inscrição "Para Hóspedes" e um livro, não muito engraçado, com o título *Leituras para o Trono*.

Saíram lá pelas dez e meia, despedindo-se e agradecendo aos donos da casa e prometendo repetir em breve a visita, promessa completamente mentirosa, pelo menos da parte de Rosemary. Saíram e, logo que ultrapassaram o primeiro corredor, entreolharam-se e soltaram ao mesmo tempo um suspiro exagerado de alívio.

— Roman, pare de amolar Guy com suas histórias sobre Modjeska — imitou Guy, com o sotaque e a expressão perfeitos de Minnie.

Rosemary, mal contendo um acesso de riso, fez sinal de silêncio e entraram, como crianças, na ponta dos pés e de mãos dadas, em seu apartamento. Fecharam a porta, passaram a corrente de segurança e a tranca e Guy fingiu pregar com diligência três tábuas de madeira pesada, arrastar um pesado móvel e levantar uma ponte levadiça imaginária. Enxugou a testa e, arfando com o esforço hercúleo, virou-se para Rosemary, que estava dobrada de tanto rir:

— E aquele filé?

— Meu Deus! E o pudim! Como é que você conseguiu repetir? E preciso ter estômago.

— Minha cara menina, esse foi um ato de coragem sobre-humana e de total sacrifício. Pensei comigo mesmo: aposto como *nunca* uma pessoa pediu a essa velha coruja para repetir um prato. Resolvi dar uma colher de chá. Você sabe que às vezes sinto ímpetos incontroláveis de cavalheirismo — brincou Guy, fazendo gestos de grão-senhor.

— Ela cultiva ervas e especiarias numa estufa na cozinha. Quando atingem determinado tamanho, arranca-as e joga pela janela.

— Cuidado! As paredes têm ouvidos. E aqueles talheres de prata, hein?

— Não é engraçado? Pratos desparelhados e talheres divinos!

— Vamos bancar os bonzinhos; talvez façam um testamento deixando-os para nós.

— Vamos ser mauzinhos e comprar os nossos. Você foi ao banheiro?

— Não, por quê?

— Adivinhe o que tem lá.

— Já sei, um bidê.

— Não. Um livro intitulado *Leituras para o Trono!*

— Mentira!

— Sim, senhor! Um livro pendurado numa correntinha, bem ao lado do vaso.

Guy sorriu, sacudindo a cabeça. Começou a tirar as abotoaduras, dizendo:

— As histórias que Roman contou eram um bocado interessantes; nunca tinha ouvido falar em Forbes-Robertson, mas parece ter sido um dos grandes artistas da época. — Parecia ter dificuldades em retirar a abotoadura direita. — Vou voltar lá amanhã para ouvir mais coisas.

— Você pretende ir novamente lá, amanhã? — Rosemary olhou para ele, incrédula.

— Sim, Roman convidou-me. — Estendeu o braço para Rosemary, pedindo: — Veja se consegue tirar esta.

Rosemary dirigiu-se a ele, procurando ajudá-lo, e, meio desconcertada, falou:

— Pensei que fôssemos sair com Jimmy e Tiger.

— Mas já estava combinado? — perguntou Guy sem encará-la. — Pensei que tinha ficado de confirmar.

— Bem, não *em definitivo*.

Guy encolheu os ombros:

— Então vamos deixar para outro dia.

Rosemary tirou a abotoadura estendendo-a a Guy, que continuou:

— Você não precisa ir. Se preferir fique em casa.

— Acho que é o que vou fazer — respondeu Rosemary sentando-se na cama.

— Ele conheceu Henry Irving também. Conheceu um bocado de gente importante.

Rosemary tirou as meias.

— Por que será que tiraram os quadros da parede?

— Que quadros?

— Sei lá, mas havia quadros nas paredes da sala e do corredor que dá para o banheiro. Os pregos ainda estão nelas e as marcas são visíveis. Tentaram cobrir uma com outro quadro, mas não conseguiram, pois era menor que o original.

— Não reparei — disse Guy olhando para ela.

— E por que teriam na sala todos aqueles móveis de escritório?

— Isso ele me explicou. É que Roman publica uma revistinha para colecionadores de selos. E assinada por gente do mundo inteiro. Por isso é que recebe tanta correspondência de fora.

— Está certo, mas por que na sala? Com um apartamento daquele tamanho, por que não usar um dos quartos?

Guy chegou perto de Rosemary e apertou-lhe o nariz carinhosamente, dizendo:

— Você está mais xereta do que Minnie. — Deu-lhe um beijinho na testa e entrou no banheiro.

Alguns minutos mais tarde Rosemary estava na cozinha fervendo água para fazer café, quando sentiu uma dorzinha aguda que era o prenúncio de sua menstruação. Meio frustrada e desapontada, continuou a preparar o café.

Estava com vinte e quatro anos, queriam ter três filhos, um cada dois anos, mas Guy ficava sempre adiando, esperando o momento certo. Rosemary começava a pensar que o *momento certo* para ele só chegaria quando fosse maior que Marlon Brando e Richard Burton juntos. Será que não sabia o quanto era talentoso e simpático? Duvidaria da sua capacidade? O plano dela era engravidar por "acidente" — as pílulas causavam náuseas e os preservativos eram repugnantes. Guy brincava dizendo que, no fundo, ela continuava católica praticante e ficava de olho no calendário, evitando os "dias perigosos", mesmo quando ela procurava enganá-lo, dizendo:

— Hoje pode, meu bem. Tenho certeza.

Mais uma vez ele vencera. Vencera essa batalha inglória em que ambos, quase inconscientemente, estavam empenhados.

— Diabo! — exclamou, derrubando a tampa do bule na pia.

Guy, lá da sala, gritou:

— Que é que foi?

— Bati o cotovelo — respondeu.

Ao menos agora sabia por que estivera tão deprimida durante aquela noite.

Era sempre assim; se estivessem vivendo juntos sem estarem casados, provavelmente já teria engravidado umas vinte vezes.

Na noite seguinte, logo depois do jantar, Guy foi até o apartamento dos Castevet. Rosemary arrumou a cozinha e ficou indecisa entre fazer as almofadas para os bancos da janela ou se meter na cama com um bom livro, quando a campainha tocou. Era a sra. Castevet, acompanhada de outra senhora de meia-idade, gorda, baixinha e sorridente, com um vestido verde cuja lapela ostentava um botão de propaganda eleitoral que dizia: "Buckley para Prefeito".

— Alô, querida, espero que não estejamos incomodando — disse Minnie quando Rosemary abriu a porta. — Vim apresentar a você minha amiga, Laura-Louise Burney, que mora no décimo segundo andar. Laura-Louise, esta é Rosemary, a esposa de Guy.

— Muito prazer, Rosemary. Seja bem-vinda ao Bram.

— Laura-Louise conheceu Guy agora, lá em casa, e quis conhecê-la também, por isso trouxe-a até aqui. Guy disse que você não estava fazendo nada especial. Podemos entrar?

Em tom educado, mas irritada com a sem-cerimônia de Minnie, Rosemary convidou-as a entrar na sala.

— Ah! Cadeiras novas. São lindas — comentou a sra. Castevet.

— Chegaram hoje mesmo.

— Você está se sentindo bem, querida? Parece meio cansada.

— Não, estou bem. No primeiro dia da menstruação, fico sempre meio abatida.

— Você devia é ir para a cama. Os *meus* primeiros dias eram tão desagradáveis que não podia comer, andar ou fazer qualquer movimento. Para matar a dor, tinha que tomar um cálice de gim, embora eu e Dan, meu marido, fôssemos totalmente abstêmios — recomendou Laura-Louise.

— As moças de hoje são feitas de matéria-prima melhor do que a nossa, Laura-Louise. Parecem ter mais resistência do que nós. Acho que é por causa das vitaminas e dos esportes que praticam.

As duas senhoras instalaram-se comodamente no sofá e abriram, para consternada surpresa de Rosemary, as bolsas de costura que traziam, delas tirando um crochê (Laura-Louise) e meias para cerzir (Minnie). Pareciam ter vindo dispostas a passar a noite em bate-papo e trabalhos manuais. Rosemary notou que as bolsas eram verdes e idênticas.

— O que é aquilo? Capas para as poltronas? — indagou a sra. Castevet.

— Almofadas para o banco da janela — respondeu Rosemary, dizendo consigo mesma: pronto, sua dúvida foi resolvida. Vai mesmo é costurar as almofadinhas. Apanhou-as e juntou-se às duas senhoras no sofá.

— Você fez mudanças radicais neste apartamento, Rosemary — comentou Laura-Louise.

— Antes que me esqueça, querida, deixe-me dar-lhe um presentinho. Meu e de Roman, para você. — A sra. Castevet tirou da bolsa um embrulho pequeno,

que colocou na mão de Rosemary.

— Presente para mim?

— Um presentinho sem valor. É só para trazer-lhes boa sorte em sua nova vida.

— Não precisava incomodar-se — censurou Rosemary, abrindo o embrulho. Dentro, enrolado em papel de seda, estava o talismã de Terry, preso na correntinha de prata. Seu cheiro desagradável fez com que Rosemary afastasse um pouco a cabeça.

— É muito antigo. Tem mais de trezentos anos.

— É... lindo — disse Rosemary, fingindo examinar a bolinha de prata e se questionando se deveria contar tê-lo visto com Terry, mas a ocasião passou e achou melhor não mencionar novamente a tragédia.

— A substância que está dentro da bolinha é chamada raiz-de-tannis. E para dar sorte.

Não para Terry, pensou Rosemary, dizendo:

— É lindo, mas não posso aceitar um presente tão valioso.

— Já é seu, querida. Ponha-o no pescoço — ordenou a sra. Castevet sem tirar os olhos da meia que cerzia.

— Logo você se acostumará com o cheiro — emendou Laura-Louise.

— Bem, então, muito obrigada — agradeceu Rosemary, colocando a correntinha no pescoço. O talismã, um corpo estranho e frio, aninhou-se entre os seios. *Vou tirar esta droga assim que saiam,* pensou Rosemary.

Laura-Louise continuou:

— A correntinha foi inteiramente feita a mão por um caro amigo nosso. É um dentista aposentado que se distrai criando jóias de ouro e prata. Você irá conhecê-lo qualquer dia destes em casa de Roman e Minnie. Você conhecerá todos os amigos deles... nossos amigos...

Interrompeu-se, e Rosemary notou que ela estava corada e sem jeito, como se tivesse cometido uma gafe. Minnie continuava cerzindo sem parar. Rosemary sorriu para Laura-Louise, que, mais aliviada, mudou de assunto.

— Você mesma é quem faz suas roupas? — perguntou.

— Não, já tentei várias vezes mas não consigo acertar.

A noite não foi tão tediosa quanto Rosemary temera. Minnie contou histórias divertidas de seus tempos de menina em Oklahoma: Laura-Louise ensinou-lhe alguns segredos de costura e falou longamente sobre Buckley, o candidato conservador para prefeito, explicando que, apesar da forte oposição, ainda teria chances de vencer.

Guy chegou às onze, parecendo preocupado e inquieto. Cumprimentou as senhoras e beijou Rosemary.

— Já são onze horas! Como o tempo voa! Vamos, Laura-Louise — chamou a sra. Castevet. As duas mulheres guardaram os trabalhos nas bolsas, despediram-se e saíram rapidamente.

— As histórias de hoje foram tão interessantes quanto as de ontem? — indagou Rosemary.

— Muito. E você, como passou o tempo?

— Trabalhando.

— Estou vendo.

— Ganhei um presente também. — E exibiu o talismã a Guy. — Era de Terry. Ela me mostrou naquele primeiro dia, dizendo que eles lhe haviam dado. A polícia deve ter devolvido depois.

— Vai ver que nem estava com ele quando se matou.

— Aposto que usava. Estava tão orgulhosa dele, coitada, como se fosse o primeiro presente que ganhava na vida. — Rosemary tirou a correntinha do pescoço e ficou com o talismã na palma da mão.

— Você não pretende usá-lo?

— Não. Tem um cheiro horrível. Vem da substância que está dentro da bolinha. Chama-se raiz-de-tannis e é cultivada por Minnie na estufa.

Guy pegou o talismã, cheirou-o e disse:

— Não acho o odor tão desagradável assim.

Rosemary entrou no quarto, abriu a gaveta da penteadeira e tirou uma caixa onde guardava bugigangas.

— Adeus, tannis — falou olhando-se no espelho. Guardou o talismã na caixinha e a recolocou na gaveta.

Guy, observando da porta, ponderou:

— Se você o aceitou, devia usá-lo.

Tarde da noite Rosemary acordou e deu com Guy, sentado na cama, fumando pensativo. Perguntou-lhe o que tinha.

— Nada, um pouco de insônia — respondeu.

Deviam ser as histórias que Roman contara a respeito dos artistas famosos, achou Rosemary. De uma forma um tanto masoquista, Guy devia estar comparando sua carreira com a de Henry Irving e Forbes-não-sei-quê, achando-se um fracassado.

Chegou-se mais junto dele, dizendo-lhe que não se preocupasse.

— Com o quê? — questionou Guy.

— Com nada.

— Está bem, não me preocuparei mais.

— Você é o maior, sabe? Estou falando sério? Tudo vai acabar bem. Já estou prevendo as aulas de caratê que vai ter de tomar para se ver livre dos fotógrafos.

Ele sorriu, iluminado pela brasa do cigarro.

— E vai ser para já. Sua grande oportunidade. Aquela que está esperando há tantos anos...

— Talvez. Durma, querida.

— Está bem. Cuidado com o cigarro.

— Não se preocupe.

— Acorde-me se não conseguir dormir.

— Durma.

— Adoro você, Guy.

— Adoro você, Rô.

Alguns dias mais tarde, Guy chegou ao apartamento com duas entradas para a apresentação de sábado à noite de *The Fantastiks* que tinham sido dadas por Dominick, seu professor de dicção. Como Guy já vira o espetáculo na primeira versão e Rosemary estava louca para assisti-lo, sugeriu que ela fosse com Hutch; ele ficaria em casa estudando um novo papel.

Hutch, porém, também já tinha assistido o espetáculo e Rosemary acabou indo com Joan Jellico, que, durante o jantar, confidenciou a Rosemary que ela e Dick iam se divorciar, pois nada mais tinham em comum a não ser o mesmo endereço. Rosemary sentiu-se aborrecida com a notícia, pois ultimamente Guy também andava preocupado e distante; havia algum problema que não conseguia resolver sozinho, mas que não levava ao seu conhecimento. Teria a separação de Joan e Dick começado assim? Ficou com raiva de Joan, que parecia querer chamar a atenção sobre si, usando maquilagem exagerada e falando muito alto. Realmente não poderia haver nada em comum entre ela, vulgar e fútil, e Dick, sério e introvertido. Não deviam sequer ter casado.

Quando Rosemary voltou para casa, encontrou Guy saindo do chuveiro. Parecia outro. Estava alegre, animado e até mesmo um tanto excitado. Rosemary alegrou-se. Falou-lhe sobre a apresentação, que tinha sido melhor do que esperara; contou o iminente divórcio de Joan e Dick e perguntou-lhe, finalmente, se estudara bem o novo papel.

— Perfeito — respondeu Guy. — Já sei de cor e salteado.

— Que diabo esse cheiro de tannis! — exclamou Rosemary. Todo o quarto estava dominado por aquele odor amargo e irritante. Penetrara até no banheiro. Rosemary pegou na cozinha um pedaço de papel de alumínio, colocou dentro o talismã, embrulhou bem embrulhado e tornou a guardá-lo na caixa que ficava na gaveta.

— Em alguns dias deve passar — comentou Guy.

— É melhor que passe mesmo — ameaçou Rosemary dando bombadas no ar com o desodorizante —, senão acabo jogando fora esse maldito talismã e dizendo a Minnie que perdi.

Amaram-se — Guy estava ardente e apaixonado — e mais tarde Rosemary passou a escutar, vindo do apartamento vizinho, que parecia estar em festa, o mesmo canto, monótono e persistente, quase um coro religioso, seguido ou entremeado pelo som agudo de uma flauta ou clarineta que já escutara em outra noite.

Guy manteve-se animado e alegre durante o domingo, fazendo prateleiras e subdivisões no armário do quarto de dormir e decidindo convidar todo o elenco de *Luther* para inaugurar o apartamento. Na segunda-feira, cancelou a aula com Dominick e ficou em casa pintando o interior do armário e atendendo ansiosamente cada vez que o telefone tocava. Lá pelas três horas da tarde o telefone tocou e Rosemary, que estava na sala modificando a posição de uns

quadros, ouviu-o dizer:

— Oh, não! Pobre coitado! Que tragédia!

Rosemary correu até o quarto.

— Meu Deus! — exclamou Guy, quase como numa oração.

Estava sentado na cama, com o fone numa das mãos e segurando na outra uma lata de tinta. Sem olhar para Rosemary, continuou:

— Eles não têm idéia da causa? Que coisa terrível! — Ouviu durante alguns momentos e respondeu: — Sim, estou interessado. Sim, já sei. É claro que detesto consegui-lo desse modo. — Parou para escutar o que o outro dizia. — Bem, esse assunto vocês resolvam com o Allan, *Allan Stone,* meu agente. Estou certo de que não haverá nenhuma dificuldade, sr. Weiss, pelo menos não de nossa parte.

Finalmente!, pensou Rosemary. A *Grande Oportunidade!* Aquela que esperara durante toda a vida.

— Muito obrigado, sr. Weiss. E, por favor, avise-me se houver alguma modificação. Obrigado.

Desligou e fechou os olhos. Ficou imóvel, com a mão ainda sobre o telefone. Parecia um manequim, pálido e rígido; uma estátua num museu de Pop Art, vestida com roupas reais, com um telefone de verdade numa das mãos e uma lata de tinta na outra.

— Guy! — exclamou Rosemary assustada.

Abriu os olhos e olhou-a.

— Que é que houve?

Guy piscou e pareceu ter voltado à realidade. Disse:

— Foi o Donald Baumgart. Ficou cego. Acordou hoje e... e não conseguia mais enxergar.

— Não diga!

— Tentou enforcar-se. Está sob sedativos num sanatório de doenças mentais.

Entreolharam-se nervosamente.

— Ofereceram-me o papel. Aceitei, é claro, ainda que esta fosse a última maneira pela qual desejaria obtê-lo. — Levantou-se e colocando a lata de tinta na mesinha de cabeceira continuou:

— Escute, vou sair e tomar um pouco de ar. Desculpe, mas quero ficar só. Preciso de algum tempo para pensar e pôr a cabeça no lugar.

— Compreendo. Vá, querido.

Saiu como estava, deixando a porta se fechar suavemente às suas costas.

Rosemary voltou para a sala, pensando no pobre Donald Baumgart e no feliz Guy Woodhouse. Feliz ele, feliz ela, com o papel magnífico que iria chamar a atenção dos críticos, mesmo que a peça fracassasse; que iria abrir caminho para outros papéis melhores, talvez mesmo para um convite de Hollywood; uma casa em Los Angeles com piscina, jardim e horta; três crianças, uma por ano. Coitado do Donald Baumgart, infeliz até no nome. Devia ser bom ator, melhor que Guy, pois fora o escolhido para o papel. Coitado, jogado num sanatório, sob a ação de sedativos para não se matar. Cego, cego como uma toupeira.

Ajoelhada no banco da janela, Rosemary ficou olhando a porta, esperando

ver Guy sair. Quando começariam os ensaios? Ela viajaria com ele, é claro. Como ia ser divertido conhecer cidades como Boston, Filadélfia, Washington. Enquanto Guy estivesse ensaiando, iria passear e fazer compras; à noite, depois dos ensaios, a companhia se reuniria para conversar, tomar drinques e contar as últimas.

Rosemary esperou e esperou, mas não viu Guy sair. Devia ter usado a porta que dava para a outra rua.

Agora, quando deveria estar mais do que feliz e animado, Guy se mostrava preocupado e tenso. Ficava imóvel horas a fio, parecendo só ter vivos em seu corpo as mãos, que levavam incessantemente cigarros à boca, e os olhos, brilhantes como brasa, que a seguiam pelo apartamento como se ela fosse um animal perigoso.

— O que é que há com você? — perguntou Rosemary uma, dez, vinte vezes.

— Nada. Você não vai à aula de escultura?

— Faz mais de dois meses que não estou indo.

— Por que não vai hoje?

Resolveu ir. Chegou ao curso, montou o arcabouço e começou, com o pensamento longe dali, a cobri-lo de massa. O instrutor, que usava óculos e tinha o pomo-de-adão saliente, perguntou-lhe por onde andara.

— Em Zanzibar — respondeu Rosemary rudemente.

— Zanzibar não existe mais, agora se chama Tanzânia. Saiu e não voltou mais.

Uma tarde, para preencher o tempo, foi dar uma olhada nas vitrinas do Macy's e do Gimbels. Quando voltou, quase não reconheceu sua própria casa: estava cheia de rosas. Até a cozinha estava cheia delas. Encontrou Guy saindo do quarto com uma rosa na mão e um sorriso nos lábios que implorava seu perdão. Parecia estar representando para ela o papel que tanto estudaram juntos, o de Chance Wayne na peça de Tennessee Williams *Doce Pássaro da Juventude*.

— Tenho sido um cretino. E a causa, canalha que sou, é esperar que Baumgart *não* recupere a vista.

— É natural. Compreendo seu dilema.

— Escute — continuou ele dando-lhe a rosa —, mesmo que este negócio falhe e que passe o resto da vida fazendo comerciais na televisão, não vou fazer com que *você* pague por isso.

— Você não tem feito isso.

— Tenho sim. Sou tão egocêntrico, penso tanto em mim e na minha carreira que mal sobra tempo para você. Vamos ter um filho, está certo? Vamos ter três, um de cada vez, é claro.

Rosemary olhou-o perplexa.

— Um filho, sabe? Um nenê, fraldinhas, gu-gu, dá-dá.

— Você está falando sério?

— Claro. Já verifiquei até no calendário o dia certo. Segunda e terça-feira

que vem estão marcadas em vermelho.

— Você está falando sério *mesmo,* Guy? — perguntou Rosemary com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, estou brincando. É claro que estou falando sério, sua boba. Não chore, Rosemary. Não chore, por favor.

— Está bem, não vou chorar mais.

— Puxa! — disse Guy. — Eu fiquei biruta em matéria de rosas, não fiquei? Tem mais no nosso quarto.

Rosemary saiu e foi até o fim da Broadway para comprar filés de peixe-espada; em seguida atravessou a Lexington Avenue para procurar queijos. Não que fosse impossível encontrar peixe ou queijos em seu bairro, mas porque naquela manhã gloriosa e radiante desejava percorrer toda a cidade, caminhando a passos rápidos, chamando a atenção de todos com sua graça e beleza e impressionando os vendedores com a precisão e o acerto de suas compras. Era segunda-feira, 4 de outubro, dia da visita do Papa à cidade. O interesse pelo acontecimento era contagiante e tornava as pessoas mais comunicativas e acessíveis. Rosemary pensou: *Como é bom estar feliz e encontrar toda uma cidade no mesmo estado de espírito.*

Durante a tarde, acompanhou pela televisão todos os movimentos do Sumo Pontífice, levando o aparelho da saleta (em breve, o quarto de crianças) e ligando-o na cozinha para que pudesse continuar assistindo mesmo enquanto preparava o jantar. Ouviu o discurso feito por ele na ONU, em que dizia: "Guerra, nunca mais!" Suas palavras, pensou Rosemary, deveriam impressionar mesmo o mais descrente dos políticos, servindo, quem sabe, para atenuar a guerra do Vietnã.

Às quatro e meia, quando se preparava para arrumar a mesa de jantar em frente à lareira, o telefone tocou.

— Rosemary, como vai você?

— Bem, e você? — Era Margaret, sua irmã mais velha.

— Tudo bem.

— Você está telefonando de onde?

— Daqui, de Omaha.

As duas irmãs nunca se tinham dado muito bem. Margaret, por ter freqüentemente que tomar conta dos irmãos menores, era uma moça autoritária e rabugenta. Receber um telefonema assim, sem mais nem menos, era algo mais do que estranho, era até amedrontador.

— Estão todos bem? — perguntou Rosemary imaginando que alguém morrera ou estava gravemente doente. Quem seria? Papai? Mamãe? Brian?

— Por aqui tudo bem.

— Bem mesmo, Margaret?

— Está sim, e você?

— Estou ótima, já disse.

— É estranho, Rosemary, passei todo o dia com a impressão de que alguma coisa tinha acontecido a você. Que estivesse doente ou sofrido um acidente...

— Nada aconteceu. Estou muitíssimo bem.

— Sabe, era um sentimento esquisito. *Sentia* que havia algo errado com você. Passei o dia inteiro tão impressionada que finalmente Gene achou melhor eu telefonar para saber.

— Como vai ele?

— Bem.

— E as crianças?

— Com as briguinhas e os tombos de sempre. Você sabe que estou esperando outro?

— Não sabia. Que bom! Para quando? — Rosemary pensou consigo mesma: *em breve eu estarei também.*

— Lá pelo fim de março. E seu marido, Rosemary?

— Guy está bem. Conseguiu um papel importante numa peça que vai entrar logo em ensaios.

— Escute, você viu o Papa? A cidade deve estar em polvorosa.

— Se está! Estou assistindo pela televisão. Estão transmitindo em Omaha também?

— Não. Só vão exibir os teipes. Você não foi ver o Papa, Rosemary?

— Não, não fui.

— Que coisa! Francamente, Rosemary, você sabe que papai e mamãe iam tomar um avião para Nova York só para vê-lo? Não foram porque vão iniciar uma greve e papai é um dos organizadores. Alguns amigos nossos foram: os Donovan e Dot e Sandy Wallingford. Você aí, vivendo nessa cidade, não teve sequer a curiosidade de ir?

— A religião já não significa o mesmo para mim como quando estava em casa.

— Bem, acho que isso era inevitável. — Rosemary podia adivinhar as palavras não faladas que completariam a sentença: "...quando se casa com um protestante".

— Margaret, obrigada por ter telefonado, mas não se preocupe. Nunca estive melhor em toda a minha vida.

— Está bem. Mas tome cuidado, estou sentindo *ainda* a mesma sensação estranha. Acho que de tanto tomar conta de vocês quando pequenos...

— Abraços para todos. E diga a Brian que responda minha carta.

— Está certo. Mas Rosemary, por favor, *cuidado!* Não saia de casa hoje. Continuo com um pressentimento...

— Hoje? Não pretendo botar mais os pés na rua — respondeu Rosemary olhando para a mesa de jantar.

— Ótimo. Cuide-se, Rosemary.

— Sem dúvida. Cuide-se você também, Margaret.

— Então até logo.

— Até logo.

Rosemary começou a arrumar a mesa, sentindo vaga nostalgia de seu tempo de criança, saudades de Brian, Margaret, dos outros irmãos, de Omaha e de um passado que não voltaria mais.

Quando a mesa estava arrumada, tomou um longo banho, perfumou-se, penteou os cabelos e fez uma maquilagem caprichada. Vestiu um pijama vermelho, presente de Guy no Natal passado.

Guy chegou logo depois das seis. Beijou-a dizendo com admiração:

— Você está tão gostosa que me dá vontade de mordê-la. Por falar nisso, vamos jantar logo? Ah! Acabo de descobrir que sou uma besta!

— Que foi?

— Esqueci de comprar pudim.

Guy tinha recomendado que ela não fizesse sobremesa, pois traria da rua a sua favorita: pudim de abóbora da Horn e Hardart.

— Fico com vontade de socar minha própria cara. Passei por duas filiais; não uma: *duas!,* e me esqueci.

— Não tem importância. Temos frutas e queijos para sobremesa.

— Não senhora. Tem de ser o pudim de abóbora da Horn e Hardart.

Entrou no banheiro para tomar um banho rápido e mudar de roupa; Rosemary colocou no forno os champignons recheados e começou a fazer o molho para a salada.

Minutos depois Guy apareceu na porta da cozinha, abo-toando uma camisa azul. Estava com os olhos brilhantes e parecia meio excitado como da primeira vez em que tinham dormido juntos. Rosemary sentiu-se satisfeita em vê-lo assim.

— Seu amigo, o Papa, atravancou todo o trânsito da cidade — comentou.

— Você o viu na televisão? Deram-lhe uma cobertura fantástica.

— Dei uma olhada na casa de Allan. Os copos estão no congelador?

— Sim. Fez um discurso excelente na ONU. "Guerra, nunca mais!", foi sua frase principal.

— Oba! Estes drinques estão com uma cara ótima.

Tomaram os Gibbons e comeram os champignons recheados na sala. Guy colocou na lareira alguns pedaços de lenha, de carvão e folhas de jornal.

— Vamos mandar brasa — disse brincando e, com um fósforo acendeu o papel que pegou fogo imediatamente. Uma fumaça negra começou a se espalhar pela sala. — Jesus! — exclamou Guy, procurando conter as chamas.

— Cuidado, olhe a pintura — gritou Rosemary.

Guy conseguiu abrir a chaminé, ligou o sistema de exaustão do ar-condicionado e a fumaça desapareceu.

— Ninguém, mas ninguém *mesmo* em Nova York está com a lareira acesa hoje — disse Guy.

Ajoelhada no chão, Rosemary olhava encantada para as chamas.

— Não é lindo? Espero que tenhamos o inverno mais gelado dos últimos anos.

Guy pôs um disco de Ella Fitzgerald interpretando Cole Porter.

Estavam comendo os filés de peixe quando a campainha tocou.

— Merda! — exclamou Guy levantando-se para atender. Rosemary inclinou a cabeça para escutar melhor.

Ouviu a porta se abrir e a voz de Minnie dizendo: "Alô, Guy", e em seguida outras palavras que não pôde entender. Rosemary pensou: *Por favor, Guy, não a convide para entrar. Hoje não, por favor.*

Guy falou qualquer coisa e Minnie respondeu: "...a mais. Não vamos

precisar". Ouviu a voz de Guy e depois novamente a de Minnie. Rosemary soltou um suspiro de alívio: pelo visto ela não queria entrar.

A porta foi fechada e trancada. Guy reapareceu com um sorriso vitorioso e com as mãos escondidas nas costas.

— Quem foi que disse que não teremos algo *especial?* — perguntou ele estendendo os braços. Tinha em cada mão uma tacinha de doce.

— *Madame e monsieur terron une zobremesá divine!* — Colocou uma taça ao lado do copo de vinho de Rosemary e a outra a seu lado.

— Temos aqui uma *mousse au chocolat* ou, como diz Minnie em seu áspero francês, *chocolat mouse*. Tendo conhecido a arte culinária de Minnie, acho melhor você tomar cuidado com esse *mouse,* que pode ser *rato mesmo.*

Rosemary respondeu no mesmo tom:

— Que bom! Era exatamente o que eu pretendia fazer para a sobremesa de hoje.

— Está vendo só? Um típico caso de percepção extra-sensorial — disse Guy, sentando-se e servindo mais vinho.

— Quando vi que era Minnie fiquei morrendo de medo que fosse se plantar aqui e estragar tudo.

— Não, só queria que experimentássemos a tal musse. Diz que é uma das suas es-pe-ci-a-li-da-des.

— Até que está com boa cara.

— Não é mesmo?

As taças estavam cheias de uma espuma cremosa de chocolate. A de Guy estava enfeitada com amêndoas moídas; a de Rosemary, com a metade de uma noz.

— Coitada. É boa pessoa, não devíamos caçoar tanto dela.

— Tem toda razão, querida.

A musse estava boa mas no fundo tinha um gosto estranho, um gosto de giz, que recordava a Rosemary a escola e os quadros-negros. Guy experimentou e não sentiu o tal "gosto de giz". Rosemary parou de comer depois de duas ou três colheradas.

— Você não quer mais, meu bem? Que bobagem. Não tem gosto esquisito nenhum — insistiu Guy.

Rosemary reafirmou que sentia um gosto estranho.

— Vamos, coma. Coitada da velha coruja; deve ter passado a tarde inteira trabalhando em sua especialidade. Coma.

— Mas não estou gostando — voltou a dizer Rosemary.

— Está deliciosa.

— Então coma a minha e a sua.

Guy fechou a cara.

— Está bem. Não coma. Já que você não usa o presente que ela lhe deu, não precisa também comer suas sobremesas.

Rosemary, meio confusa, perguntou:

— O que tem uma coisa a ver com a outra?

— São ambos exemplos de... falta de consideração, para dizer o mínimo. Dois minutos atrás você estava dizendo que não deveríamos mais gozá-la. Esta é uma forma de fazê-lo: aceitar presentes e depois esnobá-los.

— Bem, chega de fazer onda — Rosemary pegou uma colherada do doce e enfiou na boca.

— Não estou fazendo onda. Se você realmente acha insuportável, não coma.

— Delicioso — confirmou Rosemary com a boca cheia e preparando outra colherada. — Não tem gosto esquisito algum. Guy, vire o disco.

Guy levantou-se e dirigiu-se ao toca-discos. Rosemary dobrou o guardanapo no colo e jogou dentro dele todo o resto da musse. Tornou a dobrá-lo e ruidosamente passou a colher pela taça vazia, fingindo engolir o resto.

— Viu, papai? Comi tudinho. Quando é que vou ganhar o presente?

— Vai ganhar já. Desculpe-me se estava sendo meio chato.

— Estava, e muito.

— Perdão?

— Está perdoado. Olhe, no fundo até gosto quando você mostra consideração pelas velhas. Significa que fará o mesmo comigo quando eu ficar velhinha.

Tomaram café e creme de menta:

— Margaret me telefonou esta tarde.

— Margaret?

— Minha irmã. De Omaha!

— Alguma má notícia?

— Não, estava com medo que tivesse acontecido alguma coisa comigo. Disse que tivera um pressentimento.

— Do quê?

— Sei lá. Disse para não sairmos hoje de casa.

— Que chato! Já tinha feito uma reserva no Orange Room do Nedick's.

— Sinto muito, meu bem, mas acho que vai ter de cancelar.

— Como é que você saiu tão equilibrada, vindo de uma família biruta como a sua?

A primeira sensação de tontura acometeu Rosemary quando, na cozinha, despejava na pia a musse que escondera no guardanapo. Cambaleou apoiando-se na pia, piscou com força e franziu a testa. Guy, da saleta, gritou:

— Ele ainda não chegou. Jesus! Que multidão! Não é que o Papa conseguiu superlotar o Yankee Stadium!

— Já estou indo — respondeu Rosemary.

Sacudindo a cabeça para clareá-la, Rosemary juntou os guardanapos e a toalha de mesa e colocou-os na cesta de roupa suja. Tampou a pia, encheu-a de água quente, despejou uma boa quantidade de sabão e colocou a louça para que ficasse de molho até o dia seguinte.

A segunda onda de tontura atingiu-a quando estava pendurando o pano de

prato. Foi mais demorada e intensa; toda a sala girou em torno dela e suas pernas cambalearam.

Quando passou, Rosemary falou para si: Menina, veja o resultado de dois Gibbons, vários copos de vinho e um creme de menta! Não é para menos.

Conseguiu chegar até a porta da saleta, sustentando-se na fechadura ao sentir nova tontura.

— O que é que você tem? — perguntou Guy ansiosamente, levantando-se para ajudá-la.

— Estou tontinha.

Ele desligou a televisão, foi para o lado dela e segurou-a pela cintura.

— Toda aquela bebida num estômago vazio, só podia dar nisso...

Ajudou-a a chegar até o quarto e quando suas pernas não a sustentavam mais, carregou-a no colo e deitou-a na cama. Sentou-se ao lado dela, segurando-lhe a mão e acariciando-lhe a testa. Rosemary fechou os olhos. A cama parecia uma jangada, flutuando suavemente ao sabor das ondas.

— Gostoso — murmurou.

— Durma. É melhor você dormir.

— Mas temos de fazer um nenê.

— Faremos amanhã. Tem tempo. Amanhã de manhã.

— Logo agora, que a festa ia começar...

— Vamos, durma. Será melhor para você.

— Está bem. Só um cochilo — concordou Rosemary. Fechou os olhos e se viu sentada, com um drinque na mão, no iate do presidente Kennedy. Estava um dia ensolarado e fresco, perfeito para um passeio de barco. O presidente, rápida e eficientemente dava instruções a um tripulante negro.

Guy tirou-lhe a blusa do pijama.

— Por que está fazendo isso? — quis saber.

— Para que fique mais confortável.

— Estou bem.

— Durma, Rô.

Ele abriu o zíper e habilmente tirou-lhe a calça. Pensava que estava dormindo, mas não estava. Agora vestia somente um biquíni vermelho, mas isso não tinha importância, pois todas as outras mulheres que estavam a bordo — Jackie Kennedy, Pat Lawford e Sarah Churchill — usavam biquínis também. O presidente estava com seu uniforme da Marinha. Tinha se recuperado completamente do assassinato, e parecia melhor do que nunca. Hutch, de pé no cais, sobraçava vários mapas meteorológicos.

— Hutch não vem conosco? — perguntou Rosemary ao presidente.

— Só católicos — respondeu ele sorrindo. — Detesto esses preconceitos, mas você sabe que temos de respeitá-los.

— Mas Sarah Churchill não é protestante? — Rosemary virou-se para mostrá-la, mas viu que tinha desaparecido. Em lugar dela estava toda sua família: papai, mamãe, os irmãos, as irmãs, cunhados, cunhadas e filhos. Margaret, Jean, Geraldine e Dodie estavam grávidas.

Guy estava tirando a aliança do dedo dela. Quis perguntar por quê, mas estava tão cansada...

— Dormir — murmurou. E dormiu.

A Capela Sistina estava aberta pela primeira vez à visitação pública e Rosemary, no novo elevador que percorria o teto em posição horizontal, mostrando os afrescos tal como Michelangelo os teria pintado, se extasiava. Que beleza! Viu a figura de Deus, estendendo seu dedo a Adão para dar-lhe a divina centelha, e a parte inferior de uma prateleira parcialmente forrada com papel xadrez, como se estivesse sendo levada através do armário de roupa branca.

— Cuidado — disse Guy, e outra pessoa aconselhou:

— Abaixem-na um pouco mais.

— Tufão — gritou Hutch do cais, apontando para os mapas. Um tufão que já matou cinqüenta e cinco pessoas em Londres está vindo para cá! Rosemary sabia que ele estava com a razão. Precisava avisar o presidente. O barco ia entrar em zona perigosa. Mas o presidente desaparecera; todos tinham desaparecido. O convés ficara vazio, com exceção do tripulante negro que, inexoravelmente, mantinha o barco em seu curso. Rosemary dirigiu-se a ele sentindo de pronto que ele a detestava, que odiava todos os brancos.

— É melhor que a senhora vá lá para baixo — falou cortesmente, porém odiando-a por dentro, não querendo nem ao menos saber qual o aviso que ela trazia.

A parte de baixo era um salão de baile imenso, onde, num lado, uma igreja ardia intensamente e, no outro, um homem de barba negra a fitava com malevolência. Bem no centro havia uma cama. Dirigiu-se a ela e viu-se cercada por homens e mulheres, todos nus. Guy estava entre eles. Eram velhos, as mulheres, grotescas, tinham os seios caídos e murchos. Minnie e Laura-Louise estavam entre o grupo, assim como Roman, que usava uma mitra e longas vestes negras. Com uma vara preta, que molhava às vezes num pote de tinta vermelha, sustentado por um homem moreno de bigodes brancos, fazia desenhos sobre o corpo de Rosemary. A ponta da vara se movimentava sem parar — na barriga, nas nádegas e nas coxas, produzindo uma cócega agradável. Toda aquela gente nua cantava sílabas estranhas num tom monótono e sem melodia — uma flauta ou clarineta os acompanhava.

— Ela está acordada. Está olhando — murmurou Guy para Minnie.

— Está olhando, mas não está vendo nem ouvindo. Não se ela comeu a *mousse*. É como se estivesse morta. Agora cante — ordenou Minnie.

Jackie Kennedy entrou no salão usando um maravilhoso vestido de cetim bordado com pérolas. Dirigiu-se a Rosemary:

— É pena que você não esteja se sentindo bem.

Rosemary explicou-lhe sobre a mordida de camundongo, minimizando para que Jackie não se preocupasse.

— No caso de ter convulsões, é melhor que amarrem suas pernas — disse Jackie.

— É, talvez seja melhor. Pode ser que estivesse hidrófobo. — Notou com interesse que enfermeiros vestidos de branco amarravam suas pernas e braços nas quatro colunas da cama.

— Se a música a estiver incomodando, avise e farei com que parem imediatamente — ofereceu Jackie.

— Não, por favor. Não modifiquem o programa por minha causa. Não me incomoda de maneira nenhuma.

Jackie sorriu com simpatia.

— Procure dormir. Estarei esperando no convés. — Afastou-se, com o cetim de sua roupa sussurrando suavemente.

Rosemary dormiu um pouco. Sentiu quando Guy começou a acariciá-la. Uma carícia longa que começava em seus braços atados, descia sobre os seios, ventre e coxas e que terminava numa vibração voluptuosa entre as pernas. Repetiu a carícia mais e mais vezes, com suas mãos ardentes e suas unhas pontiagudas; quando ela estava preparada, mais do que preparada, colocou um braço sob suas nádegas, levantou-a e penetrou com força dentro dela. Seu sexo estava imenso, dolorosa, gostosamente imenso. Deitou-se sobre ela, com o outro braço rodeando-lhe as costas e com seu peito poderoso esmagando o dela.

Estava usando uma espécie de armadura de couro áspero, pois era uma festa a fantasia. Brutal e ritmicamente ele a possuiu. Rosemary entreabriu os olhos e fitou olhos ardentes, amarelos e brilhantes como carvão em brasa, sentindo nos lábios um hálito úmido e fétido, um cheiro de enxofre e tannis. Ouviu grunhidos de gozo e a respiração ofegante dos espectadores.

Isto não é sonho, pensou ela, é real, está acontecendo. Tentou protestar, mas qualquer coisa caiu-lhe sobre o rosto, sufocando-a com seu odor adocicado.

O membro imenso continuou dentro de suas entranhas, o corpo coriáceo chocando-se contra o dela sem cessar, sem cessar, sem cessar.

O Papa entrou no salão, carregando uma mala e trazendo um sobretudo no braço.

— Jackie contou-me que você foi mordida por um camundongo — disse.

— É verdade. Foi por isso que não fui vê-lo — respondeu ela com ar compungido, para que ele não suspeitasse que ela acabara de ter um orgasmo.

— Não tem importância, minha filha. Não gostaríamos que pusesse sua saúde em perigo.

— Estou perdoada, Pai? — perguntou.

— Perdoada e absolvida. — Estendeu a mão para que Rosemary beijasse o anel. A pedra era uma bolinha de filigrana de prata, dentro da qual, como se esperasse algo, a minúscula figura de Anna Maria Alberghetti.

Rosemary beijou o anel e o Papa saiu correndo para não perder o avião.

— Rô, acorde, já passa das nove — disse Guy, sacudindo-a pelo ombro.
Ela afastou as mãos dele e virou-se para o outro lado.

— Cinco minutos mais — implorou, enfiando a cabeça no travesseiro.

— Levante-se, querida. Tenho de estar na casa de Dominick às dez — insistiu ele, puxando-lhe de leve os cabelos.

— Coma fora.

— De jeito nenhum. — Deu-lhe uma palmadinha carinhosa.

Lembrou-se de toda a noite passada: os sonhos, os drinques, a musse de chocolate de Minnie, o Papa e aquele momento terrível, entre a realidade e o pesadelo. Virou-se novamente na cama, levantou-se apoiada no cotovelo e olhou para Guy. Estava acendendo um cigarro, com cara de sono e meio barbado. Vestia pijama. Ela estava nua.

— Que horas são? — perguntou.

— Nove e dez.

— A que horas fui dormir?

— Lá pelas oito e meia, e você não dormiu, querida: *capotou* seria a melhor palavra. De agora em diante tomará coquetéis *ou* vinho e não coquetéis *e* vinho.

— Tive sonhos horríveis! — começou Rosemary esfregando a testa e fechando os olhos. — Sonhei com o presidente Kennedy, o Papa, Minnie e Roman... — Abriu os olhos e viu arranhões em seu seio: duas linhas vermelhas paralelas, que terminavam no mamilo. As coxas ardiam: afastou as cobertas e viu mais arranhões, sete ou oito que marcavam toda a sua pele.

— Não precisa estrilar; já aparei as unhas — desculpou-se Guy mostrando as mãos.

Rosemary olhou-o sem compreender.

— Eu não queria perder a noite do bebê — explicou.

— Quer dizer que você... enquanto eu estava... desacordada...

Ele assentiu e sorriu sem jeito.

— Foi meio divertido, algo na base da necrofilia.

Rosemary cobriu-se novamente com os lençóis, acusando com raiva:

— Sonhei que estavam me violentando. Não sei quem. Algo... desumano, bestial.

— Muito obrigado, pela parte que me toca — retrucou Guy.

— Você estava lá assistindo tudo, assim como Minnie, Roman e outras pessoas... Era uma espécie de cerimônia religiosa.

— Tentei acordá-la, mas você estava literalmente apagada.

Ela virou-lhe as costas e começou a sair pelo outro lado da cama.

— O que há com você? — perguntou Guy.

— Nada — disse sentada, sem olhar para ele. — Mas juro que acho meio esquisito você fazer a coisa dessa maneira, estando eu inconsciente.

— Não queria perder a noite.

— Poderia ter sido hoje de manhã ou à noite. Ontem não era o *único* momento do mês. E mesmo que fosse...

— Só pensei em você, em fazer o que desejava — defendeu-se Guy, procurando acariciá-la.

Ela se afastou com repulsa:

— Deve ser um ato a dois e não um acordado e o outro dormindo. Bem, acho que estou sendo meio boba. — Levantou-se e foi ao armário pegar um roupão.

— Desculpe-me por tê-la arranhado. Estava meio alto também.

Rosemary preparou o café da manhã e, depois que Guy saiu, lavou os pratos da noite anterior e arrumou toda a cozinha. Abriu as janelas da sala e do quarto — o cheiro acre de fumaça ainda persistia no apartamento —, limpou a casa, arrumou as camas e tomou um banho de chuveiro: um banho longo, primeiro quente, depois frio. Permaneceu imóvel sob o jato de água, com a cabeça descoberta esperando lavar assim sua mente e raciocinar melhor.

Teria sido a noite passada, como dissera Guy, a "noite do bebê"? Será que já estaria grávida, agora, neste momento? Por estranho que pudesse parecer, nem estava ligando. Sentia-se infeliz, fosse bobagem de sua parte ou não. Guy tinha feito uso dela sem seu conhecimento, tinha feito amor com um corpo inerte (algo sobre necrofilia), como se ela não tivesse uma alma; pior ainda, tinha agido com um prazer tão selvagem que deixara nela arranhões, dores e uma sensação de pesadelo — realidade tão vivida que quase podia ver em seu corpo os desenhos que Roman fizera nele com sua varinha de ponta vermelha. Ensaboou-se, esfregando a pele com vigor, quase com raiva. Na verdade, Guy tinha agido daquela maneira pelo melhor motivo do mundo: fazer um filho; na verdade, tinha bebido tanto quanto ela, mas Rosemary desejaria que nenhum motivo e nenhuma quantidade de álcool o levasse a possuí-la daquela forma: um corpo sem alma, consciência ou feminilidade — o que quer que ele presumivelmente amou. Nesse momento, rememorando as semanas e os meses passados, sentia a presença inquietante de sinais até agora despercebidos, sinais de diminuição do amor de Guy por ela, de uma disparidade entre o que ele dizia e o que sentia. Era um ator; como poderia alguém julgar quando um ator era sincero ou quando estava representando?

Para lavar tais pensamentos era necessário mais do que um chuveiro. Fechou a água e torceu os cabelos com as mãos. Enxugou-se e vestiu-se.

Ao sair de casa para fazer compras, tocou a campainha dos Castevet para devolver as taças de musse.

— Você gostou, querida? — perguntou Minnie. — Acho que exagerei no creme.

— Estava deliciosa. Vai ter de me dar a receita.

— Claro que sim. Você vai ao supermercado? Quer me fazer um favor? Seis ovos e uma lata de café; pagarei quando você voltar. Detesto sair para comprar só uma coisinha ou outra.

Havia um distanciamento agora entre ela e Guy, mas ele parecia não

perceber. Os ensaios da peça iam começar em 1º de novembro — *Don't I Know You From Somewhere?* era o título. Passava grande parte do tempo estudando seu papel, treinando o uso de muletas e do aparelho ortopédico que ele exigia, e visitando a zona de Highbridge, no Bronx, local onde se passava a peça. Jantavam freqüentemente com amigos; quando ficavam em casa, caíam numa conversa artificial sobre móveis, programas de televisão e a greve dos gráficos que estava para terminar. Foram ao lançamento de uma revista e à sessão especial de um novo filme; foram a festas e à inauguração da mostra de escultura de um amigo. Guy parecia não querer olhar para ela, estava sempre lendo um *script,* assistindo televisão ou conversando com outras pessoas. Ia cedo para a cama e já estava dormindo quando ela se deitava. Uma noite foi até a casa dos Castevet para ouvir algumas das histórias de Roman sobre o teatro, enquanto ela ficou no apartamento assistindo um filme na televisão.

— Você não acha que precisamos conversar? — perguntou-lhe Rosemary na manhã seguinte, durante o café.

— Conversar sobre o quê? — Ela olhou para ele; parecia que ignorava completamente o que se passava com eles.

— Sobre o que *não* temos dito.

— O que você quer dizer com isso?

— Que você *não* tem sequer olhado para mim.

— Que bobagem! Claro que tenho olhado para você!

— Não tem, não.

— Querida, que é que há? Algo errado?

— Está bem. Não há nada. Esqueça.

— Não, não diga isso. Que é que há? O que está preocupando você?

— Nada.

— Meu bem, tenho andado *realmente* muito ocupado, estudando o papel e me acostumando com as muletas e com aquela droga toda. Você bem sabe, Rosemary, o *quanto isto é importante para nós.* Só porque não passo o dia inteiro com o olho grudado em você não quer dizer que não a ame mais. Tenho que pensar em coisas práticas também.

Parecia estar representando o papel de *cowboy,* ingênuo e sincero, que fizera em *Bus Stop.*

— Está bem. Acho que estou sendo rabugenta.

— Você? Não conseguiria ser rabugenta mesmo que quisesse.

Debruçou-se sobre a mesa, beijou-a, e saiu.

Hutch tinha uma cabana perto de Brewster, onde de vez em quando passava um fim de semana. Rosemary telefonou-lhe perguntando se poderia usá-la durante três ou quatro dias, no máximo uma semana. Explicou:

— Guy está estudando o novo papel e acho que será mais fácil para ele se eu me afastar um pouco.

— É sua — respondeu Hutch. Rosemary foi até seu apartamento na Lexington Avenue para apanhar a chave.

Passou primeiro numa *delicatessen* onde costumava comprar quando morava ali perto e depois subiu até o apartamento de Hutch, que era pequeno, escuro, porém muito bem arrumado e limpo. Tinha um sofá que pertencera a Madame Pompadour e uma fotografia autografada de Winston Churchill. Hutch estava descalço, sentado entre duas mesinhas de jogo, cada uma com uma máquina de escrever e pilhas de papel. Seu costume era fazer dois livros ao mesmo tempo, passando de um para outro conforme a inspiração.

— Estou louca para sair um pouco — comentou Rosemary, sentada no sofá de Madame Pompadour. — Noutro dia cheguei à conclusão de que nunca estive sozinha em toda a minha vida, a não ser durante algumas horas, é claro. A idéia de passar três ou quatro dias isolada parece-me divina.

— Quer uma oportunidade para sentar-se, pensar com calma e descobrir quem você é realmente, o que tem feito, e o que vai fazer, não é isso?

— Exatamente.

— Está certo, pode parar com esse sorriso forçado. Vamos aos fatos: Guy bateu em você?

— Não, não bateu em mim. Está com um papel difícil, o de um rapaz aleijado que *finge* estar ajustado. Tem que trabalhar com muletas e com um aparelho nas pernas e naturalmente está preocupado e... bem, está muito preocupado.

— Compreendo. Vamos mudar de assunto. O *News* deu uma relação completa de todas as tragédias ocorridas durante a greve, um verdadeiro banho de sangue. Por que não me contou que tinha havido outro suicídio lá no *paraíso* onde mora?

— Não contei? — disfarçou Rosemary.

— Não, não contou.

— Era uma pessoa que conhecíamos. A moça que comentei com você: a tal que tinha sido viciada em drogas e estava sendo reabilitada pelos Castevet, um casal que mora no mesmo andar que nós. Tenho certeza de que falei com você a respeito dela.

— A moça que costumava ir à lavanderia com você?

— Essa mesma.

— Parece que não a reabilitaram muito bem. Ela estava morando com eles?

— Sim. Tornamo-nos amigos desde que essa tragédia aconteceu. Guy vai lá freqüentemente para escutar histórias de teatro. O pai do sr. Castevet era produtor, lá pelo começo do século.

— Não pensei que Guy pudesse se interessar por um casal idoso. São idosos, não é?

— Ele, se não me engano, tem setenta e nove anos, ela deve andar pelos setenta.

— Sobrenome esquisito. Como se escreve?

Rosemary soletrou-o.

— Nunca ouvi esse nome antes. Devem ser franceses.

— O nome pode ser, mas eles não. Ele é nascido aqui mesmo na cidade e

ela vem de um lugar chamado, acredite ou não, *Busyhead,* Oklahoma.

— Meu Deus! Que nome. Vou aproveitá-lo num de meus livros. Escute, como é que vai fazer para chegar até a cabana? Vai precisar de um carro, sabe?

— Vou alugar um.

— Leve o meu.

— Não, Hutch. Seria demais.

— Qual nada. Só o uso para ir daqui à esquina. Leve-o. Vai até me poupar trabalho.

Rosemary sorriu:

— Está certo. Vou fazer o *favor* de levar seu carro.

Hutch deu-lhe as chaves do carro e da cabana, fez o mapa do caminho e preparou uma lista de instruções a respeito da bomba d'água, do refrigerador e outras emergências possíveis. Calçou sapatos, vestiu um casaco e foi com ela até onde o carro, um velho Oldsmobile azul, estava estacionado.

— Os documentos estão no porta-luvas. Fique o tempo que desejar. Não tenho planos para usar o carro ou a cabana

— Estou certa de que não ficarei mais que uma semana Guy talvez não queira que eu passe fora nem esse tempo.

Quando já estava sentada no carro, Hutch enfiou a cabeça na janela dizendo:

— Gostaria de dar-lhe meia dúzia de bons conselhos, mas vou tratar de minha vida, que não deve ser muito longa.

Rosemary beijou-o:

— Muito obrigada. Por isto, por aquilo e por tudo mais.

Viajou na manhã de sábado, dia 16 de outubro e passou cinco dias na cabana. Durante os dois primeiros dias não pensou uma vez sequer em Guy — uma vingança proporcional à maneira aliviada com que ele havia concordado com a viagem. Será que ela *parecia* precisar de um bom repouso? Muito bem, ela *teria* um bom repouso, sem pensar nele. Deu passeios através de bosques maravilhosos, com árvores coloridas de amarelo e dourado, ia para a cama cedo e dormia até tarde, leu o último romance de Daphne du Maurier, e comeu com voracidade os alimentos que levara consigo. *Sem pensar nele.*

A partir do terceiro dia, porém, começou a refletir sobre o marido. Era vaidoso, egocêntrico, superficial e mentiroso. Tinha se casado para ter uma claque, não uma companheira — a senhorita do interior de Omaha, que otária! "Conheço atores; já estou aqui há quase um ano." Só tinha faltado andar atrás dele pelo palco levando na boca seu jornal favorito, como um cão amestrado. Bem, ela lhe daria mais um ano para amadurecer, para se tornar um bom marido; caso isso não acontecesse, a solução seria o divórcio, aprovado pela Igreja ou não. Nesse meio tempo, pretendia voltar ao trabalho e adquirir novamente aquele sentido de independência e auto-suficiência que tivera ao ir para Nova York. Seria forte, orgulhosa e estaria pronta para deixá-lo, caso não correspondesse ao seu ideal. As refeições glutônicas que consumia começaram a

lhe fazer mal, e naquele dia, sentindo-se meio enjoada, só conseguiu tomar um prato de sopa com torradas. No quarto dia acordou com saudade do marido e chorou. O que fazia ali, sozinha naquela cabana fria e miserável? Era tão terrível o que ele tinha feito? Ficara bêbado e dormira com ela sem que ela tivesse consciência. Certo, mas seria motivo suficiente para tal tempestade? Lá estava ele, com o papel mais importante de sua vida e ela — em vez de se mostrar presente para ajudá-lo, assisti-lo e encorajá-lo — estava ali, no meio daquele nada, comendo como uma leitoa e sentindo pena de si mesma. Claro que ele era vaidoso e egoísta; era um artista, não era? Laurence Olivier devia ser vaidoso e egoísta também. Era tapeador e mentiroso, mas não foram esses defeitos que a tinham atraído? Essa irresponsabilidade, essa indiferença tão distinta de seu temperamento rígido e sério?

Pegou o carro e foi até Brewster telefonar. A simpática telefonista de recados respondeu:

— Alô, meu bem, você já voltou do campo? Não? Guy saiu. Quando chegar pode ligar para você? Ah! Você telefonará novamente às cinco. Certo. Como é que está o tempo aí? Está se divertindo? Ótimo!

Tornou a telefonar às cinco, mas ele não havia chegado. Jantou num restaurante e foi a um cinema. Às nove ainda não chegara, mas a telefonista de recados tinha um dele para ela: deveria telefonar-lhe no dia seguinte, antes das oito da manhã ou depois das sete da noite.

No dia seguinte Rosemary chegou ao que parecia ser uma conclusão lógica dos fatos. Os dois tinham culpa: ele por sua desconsideração e narcisismo, ela por não saber exprimir ou explicar sua insatisfação. Guy não poderia mudar sem saber o que ela gostaria de ver mudado nele. Ela precisava falar — não, eles precisavam conversar, pois ele também poderia estar sentindo uma insatisfação que ela ignorava. As coisas tinham de melhorar. Como tantas outras situações difíceis esta havia começado pelo silêncio, em lugar de uma conversa franca e honesta. Tornou a voltar a Brewster às seis, ligou e o encontrou em casa.

— Querida, como vai?

— Bem, e você?

— Tudo bem. Saudades suas.

Ela sorriu ao telefone.

— Saudades tenho eu. Vou voltar amanhã.

— Ótimo, magnífico! Milhões de coisas têm acontecido por aqui. Os ensaios foram adiados até janeiro.

— E, por quê?

— Não conseguiram quem fizesse o papel da menina. É uma sorte para mim: vou fazer uma série para a televisão no próximo mês. Episódios curtos, meia hora cada um.

— Vai mesmo?

— Caiu do céu, Rô. E parece uma novela bastante boa. A cadeia ABC está gostando da idéia. Chama-se *Greenwich Village;* vai ser filmada lá mesmo e faço o papel de um escritor de vanguarda. É praticamente o papel principal.

— Que maravilha, Guy!

— Allan vive dizendo que agora me "descobriram" de vez.

— Já estava em tempo.

— Olhe, vou ter que desligar. Tenho de fazer a barba, tomar banho e sair correndo, pois vamos a um ensaio onde estará Stanley Kubrick. A que horas você vai chegar?

— Lá pelo meio-dia, talvez um pouco mais cedo.

— Estarei esperando. Um beijo.

— Um beijo para você.

Telefonou para Hutch, que não estava em casa, e deixou recado dizendo que devolveria o carro no dia seguinte.

Logo pela manhã limpou a cabana, trancou-a e voltou para a cidade. O tráfego na rodovia estava congestionado por causa de uma tripla colisão e só conseguiu chegar ao Bramford lá pela uma hora. Estacionou o carro em lugar proibido, pegou a maleta e correu para casa.

O ascensorista disse que Guy devia estar em casa mas não sabia ao certo, pois tinha largado o serviço entre onze e doze.

Parecia estar. O álbum *No Strings* estava tocando e Rosemary abriu a boca para chamá-lo quando Guy saiu do quarto, em direção à cozinha levando na mão uma xícara de café.

Beijaram-se longa e ardentemente.

— Divertiu-se? — perguntou.

— Horrível. Uma droga. Senti tanta saudade de você.

— Está melhor?

— Estou bem. Como foi com Stanley Kubrick?

— Nem apareceu, judeu miserável. Beijaram-se novamente.

Levou a maleta para o quarto e abriu-a na cama. Ele entrou com duas xícaras de café, deu-lhe uma e tomou a sua sentado no banquinho da penteadeira enquanto ela desfazia a mala. Contou-lhe sobre os bosques dourados e as noites silenciosas; ele falou sobre *Greenwich Village,* quem mais estava trabalhando na série, quais eram os produtores, diretores e autores.

— Você está *bem mesmo?* — perguntou Guy, enquanto ela fechava a mala.

— Não estou entendendo a pergunta.

— Sua menstruação. Devia ter vindo na terça-feira.

— É mesmo?

Ele sacudiu a cabeça, assentindo.

— Bem, um atraso de dois dias — respondeu, calma, como se seu coração não estivesse em disparada. — Talvez seja por causa da mudança de clima ou da alimentação.

— Nunca se atrasou antes.

— Deve vir hoje. Ou amanhã.

— Quer apostar?

— Quero.

— Cinqüenta pratas?

— Feito.

— Você vai perder, Rô.

— Cale essa sua boca. Já está me deixando nervosa. São só dois dias de

atraso. Deve vir hoje mesmo.

A menstruação não veio naquela noite, nem nos dias seguintes. Rosemary passou a mover-se cautelosamente, andando pouco e não fazendo o menor esforço que pudesse expulsar o que possivelmente já tivesse se alojado dentro dela.

Ter a tal conversa com Guy? Não, agora podia esperar.

Tudo podia esperar.

Fazia as compras, arrumava a casa, cozinhava, respirando com cuidado. Laura-Louise procurou-a uma manhã, pedindo-lhe que votasse em Buckley. Disse que votaria, só para se ver livre dela.

— Quero as cinqüenta pratas que apostei — disse Guy.

— Cale a boca — respondeu ela, dando-lhe um tapinha no braço.

Marcou hora num obstetra e na quinta-feira, 28 de outubro, foi ao consultório. Seu nome era dr. Hill. Fora-lhe recomendado por uma amiga, Elise Dunstan, que tinha sido atendida por ele em duas gestações e o considerava ótimo. Seu consultório ficava na Rua 72 Oeste.

Era mais jovem do que Rosemary imaginara — mais ou menos a idade de Guy — e parecia um pouco com o dr. Kildare. Gostou dele. Fez uma longa série de perguntas, minuciosamente e com interesse, examinou-a e enviou-a a um laboratório onde uma enfermeira colheu sangue para exames.

O médico telefonou para Rosemary no dia seguinte:

— Senhora Woodhouse? Quem fala o dr. Hill. Parabéns.

— Verdade?

— Verdade.

Ela sentou-se na cama sorrindo para o telefone. *É verdade é verdade, é verdade!*

— Está me ouvindo?

— O que tenho de fazer agora? — perguntou.

— Muito pouco. Gostaria de vê-la no próximo mês. Compre um vidro de Natalin e comece a tomar um comprimido por dia. Preencha um formulário que vou enviar-lhe pelo correio. É para a maternidade; é melhor fazer a reserva o mais cedo possível.

— Para quando vai ser?

— Como sua última menstruação foi no dia 21 de setembro, deve ser lá para 28 de junho.

— Parece tão longe.

— E é. Ah! Mais uma coisa, senhora Woodhouse. O laboratório precisa de mais um pouco de seu sangue. A senhora poderia passar lá amanhã ou depois, para colherem mais um pouco?

— Sim, claro. Mas por quê?

— Não recolheram a quantidade necessária.

— Bem, mas *estou* grávida, não é?

— Sem a menor dúvida. Preciso de um exame mais completo, açúcar no

sangue, fator RH, etc. A enfermeira era nova na função e não colheu a quantidade que desse para todos. Não há com que se preocupar. A senhora está grávida. Dou minha palavra.

— Está bem, passarei lá amanhã.

— Lembra-se do endereço?

— Sim, tenho o cartão.

— Vou pôr os formulários no correio, e desejo vê-la na última semana de novembro.

Marcaram a consulta para 29 de novembro à uma da tarde e Rosemary desligou, sentindo que havia algo errado. A enfermeira do laboratório parecia saber exatamente o que estava fazendo e a maneira do dr. Hill quando se referiu a ela parecia pouco ética. Não se teriam enganado? Trocando os tubos de sangue? Haveria possibilidade de não estar grávida? Mas o dr. Hill tinha praticamente dado sua palavra de médico.

Tentou não pensar no assunto. Claro que estava grávida; tinha que estar, com um atraso daqueles. Foi à cozinha, pegou o calendário e no quadrinho do dia seguinte, 29 de novembro, escreveu: "Lab; dr. Hill, 1:00".

Quando Guy chegou, Rosemary, sem dizer palavra, colocou-lhe uma moeda na mão.

— Que é isso? — perguntou sem compreender; mas num segundo deu-se conta do significado. — Que ótimo, querida! É maravilhoso — disse abraçando-a e beijando-a repetidas vezes.

— Não é mesmo? — perguntou ela.

— Maravilhoso. Estou tão feliz!

— Papai?

— Mamãe?

— Escute, Guy, falando sério, vamos começar vida nova, sim? Vamos ser mais francos e sinceros um com o outro. Ultimamente temos andado muito distantes. Você só pensa na peça, na série para a televisão e nas novas perspectivas que estão aparecendo a cada momento. Não quero dizer que esteja errado, nem seria normal se agisse de maneira diferente. Foi por isso que me afastei durante alguns dias, Guy, para descobrir o que havia de errado entre nós dois. O que foi, também de minha parte, uma falta de sinceridade, quase uma fuga.

Tem razão — falou Guy segurando-a pelos ombros e fitando-a profundamente —, tem toda razão. Senti a mesma coisa, talvez com menos intensidade que você. Sou tão egocêntrico e vaidoso, Rô. Acho que é meu grande mal. São os ossos do ofício, creio. Mas sabe que a amo, Rô, sabe que adoro você. Vou procurar demonstrar melhor o que sinto. Serei tão sincero quanto...

— É minha culpa também.

— Bobagem. Conheço bem meus defeitos e meu egoísmo sem limites. Mas vou procurar mudar, Rô. Só peço um voto de confiança.

— Oh! Guy, meu querido — exclamou Rosemary, tomada por uma onda de remorso e amor. Beijaram-se longa e apaixonadamente.

— Belo comportamento para futuros pais...

Rosemary sorriu, com os olhos úmidos de lágrimas.

— Escute, querida, sabe o que adoraria fazer?

— O quê?

— Contar a Minnie e Roman. — Levantou a mão para impedir seu protesto e continuou: — Sei que quer manter o mais total e absoluto segredo, mas conte-lhes que estávamos tentando e ficaram tão satisfeitos... Além disso, querida, com pessoas daquela idade, se demorarmos a contar, talvez nem cheguem a saber.

— Conte-lhes — concordou ela cheia de amor.

— Voltarei já — disse. Beijou-a na ponta do nariz, virou-se e correu para a porta. Observando-o sair, Rosemary deu-se conta do quanto Minnie e Roman se haviam tornado importantes para ele. Não era de surpreender: sua mãe era uma mulher ocupada e meio egoísta e nenhum de seus "pais" tinha sido muito paternal com ele. Os Castevet estavam preenchendo uma lacuna que o próprio Guy ignorava existir nele. Sentiu-se grata e prometeu-se tratá-los melhor no futuro.

Foi até o banheiro, lavou o rosto, penteou-se e passou batom.

— Você está grávida — afirmou, olhando-se no espelho. Mas o laboratório quer outro exame, pensou. Por quê?

Ao sair do banheiro, os Castevet estavam chegando com *Guy:* Minnie com um vestido caseiro e Roman trazendo nas mãos uma garrafa de vinho. Sorriam e falavam ao mesmo tempo.

— Esta é a melhor notícia que tenho tido nos últimos tempos. *Pa-ra-béns!* — exclamou Minnie abraçando-a e beijando-a nas faces.

— Nosso melhores votos de felicidade, Rosemary — completou Roman beijando-a também. — Acho que estamos tão contentes quanto vocês. Não temos champanha, mas este Saint Julien, safra 1961, será um bom substituto.

Rosemary agradeceu.

— Para quando está esperando, querida? — quis saber Minnie.

— A data-base é dia 28 de junho.

— Essa espera vai ser tão emocionante...

— Faremos todas as suas compras e ajudaremos no que for necessário — insistiu Roman.

— Por favor, não se incomodem.

Guy e Roman foram buscar copos e abrir a garrafa de vinho na cozinha. Minnie segurou Rosemary pelo braço e ambas se dirigiam à sala.

— Escute, querida, você já tem médico?

— Sim, já. Muito bom por sinal.

— Um de nossos melhores amigos é o maior obstetra de Nova York, o dr. Abe Sapirstein. E judeu. Faz os partos de todas as senhoras da alta sociedade e faria o seu também, caso pedíssemos. Cobraria um preço camarada; você teria um médico excelente e economizaria o dinheiro que Guy faz tanta força para ganhar.

— Abe Sapirstein? — perguntou Roman entrando na sala. E um dos melhores parteiros do país. Devem conhecê-lo, pelo menos de nome.

— Tenho a impressão que sim — concordou Rosemary que lembrou ter visto o nome num artigo de jornal ou revista

— Conheço sim — disse Guy. — Não apareceu faz algum tempo na televisão, no programa *Open End?*

— Esse mesmo! É um médico de fama nacional — confirmou Roman.

— Rô, que acha?

— E o dr. Hill? — perguntou.

— Deixe comigo. Darei a ele uma boa desculpa.

Rosemary pensou no dr. Hill, tão jovem, tão dr. Kildare, e no seu laboratório ineficiente que estava sendo causa de preocupações e aborrecimentos desnecessários.

— Não vou deixar que um dr. João-Ninguém Hill vá tratar de você. O *melhor* é o que vai ter e o melhor é o dr. Sapirstein — concluiu Guy.

Agradecida, Rosemary aceitou a decisão:

— Está bem, caso me queira como cliente. Pode estar com todo o tempo tomado.

— Aceitará *você* tão certo como dois e dois são quatro — afirmou Minnie com determinação. — Vou telefonar já para ele. Onde fica o telefone?

— Use o do quarto — disse Guy.

Minnie entrou no quarto e Roman encheu os copos de vinho acrescentando:

— É um homem verdadeiramente brilhante. Com toda a sensibilidade atormentada de sua raça.

Deu um copo a Rosemary e outro a Guy pedindo que aguardassem Minnie para beberem juntos. Ficaram de pé, esperando com os copos na mão. Guy insistiu para que Rosemary se sentasse, mas ela recusou.

Lá do quarto Minnie falava:

— Abe? É Minnie. Tudo bem. Escute, uma querida amiga nossa está grávida. Não é maravilhoso? Estou falando da casa deles. Disse-lhes que você cuidaria do caso e nada daqueles preços que cobra das grã-finas. — Escutou durante alguns momentos e chamou: — Rosemary, você poderá ir ao consultório dele amanhã às onze horas?

— Sim, claro que sim.

— Estará lá às onze, Abe. Obrigada. Um abraço para você também. Vamos esperar que sim.

Minnie voltou para a sala.

— Pronto. Tudo arrumado. Vou passar o endereço: fica na esquina da Park Avenue com a Rua 79. Escreverei tudo antes de sairmos — anunciou Minnie com ar triunfante.

— Obrigado, Minnie — reconheceu Guy, e Rosemary completou:

— Não sei como agradecer a vocês.

Minnie pegou o copo que Roman estendia dizendo:

— É fácil. Faça tudo o que Abe mandar e terá um bebê forte e sadio. É este o agradecimento que desejamos.

— Vamos beber à saúde de um bebê forte e sadio — propôs Roman levantando o copo. Beberam ao mesmo tempo, como num ritual.

— Ah, que vinho delicioso.

— É, sim, e não está nada caro.

— Quero só ver a cara de Laura-Louise quando lhe contar a novidade — disse Minnie.

— Por favor, não conte a ninguém. Ainda não. É tão cedo! — pediu Rosemary.

— Tem razão. Haverá tempo bastante mais tarde para espalhar as boas novas — concordou Roman.

— Querem uns biscoitinhos e queijo? — perguntou Rosemary.

— Fique sentadinha, meu bem. Eu irei buscar tudo — ordenou Guy.

Naquela noite Rosemary sentiu-se excitada e feliz demais para poder dormir. Ficou deitada, com as mãos sobre a barriga, pensando no milagre do minúsculo óvulo que tinha sido fertilizado pela minúscula semente. Iria se chamar Andrew ou Susan. Se fosse menino seria definitivamente Andrew; se fosse menina, Susan ou outro nome que escolheria com Guy. Teria *Andrew* ou *Susan* o tamanhinho de uma cabeça de alfinete? Não, seria maior, pois ela já estava entrando no segundo mês. Deveria ter os contornos definidos do embrião. Tinha de arranjar um livro ou uma tabela para acompanhar, passo a passo, o crescimento. Precisava pedir o nome de um ao dr. Sapirstein.

Escutou uma sirene de carro de bombeiro; Guy mexeu-se e resmungou no sono; ouviu, na parede vizinha, o ranger da cama de Minnie e Roman.

Havia tantos perigos contra os quais se resguardar: incêndios, quedas, automóveis, elevadores; coisas que jamais tinham parecido perigosas antes mas que eram agora, para ela e para *Andrew* ou *Susan,* que agora estava vivendo, sim, *vivendo!* Pretendia não fumar mais e perguntar ao dr. Sapirstein a respeito de álcool.

Como seria bom se ainda pudesse orar! Tomar novamente um crucifixo e pedir a Deus que, em Sua infinita misericórdia, a ajudasse na passagem dos oito meses que tinha pela frente. Por favor, nada de rubéola ou remédio como a Talidomida. Oito meses, oito meses, por favor, sem acidentes ou doenças e, sim, cheios de cálcio, sol e vitaminas.

Subitamente lembrou-se do talismã, da bolinha de prata cheia de raiz-de-tannis e, fosse por crendice ou não, desejou-o — não, *necessitou-o* junto de seu corpo. Saiu da cama na ponta dos pés, abriu a penteadeira e tirou-o da caixinha onde permanecia embrulhado em papel de alumínio. O cheiro de tannis tinha mudado: estava forte, porém não mais repelente. Colocou a correntinha em volta do pescoço.

Voltou para a cama, pé ante pé, com a bolinha fazendo cócegas entre seus seios. Deitou-se, cobriu-se e fechou os olhos. Respirando profundamente, com as mãos sobre o abdome como para proteger o precioso embrião, dormiu.

SEGUNDA PARTE

Rosemary sentia-se *viva* agora: estava criando algo, estava sendo alguém, estava realizada e completa. Continuava executando as mesmas tarefas diárias: cozinhava, arrumava, lavava e passava, fazia compras e ia à aula de escultura — porém agora com a aura de serenidade nascida da certeza de que Andrew ou Susan (ou Melinda) estava cada dia maior dentro dela, um pouco mais definido e mais perto do momento maravilhoso da chegada.

O dr. Sapirstein era maravilhoso: alto, moreno, de cabelos e bigodes brancos — já o conhecia de vista, mas não sabia de onde, talvez da televisão —, e, a despeito de ter um consultório mobiliado com poltronas de Mies van der Rohe e mesas de mármore, era um médico simples e à moda antiga. Dissera-lhe:

— Por favor, não leia nenhum livro. Cada gravidez é diferente da outra, e um livro que descreva quais os sintomas que deve sentir no terceiro ou quarto mês só servirá para preocupá-la. Nenhuma gravidez se passa como mostra um livro. E, acima de tudo, nada de conversinhas com suas amigas. Podem ter tido gestações completamente diferentes e acharão que as *delas* foram normais e que a *sua* não está sendo.

Perguntou-lhe a respeito das vitaminas que o dr. Hill tinha receitado.

— Nada de pílulas. Minnie Castevet tem um herbário e um liquidificador. Vou pedir que lhe faça diariamente um suco de ervas e vitaminas que será mais potente e saudável do que qualquer remédio industrializado. Outra coisa: não tenha receio de satisfazer seus desejos. Uma teoria moderna afirma que as mulheres inventam desejos pois acreditam que é o que esperam delas. Não estou de acordo. Acho que, se tiver desejo de comer picles em plena madrugada, obrigue o coitado do seu marido a levantar-se e ir buscá-los. Faça o que tiver vontade de fazer. Poderá se surpreender com as exigências de seu organismo durante os próximos meses. Se tiver alguma dúvida, telefone-me a qualquer hora do dia ou da noite. Pergunte o que quiser, mas a mim, e não a sua mãe ou à tia Maria. Estou aqui para isso.

Deveria voltar ao consultório uma vez por semana, o que já era uma atenção maior do que o dr. Hill dava a suas clientes, e ele mesmo se encarregaria de reservar quarto no Doctors Hospital, sem que ela precisasse preencher formulários.

Estava tudo legal, certo, magnífico! Foi ao cabeleireiro e cortou o cabelo bem curto, no estilo Vidal Sassoon, terminou o tratamento dentário, votou para prefeito (em Lindsay) e foi assistir à gravação do seriado de Guy em Greenwich Village. Entre uma cena e outra — Guy correndo pelas ruas com um carrinho de *hot-dogs* roubado —, Rosemary conversava com as crianças e sorria — *eu também* — para as mulheres grávidas.

O sal, mesmo em quantidade ínfima, tornava a comida insuportável.

— Perfeitamente normal — confirmou o dr. Sapirstein durante a segunda consulta. — Quando seu organismo necessitar dele, essa condição desaparecerá. Por enquanto, nada de sal. Confie em suas aversões como deve confiar em seus desejos.

O estranho é que não sentia desejos. Estava totalmente sem apetite. De manhã, contentava-se com um café preto e uma torrada; para o jantar, um bife malpassado e alguns legumes eram o suficiente. Todas as manhãs, Minnie lhe trazia um suco que parecia um *milkshake* esverdeado, com gosto ácido e estranho.

— Isso é feito de quê? — quis saber Rosemary.

— Cobras, lagartos e asas de barata — respondeu Minnie sorrindo.

— Está bem. Mas, e se quisermos uma menina?

— Querem mesmo?

— Não, estou brincando. Gostaremos do que vier. É claro que preferimos que o primeiro seja menino.

— Então beba.

— Fora de piada, Minnie, de que é feito?

— Ovo cru, gelatina, ervas...

— Raiz-de-tannis?

— Entre outras coisas.

Minnie trazia o suco todos os dias no mesmo copo, um copo grande listrado verde e branco e esperava até que Rosemary bebesse antes de sair.

Certo dia Rosemary encontrou-se no elevador com Phillis Kapp, mãe da pequena Lisa. Da conversa partiu um convite para almoço no domingo seguinte. Guy logo vetou a idéia, alegando que provavelmente estaria gravando nesse dia e, mesmo que não estivesse, teria de ficar em casa estudando o papel. A vida social ficara bastante limitada. Tinham se recusado a sair com Tiger e Jimmy Haenigsen e Guy pedira a Rosemary que adiasse um jantar que ela pretendia oferecer a Hutch. A série para televisão o mantinha mais ocupado do que esperava.

Rosemary estava inteiramente de acordo, pois começava a sentir dores abdominais de intensidade alarmante. Telefonou ao dr. Sapirstein, que marcou hora para examiná-la. Depois do exame, disse que não havia motivo para maiores preocupações; a dor era normal e tinha como causa a expansão dos ossos da bacia. Deveria desaparecer em poucos dias garantiu, e recomendou-lhe que tomasse aspirina para aliviá-la.

Rosemary exclamou aliviada:

— Ainda bem! Pensei que fosse uma gravidez tubária.

— Gravidez tubária? — repetiu o dr. Sapirstein olhando-a com incredulidade. Rosemary corou. — Recomendei expressamente que não lesse livro algum, Rosemary.

— Não resisti. Estava na livraria, bem a minha frente.

— Só serviu para preocupá-la. Faça-me o favor de ir para casa e jogá-lo na lata do lixo.

— Desculpe-me. Farei o que ordenar.

— As dores devem desaparecer nos próximos dias — garantiu o dr. Sapirstein. — Gravidez tubária! Francamente...

Mas as dores não passaram. Ao contrário, tornaram-se mais intensas. Era como se algo dentro dela estivesse sendo partido ao meio por um arco de ferro que fosse sendo apertado cada vez mais. Sentia dores durante horas a fio; em seguida, alguns momentos de relativo alívio, como se a dor estivesse se reorganizando para um novo ataque. A aspirina, da qual procurava não abusar, pouco adiantava. Quando conseguia dormir, tinha sonhos atribulados, nos quais se via combatendo aranhas imensas que a perseguiam no banheiro, ou procurando desesperadamente arrancar um arbusto plantado no centro da sala de estar. Quando acordava, exausta, era para enfrentar mais dores.

— Isso às vezes acontece. Deve passar de uma hora para outra. Não andou me enganando a respeito de sua idade? Essas dores são freqüentes em mulheres mais velhas, cujas articulações são menos flexíveis — afirmou o dr. Sapirstein.

— Coitadinha — comentou Minnie certa vez, ao trazer-lhe o suco. — Mas não se preocupe; uma sobrinha e duas amigas minhas tiveram o mesmo problema, mas deram à luz com a maior facilidade tendo crianças fortes e sadias.

— Obrigada pelo conforto — agradeceu Rosemary.

— Juro, Rosemary. Palavra de honra que é a pura verdade.

Rosemary olhava-se no espelho e constatava aumentar dia a dia a sua magreza e abatimento. Sentia-se horrorosa. Guy, porém, discordava:

— Que nada! Você está muito bem. O que está horroroso é seu corte de cabelo. Cortá-lo assim foi a maior bobagem que fez na vida.

A dor tornou-se sua mais fiel e constante companheira. Aceitou-a, vivendo com ela, comendo com ela e dormindo com ela. Quando se tornava realmente insuportável, tomava uma aspirina. Não tinha mais disposição para sair com Elise ou Joan, abandonou a aula de escultura, não ia sequer às' compras. Ficava em casa, pedindo pelo telefone o que necessitava do armazém, costurava as roupinhas do nenê e iniciou a leitura de *A Ascensão e a Queda do Império Romano*. Às vezes Minnie ou Roman apareciam para conversar um pouco e perguntar se desejava alguma coisa. Laura-Louise também a visitava de vez em quando, levando um pratinho de doces. Não sabia que Rosemary estava grávida. Elogiou o novo corte de cabelo e declarou-se consternada ao saber que Rosemary não estava se sentindo bem.

Quando o seriado para televisão ficou pronto, Guy passou a ficar em casa durante todo o tempo. Não estava mais tomando aulas de dicção com Dominick e parecia não se preocupar com a procura de novos papéis. Tinha contrato para fazer dois comerciais — um para os cigarros Pall Mall e outro para a Texaco — e preferia aguardar os ensaios da peça, agora definitivamente marcados para meados de janeiro. Ajudava na limpeza da casa, atendia o telefone dando desculpas quando era para Rosemary e jogavam juntos partidas de palavras

cruzadas a um dólar o jogo.

Rosemary planejara convidar amigos que não tivessem parentes na cidade para um jantar no Dia de Ação de Graças Desistiu, devido às dores e à preocupação com o bem-estar de *Andrew* ou *Melinda,* e acabaram passando a noite com Minnie e Roman.

Certa tarde, em dezembro, quando Guy estava filmando o comercial da Pall Mall, Hutch telefonou:

— Estou aqui ao lado, no City Center, comprando entradas para o espetáculo de Marcel Marceau. Você e Guy gostariam de assisti-lo na sexta-feira?

— Acho que não. Tenho andado meio indisposta e Guy está muito ocupado fazendo dois comerciais — respondeu Rosemary.

— Que é que você tem?

— Nada de grave. Ando meio de baixo astral.

— Posso dar um pulinho para vê-la?

— Claro, com o maior prazer.

Enfiou correndo uma calça comprida e um suéter, pintou os lábios, começou a escovar os cabelos. A dor atacou-a intensamente, comprimindo-a, e depois retrocedeu, voltando ao normal. Rosemary respirou aliviada e continuou a se pentear.

Hutch, ao deparar com ela exclamou:

— Meu Deus!

— É um corte Vidal Sassoon. Ultima moda.

— O que há com *você?* Não com seus cabelos.

— Estou assim tão horrorosa? — perguntou e estendeu a mão para tomar-lhe o casaco e o chapéu, procurando valentemente manter o sorriso.

— Está horrível. Perdeu no mínimo uns dez quilos e tem olheiras que fariam inveja a um urso-panda. Está fazendo uma dessas dietas zen?

— Não.

— Então, o que é que há? Foi ao médico?

— Acho melhor contar logo. Estou grávida. No terceiro mês.

Hutch olhou-a confuso e disse:

— Ridículo! Mulheres grávidas engordam; não emagrecem. E ficam com a cara sadia, não como a sua.

— Tenho uma pequena complicação — continuou Rosemary, levando-o para a sala. — Articulações duras ou coisa semelhante, de maneira que sinto dores, ou melhor, uma dor, que não me deixa dormir. E uma dor contínua porém suportável. Deve passar logo.

— Nunca ouvi falar que uma moça na sua idade pudesse ter problemas de articulações endurecidas — retrucou Hutch.

— Não é tão raro quanto pensa. São os ossos da bacia.

— Bem, parabéns — felicitou Hutch, olhando-a com ar de dúvida. — Você deve estar muito feliz.

— Se estou! Ou melhor, se estamos!

— Qual *é* seu médico?

— Dr. Abraham Sapirstein. É...

— Conheço. Fez dois dos partos de Doris. — Doris era a filha mais velha de Hutch.

— É um dos melhores da cidade — explicou Rosemary.

— Quando é que você esteve em seu consultório?

— Anteontem. Ele me disse exatamente o que repeti a você: que é uma coisa normal e que deverá passar logo. Na verdade tem dito o mesmo desde que a dor começou...

— Quantos quilos já perdeu?

— Só três. Parece...

— Besteira! Perdeu muito mais do que isso.

— Você está igualzinho a nossa balança do banheiro. Guy ficou com tanta raiva que acabou jogando-a pela janela. Não, só perdi três quilos, coisa perfeitamente normal em começo de gravidez. Mais tarde começarei a engordar.

— Assim espero, sinceramente. Parece até que está sendo sugada por um vampiro. Já se examinou, para ver se não tem umas marquinhas pelo corpo? — Rosemary sorriu. — Bem — disse Hutch sorrindo também —, vamos esperar que o dr. Sapirstein saiba o que está fazendo. Deve saber, a julgar pelos preços que cobra... Guy deve estar ganhando dinheiro a rodo.

— Está indo bem. Mas não é nada disso. O médico está nos fazendo uma camaradagem, pois é muito amigo de nossos vizinhos, os Castevet. Recomendaram-lhe que não nos cobrasse o preço de gente bem.

— Quer dizer que Doris e Axel são *gente bem?* Vão ficar encantados quando lhes contar.

A campainha tocou. Hutch ofereceu-se para ver quem era, mas Rosemary recusou.

— Dói menos quando me movimento — explicou, indo em direção à porta e perguntando-se se teria encomendado alguma coisa.

Era Roman. Parecia meio afobado. Rosemary cumprimentou-o dizendo:

— Acabei de falar em você.

— Falando bem, espero. Você precisa alguma coisa da rua? Minnie vai sair daqui a pouco e como nosso telefone interno não está funcionando, vim perguntar.

— Nada, muito obrigada. Fiz todas as compras pelo telefone de manhã.

Roman olhou para a sala e com um sorriso indagador perguntou se Guy já tinha chegado.

Rosemary disse que não, que só deveria voltar às seis, mas, como Roman continuasse com o mesmo sorriso e olhando em direção à sala, viu-se obrigada a explicar:

— Estou com uma amigo. Gostaria de conhecê-lo?

— Gostaria muito. Caso não esteja me intrometendo...

— Claro que não — respondeu Rosemary encaminhando-o para o living. Roman vestia paletó xadrez preto e branco sobre camisa azul, tendo no pescoço uma echarpe estampada. Passou bem próximo de Rosemary, que reparou, pela primeira vez, que ele tinha as orelhas furadas — a esquerda pelo menos.

— Quero lhe apresentar Edward Hutchins, um grande amigo — disse.

Virando-se para Hutch, que se levantara sorrindo, continuou: — Este é Roman Castevet, o vizinho sobre quem lhe falava ainda há pouco. — Explicou a Roman: — Estava contando a Hutch que tinham sido você e Minnie que me encaminharam para o dr. Sapirstein.

Os dois apertaram as mãos, cumprimentando-se. Hutch disse:

— Uma de minhas filhas foi cliente do dr. Sapirstein. Em dois partos.

— É um homem brilhante. Somos muito amigos, apesar de só tê-lo conhecido no ano passado.

— Sentem-se, por favor — pediu Rosemary. Os dois homens sentaram-se, ficando Rosemary ao lado de Hutch.

— Quer dizer que Rosemary já lhe deu as boas novas? — perguntou Roman.

— Certamente.

— Precisa agora descansar bastante e não se preocupar com coisa alguma.

— Seria divino! — suspirou Rosemary.

— Fiquei meio alarmado quando a vi — comentou Hutch olhando-a, enquanto tirava do paletó um cachimbo e uma bolsa de tabaco.

— Ficou? — perguntou Roman.

— Mas agora, sabendo que está nas mãos do dr. Sapirstein, sinto-me mais aliviado.

— Perdeu só uns dois ou três quilos. Não é, Rosemary? — disse Roman.

— Isso mesmo.

— E normal que isso aconteça no começo da gravidez. Depois vai começar a engordar, talvez até demais...

— Vamos esperar — refletiu Hutch, enchendo de fumo o cachimbo.

— A sra. Castevet — voltou Rosemary — faz diariamente um suco especial para mim, com ovos crus, leite, gelatina e ervas frescas cultivadas por ela mesma.

— Tudo de acordo com o que o médico recomendou — emendou Roman. — Ele parece não confiar muito nas vitaminas feitas em laboratórios.

— É mesmo? — perguntou Hutch guardando a bolsa. — Sempre julguei que se poderia ter a maior confiança em medicamentos, desde que tivessem boa procedência, é claro. — Ficou tirando umas baforadas do cachimbo, pensativo. Rosemary colocou um cinzeiro a seu lado.

— O senhor em parte está certo. Acontece, porém, que muitas vezes os remédios ficam meses na prateleira da farmácia, perdendo assim muito de sua potência inicial — explicou Roman.

— Realmente, nunca tinha pensado nisso — observou Hutch. — O senhor tem toda a razão.

— Adoro pensar que estou me alimentando com produtos frescos e naturais — afirmou Rosemary. — Aposto que séculos e séculos atrás, quando nem se imaginava a existência de vitaminas, as gestantes instintivamente mastigavam raiz-de-tannis.

— Raiz-de-tannis? — perguntou Hutch.

— É uma das ervas que entram no suco. É uma erva, não é, Roman? Pode uma erva ser raiz? — quis saber Rosemary. Roman, porém, olhando para Hutch,

pareceu não escutar.

— Tannis? Nunca ouvi esse nome. Tem certeza de que não é *anis?*

— Tannis — confirmou Roman.

— Veja. — Rosemary mostrou o talismã, tirando-o de dentro do suéter. — Dizem que traz boa sorte também. Não se espante com o odor. É meio enjoativo. — Levou a bolinha de filigrana de prata mais para junto de Hutch, que a cheirou e se afastou um pouco.

— Enjoativo é apelido. — Tomou o talismã entre os dedos observando-o. — Não me parece uma raiz. Tem mais jeito de musgo ou de fungo. Virou-se para Roman: — Não é conhecido por algum outro nome?

— Não que eu saiba.

— Procurarei na enciclopédia e descobrirei tudo o que diz respeito — afirmou Hutch. — O talismã em si é lindo. Onde o arranjou?

Virando-se com um sorriso em direção a Roman, Rosemary respondeu: — Foram os Castevet que me presentearam. Tornou a guardar o amuleto dentro da blusa.

— O senhor e sua mulher estão desempenhando verdadeiro papel de pais para Rosemary.

— Gostamos muito dela e de Guy também — confirmou Roman. Levantou-se apoiando-se nos braços da poltrona. — Bem, com licença, preciso retirar-me. Minha mulher está a minha espera.

— Pois não — disse Hutch levantando-se também. — Foi um prazer conhecê-lo.

— Estou certo de que nos veremos novamente — respondeu Roman. — Não se incomode em acompanhar-me, Rosemary, já conheço o caminho.

— Não é incômodo algum. — E Rosemary o seguiu até a porta. Tinha as orelhas furadas. A da direita também. Em seu pescoço, como andorinhas em fuga distante, via-se um sem-número de pequenas cicatrizes. — Obrigada pela visita.

— Não por isso. Gostei do seu amigo. Parece um homem extremamente inteligente.

— E é — concordou Rosemary abrindo a porta.

— Tive o maior prazer em conhecê-lo. Até logo — acenou com a mão e dirigiu-se para o corredor.

— Até logo.

Hutch estava ao lado da estante quando ela voltou à sala. — Que belo ambiente conseguiu criar aqui. Trabalhou bem!

— Trabalhei direitinho até minha bacia começar a incomodar. Você reparou que Roman tem as orelhas furadas? Só hoje *é* que percebi isso.

— Orelhas furadas e olhos perfurantes. O que fazia antes de se aposentar?

— Fazia de tudo, em todas as partes do mundo. Literalmente em todas.

— Bobagem, ninguém esteve em todos os lugares do mundo. Posso perguntar, sem parecer indiscreto, por que veio até aqui?

— Para saber se eu precisava alguma coisa da rua. O telefone interno deles não está funcionando. São vizinhos fantásticos. Se eu permitisse acho que viriam até ajudar na limpeza.

— Como é ela?

Rosemary descreveu-a acrescentando:

— Guy gosta muito deles. Acho que se tornaram para ele verdadeiros símbolos paternos.

— E para você?

— Não estou bem certa. Às vezes, sinto-me tão grata, que poderia beijar-lhes os pés; outras vezes, sinto-me meio esmagada por tanta atenção e carinho. Acho que sou meio ingrata. Lembra-se *daquela* falta de energia elétrica?

— Como poderia esquecer? Fiquei preso num elevador.

— Verdade?

— Sim, senhora. Cinco horas de escuridão total num elevador, junto com três senhoras histéricas e um membro da racista e reacionária Sociedade John Birch, todos eles certos de que a *bomba* tinha caído.

— Que coisa horrível!

— Mas você estava dizendo...

— Guy e eu estávamos em casa e, mal as luzes se apagaram, lá veio Minnie munida de velas — apontou a lareira. — Como é que se pode encontrar defeitos em vizinhos assim?

— Realmente parece impossível — concordou Hutch, olhando para a mesma direção. — Foram estas as velas que trouxeram? — perguntou, mostrando os dois castiçais que continham restos de velas negras.

— São os restos. Minnie trouxe uma quantidade que daria para um mês inteiro. Por que é que você pergunta?

— Eram todas pretas? — insistiu.

— Sim. Por quê?

— Simples, curiosidade. — Afastou-se da lareira, sorrindo. — Não vai me oferecer nem um cafezinho? E contar-me mais a respeito da sra. Castevet? Onde é que ela cultiva suas ervas? Em vasos na janela?

Dez minutos mais tarde, quando estavam na cozinha tomando café, a porta se abriu bruscamente e Guy entrou.

— Que surpresa! — exclamou dirigindo-se a Hutch com a mão estendida. — Como vai, Hutch? Que prazer em vê-lo! — Abraçou Rosemary e beijou-a no rosto. — E você, querida, como está? — Não tinha sequer tirado a maquilagem: suas faces estavam pintadas de alaranjado e os olhos delineados de preto.

— Você é quem nos surpreende — respondeu Rosemary. — O que aconteceu?

— Pararam no meio para reescrever uma cena. Só vamos recomeçar amanhã cedo. Fiquem onde estão. Voltarei num minuto. Vou tirar o sobretudo. — Virou-se e foi até o armário da entrada.

— Quer café? — perguntou Rosemary.

— Claro!

Rosemary levantou-se pegou uma xícara e encheu-a de café, fazendo o mesmo com a de Hutch e a sua. Hutch fumava seu cachimbo pensativamente.

Guy voltou com as mãos cheias de maços de Pall Mall. — Olha a muamba! Quer um?

— Não, obrigado.

Guy abriu um maço, tirou um cigarro e colocou-o na boca piscando para Rosemary.

— Já sei que devo dar-lhe os parabéns — assentiu Hutch.

— Rosemary já contou? — perguntou Guy, acedendo o cigarro. — Estou feliz, felicíssimo! Meio apavorado com medo de ser um mau pai; mas, como Rosemary será a melhor mãe do mundo, uma coisa compensará a outra.

— Para quando esperam o nenê?

Rosemary respondeu e contou a Guy que o dr. Sapirstein tinha trazido ao mundo dois dos netos de Hutch.

— Conheci seu vizinho, o sr. Castevet.

— É mesmo? Parece meio chato mas não é. Tem histórias interessantíssimas a respeito de Modjeska e Otis Skinner. É um velho amante do teatro.

— Você já reparou que ele tem as orelhas furadas, meu bem? — perguntou Rosemary.

— Está brincando.

— Não estou não. Olhei bem.

Tomaram o café, conversando sobre a rápida ascensão de Guy e a respeito de uma viagem que Hutch pretendia fazer à Grécia e à Turquia.

— Você precisa aparecer com mais freqüência — sugeriu Guy quando Hutch se preparava para sair. — Como ando ocupadíssimo e Rosemary está assim, quase não vemos ninguém.

— Vamos marcar um jantar para a próxima semana — propôs Hutch. Guy concordou e levantou-se para apanhar-lhe o sobretudo.

— Não se esqueça de ver na enciclopédia o que é raiz-de-tannis — lembrou Rosemary.

— Não me esquecerei. E você diga ao dr. Sapirstein que verifique a balança do consultório; estou convencido de que perdeu mais do que três quilos.

— Não seja bobo — brincou Rosemary. — Balanças de médicos nunca estão erradas.

Mostrando um sobretudo, Guy disse:

— Como não é o meu, é o seu.

— Certo — concordou Hutch vestindo-o. — Vocês já pensaram em nomes? Ou ainda é muito cedo?

— Andrew ou Douglas se for menino. Melinda ou Sarah, se for menina — respondeu Rosemary.

— Sarah? — surpreendeu-se Guy. — Que aconteceu com *Susan*? — Entregou o chapéu a Hutch.

Hutch beijou o rosto de Rosemary, dizendo:

— Espero que suas dores passem.

— Vão passar, não se preocupe.

— Não há nada de anormal — apressou-se em esclarecer Guy.

Hutch enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Será que a irmãzinha desta está por aqui? — perguntou, mostrando uma luva de couro forrada de pele.

Rosemary e Guy a procuraram por toda parte, mas não a encontraram.

— Está certo de que entrou com as duas? — questionou Guy.

— Não. Provavelmente deixei-a no City Center. Darei uma passada para ver se encontro. Vamos ver se marcamos mesmo um jantar, está bem?

— Sem dúvida — assentiu Guy.

— Logo no começo da semana — acrescentou Rosemary.

Esperaram até que dobrasse o corredor antes de fecharem a porta.

— Que boa surpresa — comentou Guy. — Já estava aqui havia muito tempo?

— Não. Sabe o que me disse?

— O quê?

— Que estou horrível.

— Bom amigo! Sempre com uma palavrinha amável. Parece um papa-defunto profissional. Lembra-se de como fez o possível para nos dissuadir de mudarmos para cá?

— Não é nenhum papa-defunto profissional, ora essa!

— Então é um amador de primeira categoria, querida.

Esperou até que ela lavasse a louça e depois saiu para comprar jornais.

Lá pelas onze horas, quando Rosemary já estava deitada lendo, e Guy assistia televisão na saleta, o telefone tocou. Guy atendeu e levou o aparelho para junto da cama, ligando-o na tomada.

— E para você. Hutch quer falar-lhe pessoalmente. Disse que estava na cama, mas ele insistiu que a chamasse.

Rosemary tomou o fone e perguntou:

— Hutch?

— Alô, Rosemary. Diga-me, querida, você sai de vez em quando ou só fica em casa?

— Bem, não tenho saído, mas posso sair. Por quê? — Olhou para Guy que interrogativamente esperava.

— Precisamos conversar. Pode me encontrar amanhã às onze em frente ao Edifício Seagram?

— Claro. Mas o que é que há? Não pode me dizer?

— Nada que seja terrivelmente importante. Não se preocupe. Conversaremos amanhã com calma. Podemos almoçar juntos.

— Ótimo. Gostaria bastante.

— Então fica combinado. Amanhã às onze em frente ao Seagram.

— Certo. Encontrou sua luva?

— Não. Não estava lá. Bem, já estava na hora de comprar umas novas. Boa noite, Rosemary. Durma bem.

— O mesmo para você.

Desligou.

— O que é que Hutch queria? — indagou Guy.

— Não sei. Quer que me encontre com ele amanhã. Diz que precisa falar comigo.

— Não disse a respeito de quê?

— Nem uma palavra.

Guy sacudiu a cabeça sorrindo.

— Acho que as histórias de aventuras que escreve estão começando a tomar conta dele. Onde vai encontrá-lo?

— Em frente ao Seagram, às onze.

Guy desligou o telefone e levou-o para a saleta. Voltou em seguida dizendo:

— Você é quem está grávida e eu é que tenho desejos. Vou sair para tomar um sorvete. Quer que lhe traga um?

— Quero, sim.

— De creme?

— Ótimo.

— Voltarei já.

Saiu e Rosemary encostou-se no travesseiro, com o livro esquecido no colo, pensando. O que queria Hutch? Nada importante, tinha dito. Mas também não poderia ser uma coisa banal, pois não a convocaria daquela maneira. Seria algo a respeito de Joan ou de outra das antigas companheiras de apartamento?

Ao longe escutou a campainha dos Castevet tocar. Devia ser Guy, perguntando se desejariam sorvete ou um jornal. Era amável da parte dele.

A dor apertou em suas entranhas.

Na manhã seguinte Rosemary telefonou a Minnie, pedindo-lhe que não trouxesse o suco às onze, pois iria sair e só estaria de volta depois do almoço

— Não há problema, querida — disse Minnie. — Você não precisa tomá-lo em hora marcada. Desde que o faça, o horário não interessa. Deve mesmo sair para dar uma volta. O tempo está ótimo para um passeio. Assim que voltar, ligue para mim e levarei sua bebidinha.

O tempo estava realmente magnífico: ensolarado, frio e revigorante. Rosemary começou a andar lentamente, com um sorriso nos lábios, como se não estivesse carregando a dor dentro de si. Havia Papais Noéis em todas as esquinas, sacudindo sininhos, angariando fundos para o Exército da Salvação. Todas as lojas mostravam vitrinas com decoração natalícia; a Park Avenue era um corredor interminável de árvores de Natal.

Chegou ao Edifício Seagram às quinze para as onze. Como estivesse adiantada, resolveu esperar Hutch sentada na mureta do jardim de entrada do edifício, tomando um pouco de sol e observando o vaivém incessante de pessoas, o movimento de carros e caminhões e o barulho freqüente de helicópteros que pousavam e decolavam no heliponto do prédio. O vestido que usava sob o casaco estava — finalmente! — apertando-lhe a barriga; talvez passasse na Bloomingdale's logo depois do almoço, para olhar os vestidos de gestante. No fundo, sentia-se satisfeita com o convite de Hutch (mas que desejaria ele?), pois vira-se obrigada a sair um pouco. A dor, mesmo constante e persistente, não poderia servir de pretexto para mantê-la enfiada em casa. Decidiu combatê-la, lutar contra ela usando as armas do ar, do sol e de uma atividade contínua. Não pretendia mais deixar-se vencer, mergulhada na melancolia do Bramford, sob os cuidados bem-intencionados porém excessivos de Guy, Minnie e Roman. — Vai-te, dor! Não terei mais receio de ti! — disse Rosemary para si mesma. A dor, porém, imune ao poder da vontade, continuou a atormentá-la.

Quando eram quase onze horas, levantou-se e dirigiu-se até a porta central do edifício, para esperar Hutch. O número de pessoas que entravam e saíam era impressionante; procurou concentrar-se nas que deixavam o prédio, pois Hutch deveria ter escolhido aquele ponto de encontro em razão de algum compromisso prévio no edifício. Pensou tê-lo visto, mas se enganara; identificou um rapaz com quem tivera um namoro antes de conhecer Guy, mas também estava errada. Continuou esperando, procurando vê-lo entre a multidão, sem ansiedade, pois sabia que se não o visse, ele viria a sua procura.

Esperou até onze e quinze, mas Hutch não chegava. Resolveu entrar no prédio para consultar a lista de inquilinos e procurar um nome que conhecido ligado ao de Hutch para indagar a razão do atraso, mas a lista era tão extensa que desistiu.

Tornou a sair e sentou-se novamente na mureta, observando o intenso tráfego humano. Hutch, apesar de sua proverbial pontualidade britânica, não

aparecia.

Quando eram onze e quarenta e cinco, tornou a entrar no prédio e indagou onde havia um telefone. Encaminharam-na ao subsolo, onde encontrou uma sala de estar moderna e confortável, tendo ao fundo uma cabine telefônica que no momento estava sendo usada por uma jovem negra. Quando desocupou, Rosemary ligou para seu apartamento. A telefonista de recados atendeu e disse que a única mensagem até o momento era para Guy da parte de Rudy Horn; para Rosemary não havia nada. Ligou então para Hutch, pois talvez ele tivesse deixado algum recado em seu serviço telefônico. Foi atendida quase imediatamente por uma voz de mulher:

— Alô?

— É da casa de Edward Hutchins? — perguntou.

— Sim. — Era uma voz de senhora de meia-idade. — Quem está falando, por favor?

— Aqui fala Rosemary Woodhouse. Tinha um encontro marcado com o sr. Hutchins para as onze, mas ele não apareceu até agora e estou telefonando para saber se deixou algum recado para mim.

Houve um silêncio quase interminável.

— Alô? — insistiu Rosemary.

— Hutch já me falou a seu respeito, Rosemary. Quem está falando é Grace Cardiff. Sou amiga dele. Hutch ficou doente na noite passada, ou melhor, durante esta madrugada.

— Doente? — perguntou Rosemary assustada.

— Sim. Está em estado de coma. Os médicos ainda não conseguiram determinar a causa. Está no Hospital St. Vincent.

— Que coisa horrível! — exclamou chocada Rosemary. — Falei com ele ontem às dez e meia da noite e pareceu-me estar tão bem!

— Conversamos ainda mais tarde — respondeu Grace Cardiff —, e ele estava perfeitamente bem. No entanto, a faxineira, quando foi trabalhar hoje, encontrou-o sobre o tapete do quarto.

— Não sabem a causa?

— Ainda não. Os médicos iniciaram uma série de exames; devem descobrir logo o que há de errado. Quando descobrirem a causa poderão começar logo o tratamento. Por enquanto só nos resta aguardar.

— Que coisa impressionante. Ele nunca sofreu de nada. Não que eu saiba.

— Muito menos eu. Vou voltar agora para o hospital. Se quiser, dê-me seu telefone e ligarei assim que tivermos alguma notícia.

— Ficaria imensamente grata. — Rosemary deu o número de seu telefone e perguntou se havia alguma forma de ajudar.

— Por enquanto nada — respondeu Grace Cardiff. — Acabei de ligar para uma das filhas de Hutch. Foi só o que pude fazer até o momento. Teremos de esperar até que volte a si. Se houver qualquer modificação, telefonarei para você.

Rosemary saiu do Edifício Seagram, atravessou o jardim e desceu

lentamente a escadaria. Andou pela Rua 53 até chegar à Park Avenue. Atravessou o parque, descendo em direção à Madison, perguntando-se se Hutch sobreviveria e se, caso morresse, iria encontrar em sua vida outra pessoa em quem pudesse confiar tanto quanto no velho amigo. Perguntou-se ainda a respeito de Grace Cardiff, que tinha a voz de uma simpática cinqüentona de cabelos prateados. Estaria tendo um caso com Hutch? Esperava que sim. Talvez esse breve encontro com a morte — breve encontro, não morte — pudesse levá-los a um casamento feliz e se tornasse, no fim das contas, uma bênção. Talvez...

Atravessou a Madison em direção à Rua 55. Na metade do quarteirão encontrou uma loja em que estava exposto um pequeno presépio, com figurinhas em delicada porcelana da Virgem, de São José, do Menino Jesus, dos Reis Magos, de pastores e animais. Sorriu ao deparar com o quadro, com uma ternura e devoção que seu agnosticismo recente não conseguira ainda dissipar. Refletida sobre o vidro da vitrina, como um véu, viu-se como estava na realidade: faces cadavéricas e olhos orlados de preto. Era a imagem que ontem assustara Hutch e que agora a alarmava também.

— Mas isso é o que eu chamo de coincidência! — exclamou uma voz a seu lado. Era Minnie, vestida de couro sintético branco, chapéu vermelho e com os óculos pendurados no pescoço. Caminhava em sua direção sorrindo e dizendo: — Falei comigo mesma: já que Rosemary vai sair hoje, vou aproveitar e fazer umas comprinhas de Natal. E não é que acabamos nos encontrando na rua? Até parece que combinamos! Que é que há, querida? Parece tão triste e desanimada.

— Acabei de ter más notícias. Um amigo muito querido está doente, internado num hospital.

— Não diga! Quem?

— Seu nome é Edward Hutchins.

— Não é aquele que Roman conheceu ontem em sua casa? Que coisa! Roman gostou tanto dele! Achou-o um homem inteligentíssimo. Que pena! O que tem ele?

Rosemary contou-lhe todo o drama.

— Incrível! Espero que não aconteça o mesmo que à pobre Lily Gardênia! E os médicos não sabem a causa? Bem, pelo menos estão sendo sinceros; geralmente ficam embromando a gente com um palavrório em latim. Se este país gastasse com a medicina o mesmo que gasta para pôr um astronauta em órbita, estaríamos em melhor situação. Pelo menos é o que penso. Você está bem, Rosemary?

— A dor está um pouco pior agora.

— Coitadinha. Sabe de uma coisa? É melhor voltarmos já para casa. Que acha?

— Mas você tem de terminar suas compras...

— Bobagem. Ainda tenho duas semanas para isso. Tampe os ouvidos. — Tirou da bolsa um apito, preso a uma correntinha de ouro, e soltou um silvo ensurdecedor. Um táxi parou imediatamente. — Que tal a eficiência? E conseguimos um desses novinhos em folha.

Minutos depois, já em casa, Minnie trouxe o tal suco, frio e ácido, no costumeiro copo com listas verdes e brancas. Sorriu com aprovação quando

Rosemary o devolveu vazio.

Rosemary vinha se alimentando de carne malpassada; agora, a estava comendo quase crua, grelhando-a rapidamente de um lado e do outro.

As semanas das festas de fim de ano foram terríveis. As dores se tornavam cada vez mais fortes e contínuas — fazendo com que Rosemary chegasse a não poder se recordar de como tinha sido sua vida sem elas. Parou de reagir; deixou de mencioná-las ao dr. Sapirstein e procurou enganar a si mesma quanto a sua existência. Até agora, a dor tinha estado dentro dela; agora *ela* é que estava dentro da dor; fazia parte do ar que a cercava, era seu universo. Exausta e entorpecida, passou a dormir e a comer mais, a comer carne cada vez mais crua.

Cumpria religiosamente suas obrigações: cozinhava, limpava, lavava, mandava cartões de boas-festas a amigos e parentes — faltava-lhe coragem para telefonar — e deu bonificações aos empregados do prédio e ao sr. Micklas. Tentava ler os jornais e interessar-se pela sorte dos estudantes que se recusavam a prestar o serviço militar e pela ameaça de greve dos transportes, mas não conseguia; eram notícias que vinham de um mundo de fantasia. Seu mundo real era o da dor. Guy comprara lembranças para Minnie e Roman — tinham combinado que nesse ano não se dariam presentes — e receberam do velho casal uma decoração de Natal.

De vez em quando iam ao cinema; na maioria das vezes ficavam em casa ou iam até o apartamento de Minnie e Roman. Conheceram vários dos amigos deles: os casais Fountain, Gilmore e Wess, a sra. Sabatini, que vinha sempre acompanhada de seu gato, e o dr. Shand, dentista aposentado, responsável pela confecção do talismã de Rosemary. Eram todos pessoas idosas, que tratavam Rosemary com carinho, preocupando-se com seu estado de saúde. Laura-Louise também aparecia com freqüência, bem como o dr. Sapirstein. Roman era o perfeito anfitrião, procurando manter os convidados bem servidos e fazendo com que a conversa abordasse assuntos novos e interessantes. Na passagem do ano fez um brinde coletivo: "A 1966, o Ano Um!", o que deixou Rosemary meio perplexa, embora os demais convidados parecessem compreender e apoiar o voto. Deveria ter algum significado literário ou político, que nada lhe dizia. Rosemary e Guy geralmente saíam cedo. Guy acompanhava-a até o apartamento e voltava para a reunião. Era tratado, principalmente pelas mulheres com o maior calor. Davam-lhe total atenção e riam-se quando contava alguma piada ou fazia brincadeiras.

Durante todo esse tempo Hutch permaneceu naquele estado de coma, misterioso e sem causa aparente. Grace Cardiff telefonava quase todas as semanas para dar notícias:

— Nenhuma mudança. Nenhuma. Os médicos ainda nada descobriram. Dizem que pode voltar a si a qualquer momento, ou piorar e não acordar mais.

Por duas vezes Rosemary foi até o hospital para se quedar, impotente ao

lado de Hutch; de olhos cerrados, ele mal parecia respirar. Na segunda visita, encontrou sentada perto da janela a filha mais velha de Hutch, bordando algo qualquer. Rosemary a conhecera no ano anterior na casa do pai; era uma mulher simpática, perto dos trinta anos, casada com um psicanalista sueco. Infelizmente para ela, era uma cópia feminina da cara de Hutch.

Doris não reconheceu Rosemary. Quando esta se apresentou, ela pediu desculpas.

— Não se desculpe — pediu Rosemary. — Sei que estou horrível.

— Não, não é isso. Está a mesma. Eu é que sou péssima fisionomista. Às vezes esqueço até a cara de meus filhos!

Doris pôs de lado o trabalho, puxou uma cadeira para Rosemary e começaram a conversar. Falaram sobre o estado de Hutch enquanto uma enfermeira mudava o frasco de soro que lhe estava sendo ministrado por via endovenosa.

Quando a enfermeira saiu, Rosemary disse:

— Temos um obstetra em comum.

Passaram a falar sobre assuntos relativos à gravidez e sobre a eficiência do dr. Sapirstein. Doris mostrou-se surpresa com o número de vezes que Rosemary tinha de ir ao consultório.

— Eu só ia uma vez por mês — lembrou-se. — A não ser mais para o fim, quando passei a ir de quinze em quinze dias. Somente no último mês é que fui toda semana. Pensei que fosse sempre assim.

Rosemary ficou calada e Doris percebeu que tinha cometido nova gafe.

— Bem, acho que cada gravidez é diferente da outra — comentou sorrindo como para se desculpar pela falta de tato.

— Isso foi o que *ele* me disse — respondeu Rosemary

Naquela noite contou a Guy o que Doris dissera.

— Há algo errado comigo. E o médico percebeu logo no começo — falou preocupada.

— Que bobagem! Se houvesse algo errado ele diria a você. Ou na pior das hipóteses diria a *mim*.

— Não falou nada? Nada mesmo, Guy?

— Nada. Palavra de honra, Rô.

— Então por que tenho que ir ao consultório todas as semanas?

— Sei lá. Talvez agora esteja adotando esse método. Ou talvez seja por excesso de consideração, por sermos ambos amigos de Minnie e Roman.

— Não creio que seja por isso.

— Bem, não sei. Pode ser até que ache mais agradável examinar você do que a ela. Pergunte a ele.

Perguntou ao dr. Sapirstein dois dias mais tarde.

— Rosemary, Rosemary... — advertiu ele, — Já não disse que não conversasse a esse respeito com amigas? Não lhe avisei de que cada gravidez é um caso diferente?

— Sim, mas...

— E o tratamento para cada caso tem de ser diferente. Doris Allert já tinha

tido dois filhos quando me procurou e ambos foram partos normais. Não era necessário dar-lhe a atenção que dou a uma primípara.

— O senhor sempre examina semanalmente as mulheres que vão ter o primeiro filho?

— Tento fazê-lo. Às vezes não é possível. Não há nada de errado com você. Convença-se disso, Rosemary. A dor vai parar a qualquer momento.

— Estou comendo carne quase crua. Só ligeiramente aquecida.

— Tem qualquer outra anormalidade?

— Não. Já não é o suficiente?

— Coma o que desejar e como desejar. Não lhe disse que teria desejos estranhos? Já tive clientes que comiam papel. Pare de se preocupar. Não tenho segredos para com as minhas pacientes; isso tornaria a vida muito difícil. Estou dizendo toda a verdade. Está bem?

Rosemary assentiu.

— Dê lembranças a Minnie e Roman. E um abraço em Guy.

Começou a ler o segundo volume de *A Ascensão e Queda do Império Romano,* e a tricotar uma echarpe para Guy usar durante os ensaios. A greve de transportes tinha começado, mas em nada afetava suas vidas, pois raramente saíam de casa. Durante a tarde, na hora do *rush,* ficavam na janela observando o movimento de pedestres.

— Andem, palhaços! — dizia Guy. — Andem! Corram para casa.

Não muito tempo depois de ter mencionado ao dr. Sapirstein estar se alimentando de carne quase crua, Rosemary encontrou-se às quatro da madrugada na cozinha, mastigando um coração de galinha inteiramente cru. Viu sua imagem refletida na torradeira e olhou para as mãos cobertas de sangue. Parou um momento, quase petrificada, depois jogou o resto do coração no lixo, abriu a torneira da pia para lavar as mãos. Com a água ainda correndo, debruçou-se e começou a vomitar.

Quando terminou, bebeu um pouco de água, lavou as mãos e o rosto, limpou e desinfetou a pia. Fechou a torneira, enxugou-se, ficou pensando durante alguns momentos e dirigiu-se para uma gaveta tirando lápis e papel. Sentou-se e começou a escrever.

Guy entrou na cozinha, ainda de pijama, pouco antes das sete. Encontrou-a sentada, copiando uma receita de um livro de cozinha.

— Que diabo você está fazendo? — perguntou.

Rosemary olhou-o.

— Planejando o menu. Para um jantar. Vamos dar uma festinha no dia 22 de janeiro. Daqui a uma semana. — Procurou entre as várias folhas de papel que estavam sobre a mesa e tirou uma. — Vamos convidar Elise Dunstan e o marido, Joan e quem deseje trazer, Jimmy e Tiger, Allan e a namorada, Lou e Claudia, os Chen, os Weldell, Dee Bertillon, caso você não se oponha, Mike e Pedro, Bob e

Thea Goodman, os Kapp e Doris e Axel Allert, caso possam vir. É a filha de Hutch, sabe?

— Sei — respondeu Guy.

— Minnie e Roman não serão convidados. Nem Laura-Louise, ou os Fountain, os Gilmore e os Wees. Nem mesmo o dr. Sapirstein. É uma festa muito especial. Os convidados devem ter menos de sessenta anos.

— Que alívio! Por um momento pensei que fosse ficar de fora.

— Não. Preciso de você. Vai ser o *barman*.

— Obrigado! Mas escute, Rô, você acha que é mesmo uma boa idéia?

— Foi a melhor idéia que tive nos últimos tempos.

— Não acha que deve consultar o dr. Sapirstein primeiro?

— Só pretendo dar uma festa. Não vou atravessar o canal da Mancha a nado ou escalar o Everest.

Guy foi até a pia e encheu um copo com água.

— Estarei ensaiando, como você sabe. Começamos dia 17.

— Não precisa fazer nada. Só ficar em casa e usar o velho charme.

— E cuidar do bar — lembrou Guy tomando a água.

— Não seja por isso. Contrataremos um garçom. Aquele que serve nas festas de Dicke Joan. Quando você ficar cansado, colocarei todos para fora.

Guy virou-se para olhá-la.

— Quero ver gente nova. Não Minnie e Roman. Chega!

Guy desviou os olhos e perguntou:

— E a dor?

— Não sabe a novidade. Vai parar a qualquer momento. O dr. Sapirstein me disse — retrucou com ironia.

O convite foi aceito por todos, com exceção dos Allert, que não podiam sair por causa do estado de Hutch, e dos Chen, que iam para Londres tirar retratos de Charlie Chaplin. O garçom estava ocupado, mas indicou outro. Rosemary descobriu um traje de noite que ainda lhe servia, levou-o ao tintureiro, marcou hora no cabeleireiro, encomendou gelo, bebidas e os ingredientes para um prato chileno de frutos-do-mar, chamado *chupe*.

Na quinta-feira antes do dia da festa, Rosemary estava na cozinha limpando lagostas e caranguejos, quando Minnie veio trazer o suco.

— Preparando um pratinho, hein? — comentou Minnie ao entrar. — O que é?

Na porta da cozinha, com o copo listrado na mão, Rosemary contou-lhe:

— Vamos ter convidados para jantar no sábado. Vou limpar tudo, guardar no congelador e preparar o prato no dia.

— Você se acha em condições de receber visitas?

— Sim, estou bem. São velhos amigos a quem não vejo há muito tempo. Nem sabem que estou grávida.

— Conte comigo. Posso ajudar a servir, se quiser.

— Muitíssimo obrigada, mas não será necessário. Vai ser uma jantar em

pé, muito simples, para gente íntima.

— Poderia ficar encarregada dos chapéus e casacos.

— Não, Minnie. Muito agradecida, mas não é preciso. Você e Roman já fazem demais por mim.

— Está bem. Avise-me se mudar de idéia. Tome seu suco.

— Tomarei daqui a pouco. Deixe-me terminar o que estou fazendo. Depois levarei o copo para você.

— Não pode demorar. Você sabe que, com o tempo, perde a potência.

— Pode deixar. Tomarei logo e em seguida devolvo-lhe o copo.

— Posso esperar. Não tenho o que fazer...

— De jeito nenhum. Fico nervosa se alguém me observa enquanto cozinho. Vou sair daqui a pouco e passarei bem em frente a sua porta.

— Vai sair?

— Vou fazer compras. Suma daqui, Minnie. Vocês se preocupam demais comigo.

Minnie afastou-se dizendo:

— Tome logo o suco. Olhe que as vitaminas perdem a eficácia.

Rosemary fechou a porta. Entrou na cozinha e ficou durante um minuto com o copo nas mãos. Dirigiu-se então à pia e derramou pelo ralo todo o líquido verde.

Terminou o *chupe* cantarolando, sentindo-se satisfeita consigo mesma. Depois de tê-lo colocado no congelador, preparou uma vitamina de leite, creme, ovo, açúcar e *sherry*. Bateu a mistura no liquidificador e olhou o resultado: parecia ótimo. Agüente a mão, David-ou-Amanda, pensou e experimentou o líquido. Estava delicioso. Tomou-o todo de uma só vez.

Lá pelas nove e meia, parecia que ninguém viria à festa. Guy colocou outra acha de lenha na lareira, avivou o fogo e limpou as mãos com um lenço; Rosemary entrou na sala e ficou de pé, usando sua dor, um penteado novo e longo vestido solto de veludo; o garçom, numa mesinha ao lado do quarto ocupava-se com guardanapos, casquinhas de limão, copos e garrafas. Era um italiano de aparência próspera, chamado Renato, que dava a impressão de ser garçom só como passatempo e que a qualquer momento abandonaria a reunião, caso ficasse mais chateado do que já parecia estar.

Chegaram então os Wendell — Ted e Carole; minutos depois, Elise Dunstan e seu marido Hugh, que mancava. Logo após veio Allan Stone, o agente de Guy, acompanhado de uma bela modelo negra com o nome de Rain Morgan e chegaram também Jimmy e Tiger, Lou e Claudia Comfort e o irmão de Claudia, Scott.

Guy recolheu os casacos e colocou-os sobre a cama; Renato preparou bebidas, parecendo menos entediado. Rosemary apresentou os que não se conheciam.

Bob e Thea Goodman trouxeram outro casal, Peggy e Stan Keeler.

— Claro que não me incomodo! — falou Rosemary. — Quanto mais gente melhor!

Os Kapp chegaram sem casacos, brincando:

— Que viagem! Um ônibus, dois trens e uma barca. Levamos cinco horas para chegar!

— Posso dar uma olhadela por aí? — perguntou Claudia. — Se o resto for bonito como o que estou vendo, vou meter uma bala na cabeça.

Mike e Pedro trouxeram rosas vermelhas. Pedro beijou Rosemary no rosto, murmurando-lhe ao ouvido:

— Faça com que seu marido a alimente melhor, meu bem. Está parecendo um bacalhau.

Rosemary apresentou:

— Phyllis, Bernard, Peggy, Stan, Thea, Bob, Lou, Scott, Carole...

Levou as rosas para a cozinha. Elise acompanhou-a, carregando seu copo e um cigarro de mentira (estava tentando parar de fumar).

— Que sorte vocês tiveram! E o apartamento mais bonito que conheço. Que cozinha! — admirou, olhando para Rosemary. E em seguida: — Você está bem, Rosie? Parece meio abatida.

— Muito obrigada pelo “meio abatida”. Sei que estou horrível, mas vou melhorar. Estou grávida.

— Não diga. Que ótimo! E para quando?

— Final de junho. Entrarei no quinto mês na semana que vem.

— Ótimo. Que tal achou o dr. Hill? Não é uma graça?

— Sim, é. Mas não sou cliente dele.

— Não?

— Tenho outro médico, um pouco mais velho, o dr. Sapirstein.

— Mas, por quê? Não pode ser melhor que o dr. Hill.

— É um médico de categoria. Além do mais, é amigo de amigos nossos.

Guy apareceu na cozinha.

— Parabéns, papai — cumprimentou Elise.

— Obrigado, não foi um trabalho difícil. Você quer que leve os salgadinhos, Rô?

— Se quiser, será ótimo... Veja que rosas lindas Mike e Pedro trouxeram!

Guy apanhou da mesa uma bandeja de biscoitinhos e uma tigela com molho picante.

— Quer trazer a outra? — pediu a Elise.

— Claro — respondeu, pegando o outro prato e saindo da cozinha.

— Já estou indo — gritou Rosemary.

Dee Bertillon trouxe Portia Haynes, uma atriz, e Joan telefonou de outra festa dizendo que estava a caminho e que levaria um convidado.

— Guardando segredos, hein, sua esfinge! — exclamou Tiger, abraçando e beijando Rosemary.

— Quem é que está grávida? — perguntou alguém.

— Rosemary! — respondeu outra pessoa.

Rosemary parte das flores num vaso sobre a lareira e levou o resto para o quarto.

— Parabéns — disse Rain Morgan. — Ouvi dizer que está grávida.

Ao sair recebeu das mãos de Renato um copo de uísque e soda.

— Carrego no *scotch* nas primeiras doses — explicou o garçom — para que todos se animem. Depois vou com calma.

Mike, aproveitando uma brecha, soletrou à distância:

— *Pa-ra-béns.*

Ela sorriu e agradeceu com um gesto.

— As irmãs Trench moraram aqui — comentou alguém e Bernard Kapp prosseguiu:

— Adrian Marcato e Keith Kennedy também.

— E Pearl Ames... — completou Phyllis Kapp.

— As irmãs Trent? Quem eram? — quis saber Jimmy.

— Irmãs Trench. Comiam criancinhas.

— Ela não está brincando. Quando diz que comiam que dizer *comiam mesmo* criancinhas.

Rosemary fechou os olhos e prendeu a respiração, pois a dor apertara. Talvez por culpa da bebida. Pôs o copo de lado.

— Está se sentindo bem? — perguntou Claudia.

— Sim, estou bem. Tive uma pequena cólica.

Guy estava falando com Tiger, Portia Haynes e Dee.

— É muito cedo para uma previsão — falava —, pois começamos os ensaios há apenas seis dias. Mas está saindo melhor do que no texto.

— Também, se saísse pior... — provocou Tiger. — Por falar nisso, que

aconteceu com o rapaz que ia fazer seu papel? Continua cego?

— Não sei — respondeu Guy.

— É Donald Baumgart, não é? Aquele que vive com Zoe Piper — esclareceu Portia.

— Ah... É esse? — comentou Tiger. — Não sabia que se tratava de pessoa que conhecesse.

— Ele está escrevendo uma grande peça — explicou Portia. — Pelo menos os dois primeiros atos são magníficos. Uma peça realmente revoltada, amarga como eram as de Osborne antes de fazer sucesso.

— Ainda está cego? — indagou Rosemary.

— Sim. Já perderam a esperança de curá-lo. O período de reajustamento tem sido um inferno. Mas sua peça está saindo assim mesmo. Ele dita e Zoe escreve.

Joan chegou, acompanhada de uma amigo cinqüentão. Chamou Rosemary para um lado, perguntando-lhe assustada:

— Que há com você? Algo errado?

— Não, nada de errado. Estou grávida, só isso — respondeu Rosemary.

Estava na cozinha com Tiger, preparando a salada, quando Joan e Elise entraram, fechando a porta.

— Qual é mesmo o nome de seu médico? — perguntou Elise.

— Dr. Sapirstein.

— E ele se acha satisfeito com seu estado?

Rosemary respondeu que sim, com um movimento de cabeça.

— Claudia me disse que você teve uma cólica agora há pouco.

— Sinto uma dor, que deve passar logo. Não há nada de anormal nisso.

— Que tipo de dor? — insistiu Tiger.

— Uma... uma dor. Uma dor bastante aguda às vezes. Parece que tenho os ossos da bacia um pouco duros e a dilatação se faz com dificuldade.

— Rosie, tive essa dor por uma ou duas vezes. Era como uma cólica menstrual, apenas um pouco mais forte. Mas não durava o tempo todo — explicou Elise.

— Bem, cada mulher é diferente da outra — justificou Rosemary misturando o molho na salada com o auxílio de duas colheres. — Cada gravidez apresenta sintomas distintos, o médico me explicou.

— Não tão diferentes. Você está parecendo a Miss Campo de Concentração de 1966. Tem certeza de que seu médico é competente?

Rosemary começou a chorar desanimada e silenciosamente, ainda segurando as colheres na mão. As lágrimas corriam em seu rosto.

— Meu Deus! — exclamou Joan olhando para Tiger, como para pedir auxílio. Tiger abraçou Rosemary, falando:

— Oh, meu bem, não chore, minha querida.

— Deixe que ela chore — disse Elise. — Precisa desabafar. Está mais tensa que uma mola de relógio. Chorar vai lhe fazer bem.

Rosemary continuou chorando, e o preto da pintura dos olhos marcou suas

faces. Elise fez com que ela se sentasse, Tiger tirou-lhe as colheres da mão e afastou a saladeira para o lado.

A porta começou a se abrir e Joan correu para impedir a entrada de quem quer que fosse. Era Guy.

— Ei, deixem-me entrar — pediu num tom zangado.

— Desculpe, mas só é permitida a entrada de mulheres.

— Quero falar com Rosemary.

— Não pode agora. Ela está ocupada.

— Escute, preciso lavar uns copos.

— Use a pia do banheiro. — Joan empurrou a porta, fechou-a e encostou-se nela para bloquear a entrada.

— Que diabo! Abra essa porta — gritou Guy do lado de fora.

Rosemary continuou chorando, com a cabeça abaixada, ombros curvados, as mãos caídas ao colo. Elise curvou-se, limpou-lhe o rosto com a ponta de uma toalha; Tiger procurava ajeitar-lhe o cabelo e a abraçava seguidamente.

— Dói tanto — gemeu, olhando para as amigas —, e tenho tanto medo de perder a criança.

— O que está fazendo o médico? Indicou-lhe algum remédio, algum tratamento?

— Nada, nada.

— Quando é que começou? — perguntou Tiger.

Rosemary começou a soluçar.

— Quando é que começou essa dor, Rosie? — insistiu Elise.

— Em novembro.

— *Em novembro!* — Joan repetiu da porta. — *Em novembro?* Quer dizer que está sentindo dores *desde novembro e seu médico nada fez até agora?*

— Diz que é assim mesmo, que as dores devem passar.

— Ele não chamou outro colega para examinar você? Rosemary sacudiu a cabeça.

— É muito bom médico. Muito conhecido. Apareceu até na televisão, no programa *Open End.*

— Está me parecendo um sádico de primeira categoria, Rosemary — afirmou Tiger.

— Uma dor como essa, e tão prolongada, é sinal de que algo está errado — advertiu Elise. — Sinto muito se vou assustá-la, Rosie, mas acho que deve consultar outro médico.* Procure o dr. Hill. Procure outro qualquer que não seja esse...

— ...esse louco!— completou Tiger.

— Não pode ser um bom médico deixando que você sofra dessa maneira.

— Não vou fazer nenhum aborto — defendeu-se Rosemary.

Joan, da porta, sussurrou:

— Ninguém está sugerindo que faça um aborto. Estamos só pedindo que consulte outro médico.

Rosemary tirou a toalha das mãos de Elise e disse:

— Ele me avisou que isso ia acontecer. Que minhas amigas iriam dizer que

a gravidez delas tinham sido normal e que a minha não estava sendo.

— O que quer dizer com isso? — questionou Tiger.

Rosemary olhou-a.

— Recomendou que não contasse às minhas amigas o que sentia.

— Pois queira fazer o favor de escutar bem o que estamos dizendo. Além do mais, isso não é conselho que se dê a pessoa alguma.

— Só queremos que você procure outro médico. Desde que isso traga paz de espírito a sua paciente, não vejo por que o médico possa se opor.

— E você *vai* fazer isso — intimou Joan. — Segunda-feira de manhã.

— Está certo. Vou sim.

— Promete? — insistiu Elise.

Rosemary sacudiu a cabeça. — Prometo — sorriu para Elise, Tiger e Joan. — Obrigada a vocês todas. Já me sinto bem melhor.

— Não parece; você está o *fim* — disse Tiger abrindo a bolsa. Vamos dê um jeito na cara e nesse cabelo. Arrume-se — Tirou da bolsa um pequeno estojo de maquilagem.

— Sujei meu vestido! — exclamou Rosemary.

— Um pano úmido resolverá tudo — afirmou Elise pegando a toalha e dirigindo-se para a pia.

— As torradas! — gritou Rosemary.

— Para dentro do forno ou para fora? — perguntou Joan.

— Para dentro — disse Rosemary apontando com o pincel do delineador para duas fôrmas cobertas de papel de alumínio.

Tiger começou a misturar a salada enquanto Elise limpava o vestido de Rosemary.

— Na próxima vez que tiver vontade de chorar — brincou —, faça o favor de não usar veludo.

Guy entrou na cozinha olhando-as meio desconfiado.

— Estávamos fofocando e trocando segredos de beleza. Deseja conhecer algum? — provocou Tiger.

— Você está bem? — perguntou ele a Rosemary.

— Claro, ótima! — respondeu sorrindo.

— Derramou um pouco de molho de salada no vestido — disfarçou Elise.

— Será que o pessoal da cozinha não merece uma rodada de drinques? — questionou Joan.

O *chupe* foi um sucesso, assim como a salada. Tiger murmurou para Rosemary:

— Foram as lágrimas que lhe deram esse toque genial.

Renato examinou o vinho, aprovou, abriu-o com um floreio e serviu com solenidade.

O irmão de Claudia, Scott, conversava na saleta:

— Seu nome é Altizer e está atualmente, se não me engano, em Atlanta. Diz que a morte de Deus é um fato histórico e específico, acontecido agora, bem

em nossa era. Que Deus está *literalmente morto*. — Os Kapp, Rain Morgan e Bob Goodman comiam e ouviam com atenção.

Jimmy, numa das janelas da sala de estar, comentou:

— Oba! Está começando a nevar.

Stan Keeler contou umas piadas sobre imigrantes poloneses, meio cabeludas, e Rosemary riu gostosamente.

— Cuidado com a bebida — sussurrou Guy em seu ouvido. Ela mostrou-lhe o copo ainda sorrindo.

— É só refrigerante!

O cinqüentão de Joan estava sentado no chão, acariciando-lhe os pés, e falando sem parar. Elise conversava com Pedro, que respondia sem tirar os olhos de Mike, que falava com Allan no outro lado da sala. Claudia começou a ler mãos.

Estavam com o estoque de *scotch* meio baixo, mas o resto corria às mil maravilhas. Rosemary serviu café, esvaziou cinzeiros e, ajudada por Tiger e Carole Wendell, lavou uns copos.

Mais tarde sentou-se na janela com Hugh Dunstan, tomando café e admirando os pesados flocos de neve que caíam sem cessar, como um exército em marcha. De vez em quando, um floco desgarrado caía sobre o vidro da janela, onde se derretia e sumia.

— Todos os anos juro a mim mesmo que vou sair da cidade — observou Hugh —, para me afastar do barulho, dos crimes e de tudo mais. E todo ano, quando neva ou começa um festival Humphrey Bogart, continuo aqui.

— Foi essa a razão que me levou a desejar tanto este apartamento — segredou-lhe Rosemary. — Ficar sentada na janela, vendo a neve cair, com a lareira acesa na sala.

Hugh olhou-a e falou brincando:

— Aposto que você ainda lê Dickens.

— Claro! Alguém pode *deixar* de ler Dickens?

Guy chegou junto a Rosemary dizendo:

— Meu bem, Bob e Thea já vão embora.

Lá pelas duas horas da madrugada todos os convidados já tinha saído, e Guy e Rosemary ficaram na sala, cercados de copos vazios, guardanapos usados e cinzeiros sujos. (Elise ao sair tinha recomendado baixinho: “Segunda-feira, sem falta! Não se esqueça!” Como se ela pudesse esquecer...)

— Acho que agora só nos resta mudar de apartamento — comentou Guy olhando a bagunça.

— Guy?

— Que é?

— Segunda-feira de manhã irei ao dr. Hill.

Ele nada disse; ficou olhando para ela, sem compreender.

— Quero que me examine. O dr. Sapirstein pode estar errado ou meio maluco, sei lá. Uma dor como a que sinto não pode ser normal.

— Rosemary... — começou Guy.

— E não vou mais tomar o suco de Minnie. Quero tomar vitaminas em pílulas como todo mundo faz. Há três dias que já não tomo; faço com que o deixe aqui e despejo na pia.

— Você...

— Tenho feito um suco a minha moda.

Guy, com as feições transtornadas, apontou para a cozinha e gritou:

— Era isso que aquelas víboras estavam fazendo lá? Destilando o veneno, para que você mudasse de médico?

— São minhas amigas. Não as chame de víboras.

— São umas cadelas estúpidas, que deviam se meter com a merda da vida delas.

— Tudo o que fizeram foi recomendar-me que consultasse outro médico.

— Você está nas mãos do melhor médico de Nova York, Rosemary. Sabe quem é o doutor Hill? É um *João-Ninguém Hill,* eis o que ele é.

— Estou cansada de ouvir loas sobre o dr. Sapirstein. Tenho desde novembro esta dor dentro de mim, e tudo o que ele diz é que deve parar a qualquer momento.

— Você não vai mudar de médico coisíssima nenhuma! Teríamos de pagar os dois. Está fora de questão.

— Não vou mudar. Vou só deixar que o doutor Hill me examine e dê sua opinião.

— Não vou permitir. Não seria justo com Sapirstein.

— Não é justo para Sapirstein? O que está dizendo? E o que será justo *para mim?*

— Quer a opinião de outro médico? Muito bem. Diga isso ao dr. Sapirstein e deixe que lhe indique um. Tenha pelo menos essa pequena consideração com um dos maiores especialistas do país.

— Quero o dr. Hill. Se não quiser pagar, eu... — parou de falar, e ficou absolutamente imóvel, como que paralisada. Uma lágrima correu pelas faces em direção à boca.

— Rô? — perguntou Guy aflito.

A dor desaparecera. Sumira como uma campainha disparada que de repente deixasse de tocar. Como algo que sumisse e se fosse para sempre, para nunca mais voltar, graças ao bom Deus. Acabara! Tudo seria bom agora, assim que pudesse recobrar a respiração.

— Rô? — tornou a repetir Guy, dirigindo-se a ela.

— A *dor.* Parou. A dor *parou!*

— Parou?

— *Neste minuto.* — Conseguiu sorrir. — Parou. Sem mais nem menos. — Fechou os olhos e respirou profundamente, respirou como não conseguira desde novembro. Há séculos e séculos...

Quando abriu os olhos viu Guy examinando-a com ansiedade, parecendo preocupado.

— O que é que você colocava no suco?

Sentiu o coração parar. Tinha matado a criança. Com o *sherry*. Ou um ovo estragado. Ou com a combinação dos dois. A dor tinha parado, o nenê estava morto. A dor *era* o nenê e ela o matara com a sua arrogância.

— Ovos, leite, creme, açúcar — respondeu, procurando esconder as lágrimas —, e um pouco de *sherry* — continuou, como se se referisse a um líquido atóxico.

— Quanto de *sherry?* — perguntou Guy.

Sentiu um leve movimento dentro da barriga.

— Muito? — insistiu Guy.

Sentiu novamente um movimento leve, uma pressão fraca. Começou a rir histericamente.

— *Rosemary, pelo amor de Deus! Quanto?*

— Está vivo! — disse, agora com um riso mais calmo. — Está se mexendo. Está bem; não está morto. Está se mexendo! — Olhou para sua barriga, coberta de veludo, apalpando-a. Agora sentia duas coisas se movendo, pés e mãos, um aqui, outro ali.

Virou-se para Guy sem tirar os olhos da barriga e estendeu a mão, pedindo a dele. Ele se aproximou e deu-lhe a mão. Ela colocou-a sobre o abdome. Como resposta, o nenê mexeu-se novamente.

— Está sentindo? Viu?

Guy, pálido, retirou a mão:

— Sim. Senti.

— Não precisa ter medo — brincou Rosemary —, não vai morder você.

— Estou emocionado.

— Não é maravilhoso? Está vivo. Dando pontapés. Aqui dentro.

— Vou limpar um pouco esta sala — murmurou Guy apanhando copos e cinzeiros.

— Muito bem, *David-ou-Amanda.* Já deu o ar de sua graça. Agora fique bonzinho e deixe a mamãe trabalhar. Meu Deus! Que atividade! Deve ser menino. Bem, agora vamos com calma. Ainda tem de esperar cinco meses. Conserve sua energia para a chegada. Fale com ele, Guy; é seu filho. Diga-lhe que não fique tão assanhado.

Rosemary continuou sentada, chorando e rindo, abraçando a barriga com as mãos.

O que até agora tinha sido um inferno transformou-se em céu azul. Com o fim da dor veio o sono, um sono tranqüilo, longo e repousante; com o sono veio o apetite, uma fome por carne devidamente cozida, não mais crua como antes, por ovos, verduras, leite, frutas e doces. Em poucos dias Rosemary perdeu o aspecto cadavérico; em poucas semanas passou a ter a aparência de toda mulher grávida: viçosa, sadia, triunfante, mais bonita do que nunca.

Tomava até a última gota do suco trazido por Minnie, lembrando-se daquele momento em que o bebê estava morto. O suco vinha agora acompanhado de um bolo branco e farelento, com consistência semelhante à de marzipã. Comia-o também, apreciando seu gosto de bala e com a satisfação íntima de se sentir a futura mamãe mais conscienciosa do mundo.

O dr. Sapirstein poderia ter assumido um ar de superioridade ao saber que a dor sumira. Felizmente nada disse, a não ser:

— Já não era sem tempo.

Colocou o estetoscópio sobre a barriga de Rosemary, agora bem proeminente, e escutou. Para um médico que tinha acompanhado milhares de gestações, mostrou uma excitação inesperada ao sentir os movimentos da criança. Parecia um jovem estudante de medicina que escutasse, pela primeira vez, as batidas do coração de um feto. Talvez fosse essa a diferença que distinguisse um grande médico de um médico comum. Rosemary comprou vestidos maternais; um duas-peças preto, um *tailleur* bege e um vestido vermelho de bolas brancas. Duas semanas após sua festa, foram a uma, na casa de Lou e Claudia Comfort.

— Não posso acreditar em tamanha mudança em tão pouco tempo! — exclamou Claudia, segurando-lhe as mãos. — Está cem vezes melhor. Cem, não. Mil vezes melhor!

A velha sra. Gould, vizinha de andar, ao encontrá-la, confidenciou:

— Sabe, estávamos realmente preocupados com você. Andava tão magra e abatida... Agora está outra. Arthur comentou sobre sua mudança ainda ontem.

— Sinto-me realmente muito bem agora — afirmou Rosemary. — Algumas gestações começam bem e acabam mal, e outras são ao contrário. Fico contente por ter passado pelo pior em primeiro lugar.

Passara a sentir agora pequenas dores que tinham sido sufocadas pela grande dor: seios doloridos e compressão nas costas, mas esses pequenos desconfortos eram mencionados, no livro que o dr. Sapirstein fizera com que jogasse fora, como coisa perfeitamente normal. *Sentia* que eram normais, e isso aumentava — em lugar de diminuir — sua sensação de bem-estar. O sal ainda lhe causava repugnância, mas, afinal de contas, que importância maior tinha o sal?

A peça de Guy, que mudara de diretor duas vezes, e três de título, estreou em Filadélfia em meados de fevereiro. Como o dr. Sapirstein tivesse proibido

Rosemary de acompanhar toda a turnê, foi até lá somente para assistir a estréia, viajando com Jimmy e Tiger, Minnie e Roman, no velho Packard de Jimmy. O passeio não foi muito agradável, pois Rosemary e o casal mais jovem assistiram o ensaio final da peça em Nova York e tinham sérias dúvidas quanto às chances de se tornar um sucesso. Esperavam, na melhor das hipóteses, que ao menos o papel de Guy recebesse atenção e uma crítica favorável, esperança essa mantida por Roman, que citava atores que iniciaram carreiras brilhantes em peças de pouca ou nenhuma importância.

Apesar dos cenários, do guarda-roupa e dos efeitos de luz, a peça continuava prolixa e tediosa. A festa que houve após a estréia mais parecia um velório, dividida em pequenos grupos de gente silenciosa e triste. Só a mãe de Guy, que tinha vindo de avião de Montreal, insistia em dizer que a peça era soberba e que Guy estava magnífico. Vivaz, loira e pequenina, procurava transmitir ao grupo seu entusiasmo. Minnie e Roman sorriam serenamente; Tiger, Jimmy e Rosemary preocupavam-se em silêncio. Rosemary concordava intimamente com a opinião de sua sogra a respeito de Guy, mas como achara seu desempenho excelente em *Luther* e em *Nobody Loves an Albatross,* e nenhum dos dois fora distinguido pela crítica, não se considerava um juiz imparcial.

Duas críticas chegaram nos jornais da madrugada, ambas arrasando a peça e pródigas em elogios ao desempenho de Guy; um dos jornais dedicava-lhe dois parágrafos inteiros. Uma terceira crítica, num dos matutinos, tinha como título: *Desempenho Brilhante Salva Nova Comédia Dramática,* e se referia a Guy como "um ator virtualmente desconhecido mas de intenso talento, que irá certamente atingir o estrelato".

A volta foi bem mais alegre do que a ida.

Rosemary, durante a ausência de Guy, andou bastante ocupada. Tinha que encomendar (finalmente!) o papel de parede amarelo e branco, assim como o bercinho, a cômoda e a banheira para o bebê. Tinha que escrever as cartas há tanto adiadas, contando as novidades à família; comprar roupas de criança e mais alguns vestidos para si mesma: tinha que tomar decisões diversas, como escolher o estilo dos cartões de participação do nascimento, decidir sobre o que seria melhor para o bebê, alimentá-lo no seio ou com mamadeira, pensar finalmente sobre o nome, o bendito nome! *Andrew, Douglas* ou *David; Amanda, Jenny* ou *Hope?*

Tinha ainda de fazer todas as manhãs uma série de exercícios, pois iria tentar um parto sem dor. Fazia questão absoluta de que o parto fosse normal, e o dr. Sapirstein concordava inteiramente com ela. Aplicaria anestesia só nos últimos momentos e caso pedisse. Deitada no chão, levantava as pernas e contava até dez; fazia exercícios respiratórios e imaginava o momento triunfante em que, com o auxílio de seus músculos, veria saindo de seu corpo, lentamente, a tão esperada criança.

Passou algumas noites com Minnie e Roman, outra com os Kapp e ainda outra visitando Elise e Hugh Dunstan. Elise perguntou-lhe:

— Você ainda não arranjou enfermeira? Já devia ter contatado alguma;

devem estar todas empregadas a essa altura.

No dia seguinte ligou para o dr. Sapirstein, a fim de se informar a respeito de enfermeiras, mas ele lhe disse que não se preocupasse com isso, pois já tinha contratado uma, eficientíssima, uma certa miss Fitzpatrick, que ficaria em sua companhia o tempo que desejasse.

— Pensei ter falado tudo isso com você, mas parece que me esqueci.

Guy telefonava dia sim, dia não, logo após o espetáculo. Contou a Rosemary as mudanças que estavam sendo feitas na peça e sobre a crítica excelente que ele recebera do *Variety;* ela falou-lhe sobre miss Fitzpatrick, o papel de parede e uns sapatinhos horríveis que Laura-Louise estava tricotando para o nenê.

A peça terminou depois de quinze apresentações e Guy voltou por dois dias a Nova York, pois fora chamado pela Warner Brothers para fazer um teste em seus estúdios na Califórnia. Voltou finalmente para casa com importante papel assegurado numa de duas peças a estrear na próxima temporada, e o contrato para treze filmes para a televisão, na série *Greenwich Village*. *A* Warner lhe havia feito uma proposta, mas Allan, seu agente, não a aceitara.

O bebê chutava como um demônio. Rosemary aconselhou-o a parar com aquilo ou ela o chutaria também.

O marido de Margaret telefonou para participar o nascimento de mais um sobrinho, que chegara com quatro quilos e se chamaria Kevin Michael. Logo depois, recebeu pelo correio uma participação engraçadinha demais: um garotinho cor-de-rosa, de megafone em punho, anunciando seu nome, data de nascimento, peso e altura.

— Esqueceram de colocar o tipo de sangue — comentou Guy.

Rosemary decidiu que o cartão comunicando o nascimento do *dela* seria simples, tendo só o nome deles, o nome da criança e a data. O nome já estava decidido também: seria *Andrew John* ou *Jennifer Susan.* Definitivamente. Alimentação no seio e não em mamadeira. Definitivamente.

Tiraram a televisão da saleta e colocaram-na na sala, deram os móveis a amigos que podiam aproveitá-los. O papel de parede foi entregue e colocado. Ficou perfeito. O berço, a cômoda e a banheirinha chegaram e Rosemary colocou-os aqui, depois ali, depois lá. Dentro das gavetas da cômoda Rosemary guardou os xales, as fraldas e camisinhas tão pequenas que só em segurá-las Rosemary não podia deixar de sorrir com ternura.

— Andrew John Woodhouse, pare! Você ainda tem dois meses pela frente.

Festejaram o segundo aniversário de casamento e os trinta e três anos de Guy; deram um jantar sentado para os Dunstan, os Chen e Jimmy e Tiger; assistiram *Morgan* e foram à pré-estréia de *Mame*.

Rosemary aumentava de tamanho a cada dia, seus seios pousavam sobre a barriga, esticada, quase sem umbigo, como a pele de um tambor, onde a movimentação se tornava mais forte e constante. Fazia os exercícios pela manhã e à noite, levantando as pernas, e ajoelhando-se para respirar, a respiração ofegante de uma cachorrinho cansado.

No fim de maio, ao entrar no nono mês, arrumou a maleta com as coisas

que iria precisar no hospital: camisolas, sutiã especiais, um de cetim acolchoado, etc, e deixou-a pronta perto da porta do quarto.

No dia 3 de junho, Hutch faleceu no Hospital St. Vincent. Axel Allert, seu genro, telefonou a Rosemary no sábado de manhã para lhe dar a notícia. Haveria uma cerimônia funerária na terça-feira, no Ethical Culture Center.

Rosemary chorou, parcialmente por Hutch estar morto e parcialmente por tê-lo quase esquecido durante os últimos meses. Sentia uma espécie de remorso, por acreditar que a falta de lembrança pudesse ter apressado sua morte. Grace Cardiff tinha telefonado algumas vezes e Rosemary ligara uma vez, para Doris; não tinha ido visitar Hutch, porém. Seria inútil fazê-lo enquanto ele estivesse em coma. Sentia, após ter recuperado sua própria saúde, uma espécie de aversão por doentes, como se ela e a criança pudessem sofrer algum contágio.

Guy, ao receber a notícia, ficou pálido, deprimido e não disse palavra durante várias horas. Rosemary surpreendeu-se com a profundidade de sua reação.

Foi sozinha à cerimônia fúnebre, pois Guy estava filmando e Joan estava doente. Realizou-se num belo e sóbrio auditório com painéis de madeira, sendo assistida por umas cinqüenta pessoas. Foi curta e tocante. Axel Allert falou algumas palavras, seguido por outro homem, que parecia ser um velho amigo de Hutch. Ao terminar a cerimônia, Rosemary foi até onde estava reunida a família para apresentar suas condolências. Uma senhora tocou-lhe o braço, dizendo:

— Desculpe-me, você é Rosemary, não é? — Era uma senhora distinta e bem vestida, beirando os cinqüenta anos, de cabelos grisalhos e pele jovem. — Sou Grace Cardiff — disse.

Rosemary apertou-lhe a mão, cumprimentou-a e agradeceu-lhe os telefonemas.

— Ia enviar-lhe isto pelo correio — falou Grace mostrando um embrulho de papel pardo do tamanho de um livro —, quando imaginei que poderia encontrá-la hoje. — Deu o pacote a Rosemary, que viu escrito seu nome como destinatária e o de Grace Cardiff como remetente.

— O que é? — perguntou.

— Um livro. Hutch insistiu muito para que o entregássemos a você.

Rosemary não entendeu.

— Voltou a si durante alguns minutos, pouco antes do fim. Eu não estava lá, mas recomendou a uma enfermeira que me pedisse para entregar a você um livro que estava sobre a escrivaninha. Presumo que o estava lendo quando sofreu o ataque. Insistiu muito com a enfermeira; fez com que jurasse cumprir o que pedira: que eu lhe entregasse o livro e lhe dissesse que o nome era em anagrama.

— O nome do livro?

— Possivelmente. Estava delirando, de modo que não podemos ter certeza. Parecia estar lutando para sair do coma e acabou vencido pelo esforço. Logo que voltou a si, pensou que estava no dia seguinte, no dia em que tinha marcado encontro com você para as onze horas.

— De fato, tínhamos um encontro marcado.

— Pareceu então dar-se conta do que lhe acontecera, e começou a insistir com a enfermeira para que eu lhe entregasse este livro a você. Repetiu várias vezes e depois morreu... — Grace Cardiff falava como se estivesse mantendo uma conversa social. — É um livro inglês, sobre feitiçaria.

Olhando para o livro com estranheza, Rosemary comentou:

— Não posso imaginar por que gostaria que me chegasse às mãos.

— Era o que queria, e seu desejo foi cumprido. Lembre-se de que o nome é um anagrama. Querido Hutch! Fazia com que tudo em sua vida parecesse fazer parte de um livro de aventuras para garotos.

Saíram juntas do auditório e caminharam pela rua.

— Vou na direção norte. Quer aproveitar a carona? — perguntou Grace Cardiff.

— Muito obrigada, mas vou para o lado oposto.

Chegaram à esquina, que estava cheia de pessoas que também haviam deixado o auditório e esperavam táxis. Quando um se aproximou, dois senhores que o tinham chamado ofereceram-no a Rosemary. Quis recusá-lo, mas Grace Cardiff disse:

— Lembre-se de seu estado e aceite logo. Para quando espera o nenê?

— Pelo fim de junho — respondeu Rosemary, agradecendo aos senhores e a Grace Cardiff. Entrou com alguma dificuldade no carro, que era pequeno.

— Boa sorte — desejou Grace Cardiff fechando a porta.

— Obrigada, e muito obrigada pelo livro também — agradeceu Rosemary. Virando-se para o chofer, indicou: — Para o Edifício Bramford, por favor. — Sorriu e acenou pela janela, quando o táxi se afastou.

Rosemary pensou em desembrulhar o livro ali mesmo no táxi, mas como era um carro no vinho, cheio de acessórios e cartões pedindo que os passageiros respeitassem a limpeza, achou melhor fazê-lo em casa. Lá chegando, tratou primeiro de mudar de roupa, tirando o vestido, a cinta e os sapatos e colocando chinelos e um penhoar amplo e confortável.

A campainha da frente tocou e Rosemary, ainda com o embrulho fechado nas mãos, foi atender. Era Minnie, que trazia o suco e o pedaço de bolo.

— Ouvi você chegar — disse. — Pelo que parece, não foi uma cerimônia muito longa.

— Foi curta e comovente — concordou Rosemary, segurando o copo. — O genro de Hutch disse algumas palavras e em seguida falou um velho amigo dele, que exaltou suas qualidades e fez considerações sobre como seria sentida sua ausência. Foi só isso.

— É assim que devem ser feitas essas cerimônias, de maneira sóbria e discreta. Pelo que vejo, já recebeu a correspondência.

— Não, isto me foi entregue lá mesmo, em mãos — falou Rosemary, evitando entrar em detalhes a respeito da volta de Hutch à consciência e do recado que lhe mandara.

— Deixe-me segurá-lo para você enquanto alimenta o nenê.

— Obrigada — agradeceu Rosemary, entregando-lhe o pacote.

— É um livro? — perguntou Minnie, examinando-o.

— Sim, a pessoa ia enviá-lo pelo correio, mas achando que me encontraria na cerimônia levou-o consigo.

Minnie leu o endereço da remetente.

— Conheço esse edifício. Os Gilmore moravam lá antes de se mudarem.

— É mesmo?

— Já estive lá várias vezes. Que nome bonito: Grace. É uma de suas amigas?

— Sim — confirmou Rosemary. Era mais fácil do que contar a história toda e, além do mais, Minnie não tinha nada com isso.

Acabou de tomar o suco e comer o bolo e apanhou novamente o embrulho, agradecendo.

— Escute — disse Minnie. — Roman vai até o tintureiro. Quer que leve ou apanhe alguma coisa para você?

— Não, obrigada. Veremos vocês mais tarde?

— Claro! Por que não vai tirar uma soneca?

— Boa idéia. Até logo.

Depois que Minnie saiu, Rosemary fechou a porta, passou a corrente de segurança e foi até a cozinha. Com uma faca, cortou o barbante e abriu o embrulho. O livro tinha por título *All of Them Witches,* e seu autor era J. R. Hanslet. Era um livro de capa preta, bastante antigo, com o dourado da

encadernação e dos títulos quase apagados. No frontispício lia-se a assinatura de Hutch e a data: Torquay, 1934. Um pequeno rotulo azul, no verso da capa, indicava a livraria onde fora adquirido.

Rosemary levou o livro para a sala, folheando-o a esmo. Havia algumas fotografias de pessoas da era vitoriana, sérias e respeitáveis: várias passagens estavam sublinhadas e, nas margens, viu algumas anotações escritas com a letra de Hutch. Uma das frases sublinhadas com força era a que se referia "ao fungo que denominam de *Fungo do Diabo*".

Sentou-se ao lado da janela e procurou o índice. O primeiro nome que lhe chamou a atenção foi o de Adrian Marcato, a ele era dedicado todo o quarto capítulo. Os outros tratavam de gente que presumivelmente se dedicava a bruxarias: Gilles de Rais, Jane Wenham, Aleister Crowley e Thomas Weir Os capítulos finais se intitulavam "Prática de Bruxarias" e "Satanismo e Bruxarias".

Procurando o quarto capítulo, começou a ler as vinte e poucas páginas que o compunha: Adrian Marcato nascera em Glasgow, em 1846, tinha sido trazido ainda criança para Nova York (sublinhado) e morrera na ilha de Corfu, em 1922. Narrava o tumulto que ele provocara em 1896, quando afirmara ter conseguido a materialização de Satã e o ataque que sofrera na entrada do Bramford. Contava ainda incidentes similares ocorridos em Estocolmo, em 1898, e Paris, em 1899. Havia ainda uma fotografia de corpo inteiro de Adrian Marcato, cujo traço mais marcante eram os olhos cheios de força hipnótica. O rosto, ainda que escondido por uma barba negra, lembrava Rosemary o de uma pessoa conhecida. Ao lado dessa fotografia havia outra, mais informal, em que Marcato aparecia num café em Paris, ladeado por sua esposa, Hessia e seu filho, Steven (sublinhado).

Seria para ela conhecer detalhes da vida de Adrian Marcato que Hutch fizera questão de que recebesse o livro? Mas *por quê?* Já não os pusera de sobreaviso e não reconhecera, depois, que seus temores eram infundados? Folheou o livro novamente, detendo-se nas passagens sublinhadas: "O fator mais importante é que, quer acreditemos ou não, *eles* crêem". Algumas páginas mais adiante encontrou: "a crença universal que têm no poder do sangue fresco". E ainda: "cercado de velas que, *é* desnecessário dizer, são sempre negras".

Aquelas velas pretas que Minnie tinha trazido na noite da falta de energia elétrica tinham chamado de tal maneira a atenção de Hutch, que passara a se interessar e fazer indagações sobre o casal. Será que desconfiava de Roman e Minnie fossem, como dizia o livro, bruxos? Minnie com suas ervas e seu talismã de tannis? Roman com seu olhar perfurante? Mas que bobagem! Bruxarias não existiam mais. *Ou existiriam?*

Lembrou-se então do resto do recado de Hutch: "O nome *é* um anagrama". Tentou várias combinações com o nome do livro. Era difícil, pois as letras eram tantas que criavam a maior confusão. Precisaria de lápis e papel, ou melhor, do jogo de palavras cruzadas.

Foi buscar a caixa do jogo, tornou a sentar-se ao lado da janela e separou as pedrinhas com as letras que formavam o título do livro. O bebê já vai nascer jogando cruzadas, pensou Rosemary.

— Fique quietinho aí dentro.

Tentou várias combinações; primeiro com o nome do livro. Como nenhuma fazia sentido, pegou novas peças, agora para formar o nome do autor.

O nenê deu um pontapé vigoroso.

Começou a fazer um anagrama com o nome do autor, só conseguindo de J. R. Hanslet formar Jan Shrelt ou J. H. Snartle.

Coitado de Hutch! Devia estar bem ruinzinho...

Pegou novamente a caixa do jogo e guardou as pedrinhas. Pegou o livro, que continuava a seu lado e abrira-se a esmo. Abrira-se na página que mostrava a foto de Adrian Marcato e sua família. Talvez Hutch tivesse forçado a encadernação, quando sublinhou o nome *Steven*.

O nenê estava agora completamente imóvel.

Rosemary tirou da caixa do jogo as letras que formavam o nome Steven Marcato. Arrumou-as na ordem e depois, sem hesitação, mudou a posição das pedrinhas e olhou o resultado: *Roman Castevet*.

Fez nova transposição: *Steven Marcato*.

A partir daí, novamente *Roman Castevet*.

O nenê moveu-se ligeiramente.

Leu atentamente o capítulo sobre Adrian Marcato e em seguida o que tratava da "Prática de Bruxarias". Foi até a cozinha, serviu-se de salada de atum, tomate e alface e comeu vagarosamente, meditando sobre o que lera.

Estava começando o capítulo sobre "Satanismo e Bruxarias" quando escutou a chave girar na fechadura e a porta bater contra a corrente de segurança. Era Guy.

— Por que passou a corrente na porta? — perguntou quando Rosemary abriu a porta.

Ela não respondeu. Fechou a porta e tornou a prender a corrente de segurança.

— Que é que há com você? — quis saber Guy, que trazia nas mãos um ramo de flores e uma caixa de bombons.

— Contarei lá dentro — respondeu pegando as flores e a caixa.

— Está sentindo alguma coisa?

— Sim — respondeu entrando na cozinha.

— Como foi a cerimônia fúnebre?

— Bem. Foi curta e comovente.

— Comprei aquela camisa que vimos anunciada no *The New Yorker*. Imagine que *On a Clear Day* e *Skyscraper* já vão terminar sua breve carreira teatral!

Rosemary colocou as flores num vaso azul e levou-o para a sala; Guy entrou para mostrar-lhe a camisa nova.

— Sabe quem Roman *é* na realidade? — perguntou depois de admirar a camisa.

Guy olhou-a intrigado.

— Ué! Que quer dizer? *Roman é Roman*.

— É o filho de Adrian Marcato. O tal que afirmava ter conseguido a materialização do Diabo e que quase foi linchado na porta deste prédio. Roman é, na realidade, seu filho, Steven. O nome *Roman Castevet é* anagrama de *Steven Marcato.*

— Quem foi que disse isso a você?

— Foi Hutch. — Contou a Guy sobre o livro e repetiu a mensagem final de Hutch. Mostrou-lhe o livro, que Guy examinou cuidadosamente, pondo de lado a camisa, olhando o índice, as ilustrações e lendo as passagens sublinhadas.

— Este é um retrato dele aos treze anos. Repare bem nos olhos.

— Pode se tratar de uma simples coincidência.

— E outra coincidência que esteja morando aqui? No mesmo prédio onde Steven Marcato foi criado? — Rosemary sacudiu a cabeça. — Até as idades combinam. Steven Marca-to nasceu em agosto de 1866 e teria portanto setenta e nove anos. Essa é a idade de Roman. E muita coincidência.

— Talvez você tenha razão. Pode ser que seja Steven Marcato. Coitado! Não é para menos que tenha mudado de nome. Com um pai desses...

Rosemary olhou para Guy intrigada.

— Quer dizer que não acredita que seja como foi o pai?

— O que quer dizer com isso? Que Roman seja um feiticeiro? Um adorador de Satã?

— Sim.

— Ora, Rô! Que besteira! Quer dizer que chegou a pensar a sério... — Interrompeu-se rindo e devolveu-lhe o livro. — *Francamente!*

— É uma religião para eles. Uma religião que vem de tempos imemoriais e que tem sido abafada.

— Tá certo. Mas, hoje!? Em nossos dias!?

— Seu pai foi um mártir dessa religião. Ou pelo menos é o que deve parecer a Roman. Sabe onde Adrian Marcato morreu? Num estábulo em Corfu. Nem sei onde fica. Não era aceito pelos hotéis. Literalmente, não era aceito em lugar algum. Por isso morreu num estábulo. E Roman estava com ele. Pode imaginar como deve ter se sentido em relação ao pai e ao resto do mundo? Acha que abandonaria a religião deles depois disso tudo?

— Querida, estamos em 1966.

— Este livro foi publicado em 1933. Nessa época havia grupos de adoradores do Diabo na Europa, na Austrália, na América do Sul e aqui mesmo, aqui nos Estados Unidos. Acha que todos desapareceram num prazo de trinta anos? Têm um grupo *aqui mesmo,* do qual fazem parte Minnie e Roman, Laura-Louise, os Gilmore os Fountain, e os Wees. O que é que você acha que são essas festas em que cantam ao som de flautas? São os *sabbaths* ou *esbats,* tenham o nome que tiverem.

— Vamos com calma, querida. Conclusões precipitadas...

— Leia, Guy. Leia o que fazem — pediu ela, passando-lhe o livro aberto numa página marcada. — Usam sangue em seus rituais, pois o sangue tem o poder, e o sangue mais poderoso é o de uma criança, uma criança não batizada. E não usam só o sangue, usam a carne também.

— *Pelo amor de Deus,* Rosemary!

— Por que têm sido tão solícitos conosco?

— Porque são pessoas amáveis. Que acha que sejam, maníacos?

— Sim, maníacos que pensam ter um poder sobrenatural. Que agem como se realmente o tivessem. São maníacos e doentes mentais.

— Querida, por favor...

— Aquelas velas que Minnie nos trouxe são as que usam na missa negra. Foi isso que levou Hutch a desconfiar. E lembre-se de que a sala de estar do apartamento deles é completamente vazia no centro. É para que tenham espaço para seus rituais malditos.

— Querida, vamos analisar: são pessoas idosas, que têm um círculo de amigos também idosos. Reúnem-se para conversar e o dr. Shand toca ocarina. Você pode sair agora e comprar, em qualquer loja do bairro, quantas velas pretas desejar, assim como velas vermelhas, verdes ou azuis. A sala deles é vazia no meio porque Minnie não tem a menor idéia sobre arrumação de casa. O pai de Roman era doido. Está certo. Isso não quer dizer que Roman seja também.

— Não vai mais botar os pés aqui em casa. Nenhum deles. E não vão chegar nem a vinte metros do nenê.

— Pense, Rosemary. O fato de Roman ter mudado de nome por si só já demonstra não ser como era o pai. Caso fosse, teria orgulho disso.

— Mas acontece que *não trocou* de nome. Mudou simplesmente a ordem das letras. Dessa maneira conseguiu total liberdade de ação. Não quero saber mais dessa gente aqui. Logo que a criança nascer, vamos desistir deste apartamento e mudar para outro. Não aceito discussões. Hutch é quem estava com a razão quando nos disse para não virmos para este prédio maldito.

Rosemary terminou de falar e dirigiu-se para a janela, segurando o livro nas mãos trêmulas.

Guy observou-a durante alguns momentos em silêncio. Depois disse:

— E o dr. Sapirstein? Também faz parte do grupo?

Ela virou-se para ele.

— Afinal de contas — continuou Guy —, também existem médicos malucos. A ambição maior de Abe deve ser a de fazer visitas domiciliares montado numa vassoura.

Rosemary tornou a olhar pela janela dizendo:

— Não creio que seja. E muito inteligente para isso e além do mais...

— Além do mais é judeu — interrompeu Guy. — Ainda bem que um ficou de fora em sua campanha no melhor estilo MacCarthy. *Agora percebo o que quer dizer caça às bruxas...*

— Não estou dizendo que *sejam* bruxos. Sei que não têm poder verdadeiro. Mas há pessoas que acreditam neles, tal como minha família crê em Deus e toma a hóstia como se fosse Seu corpo. Minnie e Roman acreditam na religião deles. Não só acreditam, como a praticam. Tenho certeza do que digo. Não vou me arriscar nem arriscar a segurança de meu filho.

— Não vamos sair deste apartamento — objetou Guy.

— Vamos, sim senhor.

— Falaremos sobre o assunto quando chegar a hora.

— Roman mentiu a você. O pai dele jamais teve coisa alguma a ver com o teatro. Aquelas histórias eram todas mentiras.

— Digamos que sim. Aceito que seja um mentiroso. Quem não é?

Rosemary sentou-se e recomeçou a ler o capítulo final do livro, o que tratava de "Satanismo e Bruxarias".

Guy aproximou-se e disse:

— Acho que já chega de leituras deste tipo.

— Só quero ler este último capítulo — argumentou Rosemary.

— Hoje não, querida. Está nervosa e excitada. Poderá fazer mal a você e à criança. — Estendeu a mão para tirar-lhe o livro.

— Não estou nervosa.

— Está tremendo. Está tremendo sem parar. Vamos dê-me o livro. Terminará amanhã.

— Guy, eu...

— Não. Estou falando sério. Dê-me o livro.

— Está bem. — Estendeu-lhe o livro, que ele colocou bem alto na estante, sobre os dois volumes do Relatório Kinsey.

— Deixe para amanhã. Por hoje chega de emoções. Já as teve de sobra com a cerimônia fúnebre e essa droga toda.

O dr. Sapirstein mostrou-se estupefato:

— Fantástico! — exclamou. — *Incrível!* Como é mesmo o nome? Machado?

— Marcato — respondeu Rosemary.

— Fantástico e incrível! — repetiu o dr. Sapirstein. — Não tinha a menor idéia de quem fosse o pai de Roman. Disse-me certa vez que era importador de café. Lembro-me até que me deu uma explicação sobre tipos de grão e processos de moagem de café.

— Pois contou a Guy que seu pai tinha sido produtor teatral...

O dr. Sapirstein sacudiu a cabeça.

— Coitado, não é para menos que esconda a verdade. Como não é para menos que você se sinta preocupada ao descobri-la. Sei perfeitamente bem que Roman jamais pensou em seguir a crença do pai, mas compreendo sua preocupação por tê-los como vizinhos.

— O senhor tem certeza do que diz? Acha que Minnie e Roman não fazem parte de algum grupo de... de magia negra? Tento não acreditar nisso, mas quando se trata da segurança do nenê, fico meio transtornada.

— Claro! Qualquer mulher em sua situação se sentiria assim.

— Não há nenhum perigo de que Minnie tenha incluído alguma substância estranha no suco ou no bolo?

O dr. Sapirstein deu uma risada.

— Desculpe-me, Rosemary. Não estou rindo de você, mas da simples idéia de que aquela velhinha bondosa possa ter pretendido, alguma vez na vida, prejudicar você ou a criança. Esteja certa de que não há perigo algum. Caso ocorresse algo anormal, que a prejudicasse, eu perceberia os efeitos em você ou na criança.

— Está bem. Mas não vou mais aceitar nada que tenha sido feito por ela.

— Nem precisa fazê-lo. Vou receitar uma pílulas que substituirão perfeitamente os preparados de Minnie. Há males que vêm para bem. Sua descoberta vai acabar resolvendo o problema que eles tinham.

— Problema?

— Sim, querem viajar e precisam fazê-lo o mais cedo possível. Muito cá entre nós, vou contar-lhe um segredo: Roman está bastante doente. Terá, quando muito, uns dois meses de vida. Como não ignora esse fato, deseja passar o tempo que lhe resta revendo as cidades de que mais gosta. Estavam meio sem jeito, achando que você se zangaria caso a abandonasse às vésperas do nascimento da criança. Ainda ontem discutimos o assunto; queriam saber como receberia a notícia. Coitados, não desejavam que se aborrecesse ao saber o motivo real da viagem!

— Sinto muito que Roman esteja doente — lamentou Rosemary.

— Mas bastante aliviada por saber que irão viajar, não é? — perguntou médico sorrindo. — É uma reação normal. Vamos fazer o seguinte, Rosemary:

direi a eles que a sondei quanto à viagem e que estou certo de que não ficará aborrecida. Pretendem partir no domingo. Você, por seu lado, fará de conta não ter descoberto a verdadeira identidade de Roman. Seria um pecado causar-lhe tristeza ou infelicidade, por uma questão de três ou quatro dias a mais.

Rosemary ficou calada durante alguns minutos. Em seguida, perguntou:

— Está certo de que pretendem partir no domingo?

— Pelo menos sei que *desejam* fazê-lo.

— Está bem. Tudo continuará como antes. Mas só até domingo.

— Perfeito! Mandarei preparar suas pílulas para amanhã. Quando Minnie levar o bolo e o suco, dê um jeito, jogue tudo fora e tome as pílulas.

— Maravilhoso! Assim, ficarei bem mais feliz — concordou Rosemary

— E deixá-la você feliz é o que interessa. Principalmente agora, no fim da gravidez.

— Caso o nenê seja menino, talvez lhe dê o nome de Abraham Sapirstein Woodhouse...

— Pobre coitado! Que Deus o livre disso!

Voltando para casa, contou a Guy o que ficara sabendo.

— Coitado de Roman! Não sabia que tinha tão pouco tempo de vida. Mas, por sua causa, não posso deixar de ficar satisfeito com a notícia dessa viagem. Só assim você ficará mais aliviada.

— Sem dúvida. Já me sinto outra só em saber que vão partir.

O dr. Sapirstein, aparentemente, não perdeu tempo em relatar aos Castevet a conversa que tivera com Rosemary, pois naquela mesma noite o casal apareceu para anunciar que iriam à Europa.

— Partiremos no domingo, às dez da manhã — confirmou Roman. — Voaremos direto para Paris, onde ficaremos uma semana, em seguida iremos a Zurique, Veneza e, finalmente, à mais bela cidade do mundo, Dubrovnik, na Iugoslávia.

— Estou morrendo de inveja — falou Guy.

— Acho que essa novidade não é uma surpresa para você, certo, querida? — perguntou Roman a Rosemary, com um brilho malicioso em seus profundos olhos negros.

— De fato não é, pois o dr. Sapirstein contou-me que pretendiam fazer uma viagem — respondeu Rosemary.

— Preferíamos esperar até que o bebê nascesse, mas... — disse Minnie.

— Seria uma bobagem — interrompeu Rosemary —, pois o verão vem aí, com força total.

— Mandaremos milhões de fotografias — prometeu Guy.

— Quando Roman fica com desejo de viajar — continuou Minnie —, não há força que o segure em casa.

— É verdade. Depois de passar toda minha vida viajando, acho impossível ficar mais do que um ano no mesmo lugar. E já faz catorze meses que voltamos do Japão e das Filipinas — afirmou Roman.

Passou então a fazer uma descrição da beleza e do encantamento de

Dubrovnik, de Veneza e da ilha de Skye. Rosemary, calada, observava, perguntando-se quem seria Roman na realidade: um velho amável e falastrão ou o filho demente de um pai demente?

No dia seguinte, Minnie não criou nenhuma dificuldade em deixar o suco e o bolo para que Rosemary tomasse mais tarde; estava de saída, com uma lista enorme de coisas a fazer. Rosemary ofereceu-se para ajudá-la, pegando umas roupas que estavam no tintureiro e passando na farmácia para comprar pasta de dentes e alguns remédios. Sentiu-se meio ridícula ao jogar fora os preparados de Minnie e tomar, em seu lugar, as pílulas que o dr. Sapirstein enviara.

Na manhã de sábado, Minnie perguntou-lhe:

— Você sabe, não é, quem era o pai de Roman?

Rosemary, surpreendida, assentiu.

— Percebi logo, pois senti que esfriara conosco — disse Minnie. — Não precisa se desculpar, pois não foi a primeira vez que isso aconteceu nem será a última. Nem ao menos posso condená-la. Seria capaz de matar aquele velho doido caso já não estivesse morto. Tem sido uma maldição na vida de Roman. É por isso que ele gosta tanto de viajar; quer sempre mudar de lugar antes que descubram quem realmente é. Por favor, não deixe que ele perceba que você sabe, sim? Gosta tanto de Guy e de você, que isso lhe cortaria o coração. Desejo que tenha uma viagem completamente feliz e tranqüila, pois poderá ser a última. Quer ficar com os alimentos que sobraram em nossa geladeira? Mande Guy lá em casa com um caixote e lhe darei tudo.

No sábado à noite, Laura-Louise deu uma festinha de despedida em seu pequeno apartamento, escuro e cheirando a tannis, lá no décimo segundo andar. Apareceram os Wees, os Gilmore, a sra. Sabatini, como sempre acompanhada de seu gato, Flash, e o dr. Shand. (Como é que Guy sabia que tocava ocarina? E que era ocarina e não flauta, ou clarineta? Teria de perguntar-lhe.) Roman descreveu a todos o itinerário que pretendia seguir, surpreendendo a sra. Sabatini, que achava inacreditável o fato de não pretenderem passar por Roma e Florença. Laura-Louise ofereceu biscoitinhos feitos por ela e um ponche ligeiramente alcoólico. A conversa encaminhou-se para a luta pelos direitos civis e para um furacão que recentemente assolara uma região no sul. Observando e ouvindo esse grupo de pessoas, tão semelhantes a seus tios e tias de Omaha, Rosemary achava difícil continuar acreditando que seriam na realidade adoradores do Diabo. O pequeno sr. Wees ouvia atentamente o que Guy dizia sobre Martin Luther King; como poderia aquele velhinho frágil, mesmo em sonhos, se imaginar um poderoso feiticeiro? E aquelas velhas simplórias, Laura-Louise, Minnie e Helen Wees; como aceitar a imagem delas dançando nuas numa orgia demoníaca? No entanto, ela própria, Rosemary, não as tinha visto assim? Não, *aquilo* tinha sido um sonho; um pesadelo que tivera muito tempo atrás.

Os Fountain telefonaram para se despedir de Minnie e Roman, assim como o dr. Sapirstein e algumas outras pessoas que Rosemary não conhecia. Laura-Louise deu-lhes um presente para o qual todos tinham contribuído: um rádio numa luxuosa capa de couro. Roman aceitou o presente e agradeceu com um pequeno discurso comovente. Sabe que vai morrer, pensou Rosemary, sentindo-se, sinceramente, com pena do velho.

Na manhã seguinte, apesar do protesto dos Castevet, Guy insistiu em ajudá-los; pôs o despertador para as oito e quando o relógio tocou, vestiu-se rapidamente e foi para o apartamento deles. Rosemary o acompanhou, mas havia muito pouco a fazer. A bagagem era pequena: duas malas e uma chapeleira. Minnie carregava a máquina fotográfica e Roman levava o rádio novo. Ao trancar a porta do apartamento, dando duas voltas com a chave, disse sorrindo:

— Aquele que necessita mais de uma mala para viajar é um turista e não um viajante.

Na calçada, enquanto o porteiro procurava um táxi, Roman fez uma revisão nas passagens, passaportes, cheques de viagem e nos francos que levava. Minnie abraçou Rosemary, dizendo:

— Onde quer que estejamos nosso pensamento estará com você, minha querida, até que esteja, feliz e esbelta, com seu querido bebê no colo.

— Obrigada — respondeu Rosemary, beijando-a. — Obrigada por tudo.

— Faça com que Guy nos envie milhões de fotografias, ouviu? — recomendou Minnie, beijando-a também.

— Claro, claro.

Minnie virou-se para Guy e Roman pegou a mão de Rosemary.

— Não vou desejar-lhe felicidades, porque não será necessário. *Sei* que terão uma vida muito e muito feliz.

Ela o beijou.

— Boa viagem e voltem logo.

— Talvez — respondeu ele sorrindo. — Ou talvez fique por lá, em Dubrovnik, em Pescara ou Maiorca. Veremos, veremos...

— Voltem logo — repetiu Rosemary com uma sinceridade que a surpreendeu e beijou-o novamente.

O táxi chegou. O porteiro e Guy colocaram a bagagem ao lado do chofer. Minnie entrou, transpirando dentro do vestido de lã branca, e Roman sentou-se a seu lado.

— Ao aeroporto Kennedy — informou ao chofer. — Edifício da TWA.

Beijaram-se e abraçaram-se mais uma vez pela janela aberta do carro e Rosemary e Guy ficaram na calçada acenando para o táxi que se afastava.

Rosemary sentiu-se menos feliz do que esperava.

Naquela noite, Rosemary procurou o livro *All of Them Witches* para reler e talvez achá-lo ridículo ou até mesmo cômico. Não o encontrou. Não estava na estante nem em outro lugar qualquer. Perguntou a Guy se o teria visto e ele respondeu que o jogara no lixo na quinta-feira.

— Desculpe-me, querida — confessou —, mas não queria mais que você lesse essa droga que só serviu para amedrontá-la.

Rosemary sentiu-se surpresa e aborrecida.

— Guy, Hutch *deu-me* aquele livro. Deixou-o para mim.

— Nem me passou pela cabeça. Só não queria vê-la aborrecida. Desculpe-

me.

— Isso não é coisa que se faça.

— Já pedi para me perdoar. Nem pensei em Hutch. Só em você.

— Mesmo que não tivesse sido dado por Hutch, você não teria o direito de jogar fora algo que me pertence. E, se quiser ler um livro, vou ler esse livro, e está acabado.

— Desculpe-me.

Sentiu-se aborrecida durante todo o dia. E esquecera-se de perguntar-lhe algo, uma coisa importante...

Lembrou-se do que era quando voltavam do La Scala, restaurante onde tinham ido jantar.

— Como é que você sabe que o dr. Shand toca ocarina?

Ele pareceu não compreender.

— Naquele dia, no dia em que li o livro e falamos sobre as festinhas de Minnie e Roman, você disse que o dr. Shand tocava ocarina. Como é que sabe?

— Ora! Ele me disse. Um dia quando comentei que escutávamos, através da parede, a música da flauta, disse-me que não era flauta e sim uma ocarina, tocada por ele. Como pensou que eu ficaria sabendo?

— Não sei. Por isso é que estou perguntando.

Rosemary não conseguia dormir. Acordada, de olhos abertos, pensava. O nenê estava sossegado; devia estar dormindo. Só ela continuava acordada, inquieta e preocupada, sem saber bem com quê.

Com a criança, é claro, e com o parto sem dor. Tinha deixado de fazer a ginástica nesses últimos dias. Recomeçaria amanhã sem falta. Na realidade, hoje já era amanhã, dia 13. Duas semanas de espera... Provavelmente todas as mulheres se sentiam assim, nervosas e irritadas, no fim da gravidez. Também, ter de dormir só de costas, não era fácil. Assim que tudo estiver terminado, pensou, vou dormir durante vinte e quatro horas, de bruços e com a cara enfiada no travesseiro.

Escutou sons que pareciam vir do apartamento de Minnie e Roman; conclui que deveriam vir do apartamento de cima ou do de baixo. O ar-condicionado estava ligado e abafava qualquer barulho. O casal já devia ter chegado a Paris a essa hora. Sorte deles... Dentro de algum tempo Guy, ela e as três crianças iriam fazer uma viagem assim...

O nenê acordou e começou a se mexer.

Rosemary preparou-se para a chegada iminente da criança. Comprou fraldas, alfinetes, cotonetes, óleo e talco de nenê. Arrumou novamente as roupinhas na cômoda e contratou os serviços de uma firma especializada em lavagem de fraldas. Mandou fazer os cartões de participação — deixando em branco o espaço reservado ao nome e à data de nascimento — e endereçou e selou todos os envelopes. Leu um livro intitulado *Summerhill*, que apresentava argumentos irrefutáveis em favor de uma educação livre e tolerante, discutindo-os depois, num almoço no Sardit, com Elise e Joan.

Começou a sentir contrações: um dia uma, no dia seguinte também, no outro nenhuma, no seguinte duas...

Recebeu um cartão de Paris, mostrando o Arco do Triunfo, no verso do qual estava escrito, na caligrafia clara de Minnie: "Estamos pensando sempre em vocês. Temperatura e comida maravilhosas! O vôo foi excelente! Carinhos, Minnie".

Sua barriga baixou. O nenê estava pronto para vir ao mundo.

No dia 24 de junho, uma sexta-feira, Rosemary estava comprando mais envelopes na papelaria do Tiffany's, quando encontrou Dominick Pozzo, o ex-professor de dicção de Guy. Era baixo, moreno, meio corcunda. Saudou Rosemary com voz rouca e áspera, estendendo-lhe a mão e cumprimentando-a pela bela aparência e pelo sucesso, cada vez mais crescente, de Guy. Rosemary contou-lhe sobre a oferta que Guy recebera da Warner. Dominick mostrou-se muito satisfeito. Recomendou-lhe que mandasse Guy procurá-lo para novas aulas, agora mais necessárias do que nunca. Rosemary prometeu-lhe que o faria. Despediram-se e Dominick já se encaminhava para o elevador, quando Rosemary o chamou.

— Foi bom encontrá-lo, pois nunca tive oportunidade de agradecer as entradas que nos deu para *The Fantastiks*. Adorei. Creio que vá continuar em cartaz durante muito tempo, como aquela de Agatha Christie que está em Londres há tantos anos.

— Entradas para *The Fantastiks?* — surpreendeu-se Dominick.

— Sim, deu-as a Guy. Já faz tempo; no outono. Como Guy já tinha visto a peça, fui com uma amiga.

— Jamais dei a Guy entrada alguma para essa peça.

— Deu, sim. Foi..., deixe-me pensar, em fins de setembro.

— Minha querida, nunca dei a ninguém entradas para essa peça, pela simples razão de que nunca tive nenhuma entrada para dar. Está enganada.

— Tenho certeza de que Guy me disse que foi você quem lhe deu.

— Então foi ele quem se enganou. Diga-lhe que me telefone. Sem falta!

— Pode deixar, não me esquecerei.

Estranho, pensou Rosemary, enquanto esperava para atravessar a Quinta Avenida. Guy tinha dito que Dominick lhe dera as entradas. Não tinha dúvida. Lembrava-se até que pensara enviar-lhe um cartão de agradecimento. Não, não podia estar tão enganada.

Siga, mostrava o sinal luminoso e Rosemary atravessou a rua.

Mas Guy também não poderia ter se enganado. Afinal de contas, não era sempre que ganhava entradas para teatro. Teria, deliberadamente, contado uma mentira? Talvez as tivesse encontrado na rua. Não, não iria expô-la a uma cena desagradável no teatro.

Caminhou vagarosamente, carregando o peso da criança e sentindo nas costas a dorzinha provocada pela distensão dos músculos abdominais. O dia estava quente e opressivo. Dirigiu-se para a Rua 57, andando lentamente.

Teria Guy desejado afastá-la de casa naquela noite? As entradas teriam sido compradas por ele para que pudesse estudar seu papel com mais sossego? Teria, só por causa disso, inventado uma história tão complicada? Mais de uma vez tinha pedido a Rosemary que o deixasse só e ela atendera sem criar problemas. Quando estudava novo papel, até pedia que ficasse em casa para ajudá-lo.

Seria por causa de alguma mulher? Teria recebido a visita de uma admiradora, para a qual duas horas talvez não fossem suficientes e de cujo perfume estivesse se livrando no banho de chuveiro, que tomava quando ela voltou? Não, o cheiro que impregnava o quarto naquela noite era de tannis. Tal era seu odor, que fora obrigada a embrulhar o talismã em papel de alumínio. Além do mais, Guy, naquela noite, estava ardente e amoroso... Logo após terem tido relações sexuais, caíra em sono profundo, ao passo que ela ficara acordada, escutando a flauta e os cânticos que vinham do apartamento vizinho. Flauta, não. A ocarina tocada pelo dr. Shand.

Será que Guy sabia o que e quem tocava? Por ter estado lá? *Num sabbath?*

Parou de andar e ficou olhando para as vitrinas da Henri Bendel. Não queria mais pensar em bruxarias, em adoradores do Diabo, em sangue de recém-nascido e na possibilidade de Guy ter assistido à cerimônia. Por que tinha esbarrado com aquele cretino do Dominick? Não devia nem ter saído de casa. Estava tão quente e desagradável!

Viu na vitrina um vestido lindo cor de morango; parecia um modelo de Rudi Gernreich. Quando voltasse ao peso normal, iria perguntar o preço. E veria também aquela calça amarelo-limão e as blusas de malha sanfonada.

Mas não adiantava ficar sonhando com o futuro. Tinha agora de voltar para casa, continuar caminhando, pensando e levando, dentro da barriga, a criança que se mexia sem parar.

O livro que Guy havia jogado fora descrevia com minúcias as cerimônias de iniciação, nas quais o noviço prestava juramento, era "batizado", ungido e marcado com o "estigma do Diabo". Seria possível que Guy tivesse entrado para a seita? Que tomara um banho para tirar o cheiro de unção de tannis? Que trouxesse no corpo a marca secreta dos iniciados?

Lembrava-se bem de ter visto um curativo no ombro de Guy. O curativo,

aliás, ficara no mesmo lugar durante muito tempo. Na noite da estréia da peça em Filadélfia, tinha lhe perguntado se se machucara, ao que respondera:

— Não, é só uma espinha.

Mas espinhas não demoravam tanto a secar! Ainda estaria lá, no ombro de Guy, a *mesma* espinha?

Não poderia dizer; Guy, ultimamente, não dormia mais nu. Usava sempre pijamas, mesmo nas noites de verão. Quando fora a última vez que o vira despido? Nem se lembrava pois já fazia tanto tempo...

Atravessou distraída a Sexta Avenida; um carro buzinou furiosamente, e ouviu um homem alertá-la:

— Cuidado, madame!

Mas qual a razão que o teria levado a isso? Era *Guy* e não um velho doido que procurasse desesperadamente uma razão, um interesse doentio para justificar sua existência estéril. Guy tinha sua carreira, uma carreira em vertiginosa ascensão. De que lhe serviriam feitiços e bruxarias, gente como os Gilmore, os Fountain, os Wees e Minnie e Roman? Que teriam para lhe oferecer?

A resposta lhe ocorreu antes mesmo de formular a questão. Mas era uma resposta terrível!

A cegueira de Donald Baumgart.

Caso acreditasse...

Mas não queria, não podia acreditar.

Porém o fato inquestionável era que Donald Baumgart tinha ficado cego um ou dois dias depois *daquele* domingo. E Guy não saíra de casa, ficando grudado ao telefone, como se estivesse esperando uma notícia importante.

A cegueira de Donald Baumgart!

Que tinha sido o ponto de partida: a peça, os aplausos da crítica, a nova peça, o convite para o cinema. Talvez até o papel em *Greenwich Village* fosse de Donald Baumgart caso não tivesse ficado súbita e inexplicavelmente cego, alguns dias depois de ter Guy se juntado (talvez) a uma seita (talvez) de adoradores do Diabo (talvez).

Sabiam fazer feitiços para cegar ou ensurdecer o inimigo. O livro de Hutch lhe revelara que a união de toda a malignidade de um grupo poderia cegar, ensurdecer, paralisar e até matar a vítima desejada.

Paralisar e até matar?

— Hutch? — perguntou-se em voz alta, parando em frente ao Carnegie Hall e assustando uma menininha que se agarrou à saia da mãe.

Tinha lido o livro naquela noite, telefonara combinando o encontro com ela para o dia seguinte. Para colocá-la a par de que Roman era Steven Marcato. E Guy, depois de ter escutado a conversa, saíra para... *para comprar sorvete?,* e passara pela casa dos Castevet. Teriam convocado, sem perda de tempo, uma reunião? Para lançar um feitiço? Mas como imaginariam o que Hutch pretendia revelar? Ela própria não tinha a menor idéia do que fosse...

Mas vamos supor, pensou Rosemary, que raiz-de-tannis não fosse o nome verdadeiro da coisa. Hutch ficara intrigado com o nome, e prometera investigar. Vamos supor que se tratasse das palavras sublinhadas no livro: “a substância que

chamam de *Fungo do Diabo*". Roman ouvira Hutch dizer que iria estudar o assunto e, já de prevenção, tomara um objeto pessoal de Hutch, a luva que não conseguira encontrar. Sim, pois para fazer o feitiço havia necessidade de algo de uso pessoal da vítima! E, quando Guy lhes contou sobre o encontro marcado entre Hutch e Rosemary, puseram-se imediatamente a *trabalhar*.

Não. Roman não poderia ter se apoderado da luva de Hutch. Nem chegara perto do armário. Rosemary o tinha acompanhado na entrada e na saída do apartamento.

Guy é que havia apanhado a luva. Tinha voltado para casa correndo — com o rosto ainda todo maquilado. Dirigira-se quase diretamente para o armário. Roman devia ter lhe telefonado dizendo: "Esse amigo de Rosemary, Hutch, está desconfiado. Corra para casa e consiga um objeto pessoal dele. Só para ficarmos preparados para qualquer eventualidade". E Guy tinha obedecido. Para que Donald Baumgart permanecesse cego.

Esperando o sinal luminoso para atravessar a Rua 55, prendeu a bolsa embaixo do braço, tirou a corrente com o talismã do pescoço e jogou-os num ralo de esgoto.

Vai-te tannis! Vai-te, Fungo do Diabo!

Estava tão apavorada que tinha vontade de chorar, ali mesmo na rua.

Pois sabia agora o que Guy prometera como pagamento pelo seu sucesso.

Prometera a criança. Para que a sacrificassem em seus rituais diabólicos.

Antes de Donald Baumgart ter ficado cego, nunca demonstrara a menor vontade de ter um filho. E, mesmo depois que ela engravidara, ele se mostrava distante e desinteressado; não gostava de sentir os movimentos da criança, não se referia a ela, não fazia planos para o futuro. Era como se o filho não fosse dele...

Guy sabia muito bem o que pretendiam fazer com a criança, assim que a entregasse a eles.

Chegando ao apartamento, que estava fresco e tranqüilo, tentou convencer-se de que só podia estar enlouquecendo. Você vai ter um filho daqui a quatro dias, sua idiota. Talvez até antes. Por isso está tensa e nervosa, imaginando-se vítima de uma trama sinistra. E baseada em quê? Em meras coincidências. Não existem bruxas. Não existem feitiços. Hutch morreu de morte natural, ainda que os médicos não conseguissem diagnosticar seu mal. O mesmo ocorre com a cegueira de Donald Baumgart. E, responda-me agora, sua idiota, como teria Guy conseguido um objeto de uso pessoal de Donald Baumgart? Viu como suas suspeitas são infundadas?

Mas por que teria Guy mentido a respeito das entradas?

Rosemary despiu-se e entrou no chuveiro. Deixou a água correr quase fria, e ficou imóvel, com a cabeça virada para cima, como para lavar os pensamentos.

A mentira podia ter uma explicação simples. Quem sabe ficara no Downey's bebendo com os colegas, um dos quais lhe dera as entradas? Isso mesmo. E inventara ter sido Dominick para que ela não se zangasse por ter

passado a tarde na moleza.

Mas por que não ficava mais despido na frente dela?

De qualquer maneira, sentia-se feliz por ter jogado fora aquele desgraçado talismã. Já devia ter se livrado dele há muito tempo. Aliás, não devia sequer ter aceitado o presente de Minnie. Que delícia não sentir mais aquele cheiro de repelente! Espalhou água-de-colônia por todo o corpo.

Quem sabe se Guy tinha alguma alergia? Uma urticária ou eczema? E, extremamente vaidoso que era, desejava escondê-la até mesmo dela?

— *Viu? É elementar, sua idiota!*

Mas por que teria jogado fora o livro? E por que passava tanto tempo na companhia de Minnie e Roman? E por que esperara, colado ao telefone, a notícia da cegueira de Donald Baumgart? E por que tinha voltado para casa correndo, sem ao menos tirar a maquilagem, logo depois da saída de Roman?

Rosemary vestiu-se e escovou os cabelos, prendendo-os com uma fita. Foi até a cozinha e tomou dois copos de leite.

Não tinha resposta para nenhuma das questões.

Entrou no quarto do nenê e forrou com plástico a área da parede onde ficaria encostada a banheirinha, para que o nenê, quando brincasse no banho, não molhasse o papel de parede.

Não sabia as respostas.

Não sabia se estava ficando louca ou se estava vendo a realidade tal como era. Não sabia se as bruxas, tinham apenas sede de poder ou se *tinham* de fato poderes sobrenaturais. Não sabia se Guy era seu marido carinhoso ou feroz inimigo. Dela e da criança.

Eram quase quatro horas. Logo mais Guy chegaria.

Telefonou para a Sociedade dos Atores e pediu o telefone de Donald Baumgart.

Ligou para o número e foi atendida, logo que campainha tocou, por uma voz impaciente:

— Pronto!

— E Donald Baumgart?

— Sim.

— Aqui quem fala é Rosemary Woodhouse, a mulher de Guy.

— Oh!

— Desejava...

— Meu Deus! — disse ele. — É a própria madame felicidade quem está falando! Ouvi dizer que está instalada principescamente no Bramford, tomando vinhos raros em taças de cristal, servidas por lacaios uniformizados!

— Desejava saber como estava. Se melhorou.

— Deus a abençoe, Rosemary Woodhouse, mulher de Guy, estou ótimo. Esplendidamente bem. Tenho melhorado muito. Hoje só quebrei seis copos, caí da escada e passei, com minha bengalinha branca, na frente de dois carros de bombeiro em disparada. Cada dia que passa é um dia de melhora.

— Guy e eu sentimos muito que a razão do sucesso dele tenha partido de sua desgraça.

Donald Baumgart ficou calado por um momento, depois disse:

— Que diabo! O mundo é assim. Para um estar por cima, outro tem de estar por baixo. Guy teria feito carreira de qualquer modo. Para dizer a verdade, depois que fizemos a segunda leitura da peça, estava certo de que *ele* ganharia o papel. Teve excelente desempenho.

— Pois Guy estava certo de que seria você o vencedor. E estava com a razão.

— Por muito pouco tempo, infelizmente.

— Senti não ter acompanhado Guy no dia em que o visitou. Convidou-me, mas não pude ir.

— No dia em que me visitou? Deve estar se referindo ao dia em que nos encontramos para tomar uns drinques.

— Sim, é isso mesmo.

— Foi bom não ter ido. Não permitem a entrada de mulheres lá no bar, ou melhor, não depois das quatro horas. E foi depois das quatro que nos encontramos. Gostei muito do que Guy fez. Mostrou grande classe. Em seu lugar, creio que não faria o mesmo.

— O vencido convidando o vencedor para um drinque, não é? — comentou Rosemary.

— Nenhum de nós poderia imaginar que em menos de uma semana...

— É verdade. O encontro foi dias antes de você ter...

— Ter ficado cego. Sim, foi mesmo. Deve ter sido na quarta ou na quinta. E logo depois, no domingo seguinte, aconteceu a desgraça. Escute, Guy não colocou algo naquele drinque, colocou?

— Não, nem pense nisso — respondeu Rosemary com voz trêmula. — Por outro lado, Guy se esqueceu de devolver a você o que lhe emprestou.

— Devolver o quê?

— Não se recorda?

— Não. Ah! Minha gravata?

— Sim, é isso mesmo.

— Mas nada tem a me devolver. Fizemos uma troca. Fiquei com a dele e ele ficou com a minha. Caso queira a sua de volta, é só pedir. Atualmente não me interessa a gravata que estou usando, nem mesmo se estou usando gravata.

— Acho que entendi mal o que Guy falou. Pensei que tivesse pedido emprestada sua gravata. Bem, só queria saber como estava. Se estava melhorando.

— Muito obrigado, mas infelizmente meu caso parece não ter esperança. E obrigado pelo telefonema.

Rosemary desligou.

Já eram quatro e dez.

Vestiu-se rapidamente. Pegou o dinheiro para emergências que Guy tinha guardado na gaveta de camisas. Colocou-o na bolsa, assim como o caderninho de endereços e o vidro de pílulas. Sentiu uma contração, a segunda do dia. Pegou a maleta que estava pronta ao lado da porta do quarto e saiu de casa.

A meio caminho do elevador, virou-se e voltou atrás.

Tomou o elevador de serviço, junto com dois entregadores.

Pegou um táxi na Rua 55.

A enfermeira do dr. Sapirstein, srta. Lark, olhou para a maleta que Rosemary carregava e perguntou sorrindo:

— Não vai me dizer que está em trabalho de parto!

— Não, ainda não. Mas preciso, com urgência, falar com o doutor.

A enfermeira olhou para o relógio e disse:

— Vai ter de sair às cinco e ainda tem de examinar a sra. Byron — mostrou com o olhar uma senhora que lia algo sentada numa poltrona. — Mas estou certa de que irá recebê-la. Assim que o doutor se desocupe, avisarei que a senhora está aqui.

— Obrigada — agradeceu Rosemary.

Colocou a maleta ao lado de uma cadeira e sentou-se. Transpirava copiosamente. Abriu a bolsa, tirou um lenço de papel e enxugou o rosto e as mãos. Seu coração batia com força.

— Como é que está o calor lá fora? — perguntou a srta. Lark.

— Terrível — respondeu Rosemary. — Insuportável!

A enfermeira suspirou.

Do consultório saiu uma senhora, que Rosemary já conhecia de vista, que estava no quinto ou sexto mês. Cumprimentaram-se. A srta. Lark saiu da sala.

— Já está quase chegando ao fim, não é? — indagou a outra grávida a Rosemary.

— Deve ser na terça-feira — respondeu.

— Felicidades. Teve sorte em não pegar o fim do verão.

A enfermeira voltou à sala e chamou:

— Sra. Byron. — Virou-se para Rosemary: — O doutor vai atendê-la logo depois desta senhora.

— Obrigada — voltou a agradecer Rosemary.

A sra. Byron entrou no consultório e fechou a porta. A outra senhora marcou, junto à mesa da enfermeira, a data da próxima consulta e saiu, desejando novamente felicidades a Rosemary.

A srta. Lark escrevia. Rosemary pegou numa mesinha um número da *Time* que tinha escrito em negro sobre fundo vermelho: "Deus está morto?". Abriu a revista e procurou a parte de teatro. Havia uma reportagem sobre Barbra Streisand. Tentou ler.

— Está muito cheirosa hoje — comentou a enfermeira. — Que perfume é esse?

— É Detchema — respondeu Rosemary.

— É bem mais agradável do que o anterior, desculpe-me dizê-lo.

— Aquilo não era perfume. Era o cheiro um talismã que usava. Livrei-me dele hoje.

— Ótimo. Espero que o doutor siga seu exemplo.

— O dr. Sapirstein? — perguntou Rosemary.

— Sim. Deve ter um talismã como o seu. Pelo menos tem o mesmo odor. Não é sempre que o usa. Quando o faz, porém, pode-se perceber a metros de

distância. Nunca reparou?

— Não.

— Talvez não tenha estado aqui nos dias em que usava. Ou, quem sabe, talvez a senhora se tenha acostumado de tal maneira com o cheiro, que não o percebia em outras pessoas. O que é? Alguma substância química?

Rosemary levantou-se, recolocou a revista na mesa e pegou a maleta.

— Meu marido está esperando lá fora — disse. — Vou sair um minutinho para falar com ele. Voltarei logo.

— Pode deixar a mala aqui.

Rosemary saiu, levando-a consigo.

Rosemary caminhou pela Park Avenue em direção à Rua 81, à procura de uma cabine telefônica. Quando a encontrou, ligou para o dr. Hill. Fazia um calor terrível dentro do cubículo de vidro.

O serviço telefônico atendeu. Rosemary deu seu nome e o número onde se encontrava.

— Por favor, peça ao doutor que ligue para cá imediatamente. Trata-se de assunto urgente e estou falando de um telefone público.

— Pois não — respondeu a telefonista e desligou.

Rosemary fingiu continuar telefonando, embora com a mão mantivesse desligado o aparelho. Com o fone no ouvido fazia como se estivesse falando, para dar a impressão de que estava ocupado a quem quisesse usá-lo. A criança se mexia e dava pontapés violentos. Rosemary transpirava abundantemente dentro do recinto fechado. Pelo amor de Deus, dr. Hill, telefone! Rápido! Salve-me!

Eles todos. Todos eles faziam parte da seita. Guy, o dr. Sapirstein, Minnie e Roman. Eram todos adoradores de Satã. Tinham feito uso dela, feito com que engravidasse, para tomar-lhe a criança.

— Não tenha medo Andy-ou-Jenny. Eu matarei todos eles se encostarem o dedo em você.

O telefone tocou. Atendeu.

— Pronto!

— É a sra. Woodhouse? — Era a telefonista de recados.

— Sim. Preciso falar com o dr. Hill imediatamente.

— Será que não me enganei no nome? E Rosemary Woodhouse?

— Sim, *sim!*

— A senhora é cliente do dr. Hill?

Rosemary explicou sobre a consulta que fizera ao dr. Hill logo no começo da gravidez. E continuou:

— Mas preciso falar com ele. É da maior urgência. Peça por favor que ligue para mim imediatamente.

— Pois não — respondeu a telefonista.

Rosemary desligou e fingiu ainda estar telefonando. Enxugou o rosto com a mão.

— Pelo amor de Deus, dr. Hill. — Abriu ligeiramente a porta da cabine, para respirar, e tornou a fechá-la depressa ao ver uma senhora que se aproximava. Estava, aparentemente, mantendo uma longa conversa. O bebê movia-se sem cessar. Parecia ter dado uma viravolta completa. Rosemary estava molhada de suor.

Tinha sido um erro usar um telefone tão perto do consultório do dr. Sapirstein. Deveria ter ido em direção à Madison ou à Lexington. Continuou fingindo falar e ouvir. Neste momento, agora mesmo, o dr. Sapirstein pode estar a minha procura, pensou. Não deveria ter entrado nesta cabine. Deveria ter

tomado um táxi e ido para bem longe. Virou-se de costas para que não pudessem ver seu rosto. A senhora que esperava, cansada da demora, tinha desistido.

Guy deveria estar chegando em casa. Daria por falta da maleta e ligaria para o médico, pensando que ela já estivesse na maternidade. Em seguida, sairiam todos a sua procura. Todos eles, os Wees, os...

— Alô? — atendeu antes que o telefone acabasse de completar o primeiro sinal.

— Sra. Woodhouse?

Era o dr. Hill, o salvador, o galante, o audaz dr. Kildare Hill!

— Dr. Hill? Muito obrigada por ter telefonado.

— Pensei que a senhora estivesse na Califórnia.

— Não, dr. Hill. Tenho que confessar uma coisa: mudei de médico. Procurei outro a conselho de amigos. Mas ele não presta. Deu-me coisas estranhas para beber e comer. Devo dar à luz na terça, dia 28, lembra-se? Quero que o senhor faça meu parto. Pagarei o preço normal, como se o senhor tivesse me atendido durante toda a gravidez.

— Mas sra. Woodhouse...

— Por favor, preciso falar com o senhor — interrompeu Rosemary antes que ele recusasse. — Deixe-me explicar pessoalmente o que está acontecendo. Não posso continuar aqui, aqui de onde estou falando, pois eles me descobririam. Meu marido, o médico e as pessoas que o indicaram fizeram uma trama contra mim. Um plano sinistro. Parece loucura e o senhor deve estar pensando que estou fora de mim, mas não é verdade. Juro por todos os santos. O senhor acredita que posso estar sendo vítima de uma conspiração, não acredita?

— Pode ser.

— Pois estou. Eu e a criança. Preciso falar com o senhor. E não vou pedir-lhe que faça algo errado ou contra a ética. Só quero que me interne num hospital e faça meu parto.

— Venha ao consultório amanhã, às...

— Amanhã, não! Tem de ser agora, *já!* Vão começar a me procurar.

— Não estou no consultório. Estou em casa. Passei a noite em claro e...

— Pelo amor de Deus, doutor. Pelo amor do que tem de mais sagrado em sua vida!

O médico ficou calado.

— Irei até sua casa e explicarei tudo. Não posso continuar aqui.

— Está bem. Esperarei a senhora em meu consultório às oito horas. Certo?

— Ótimo! Muito agradecida. E, dr. Hill, por favor, se meu marido telefonar perguntando por mim...

— Não atenderei. Vou dormir um pouco. Estarei a sua espera às oito.

— Por favor, peça a seu serviço telefônico que, se meu marido ligar perguntando se estive a sua procura, respondam que não.

— Está bem.

— Obrigada, dr. Hill.

— Oito em ponto.

— Estarei lá. Obrigada.

Viu um homem encostado na porta da cabine. Parecia o dr. Sapirstein. Mas

felizmente não era.

Rosemary caminhou pela Lexington em direção à Rua 86. Entrou no primeiro cinema que encontrou. Foi ao banheiro e depois sentou-se na platéia, sentindo-se segura e reconfortada, e começou a assistir um musical. Depois de algum tempo levantou-se, levando a maleta, e procurou um telefone. Pediu uma ligação interurbana para o irmão, Brian. O telefone dele não respondia. Tornou a voltar para a sala de exibição e sentou-se noutro lugar. O nenê estava quieto.

Às vinte para as oito, saiu do cinema e tomou um táxi, dando o endereço do médico. Não devia haver perigo. Estariam vigiando a casa de amigos. Não pensariam nunca que pudesse estar no consultório do dr. Hill — desde que ele tivesse feito o que prometera. Ainda assim, pediu ao chofer para esperar até que entrasse no prédio.

Não havia ninguém que lhe impedisse a entrada. O próprio médico abriu-lhe a porta. Recebeu-a amavelmente, apesar da relutância que demonstrara ao telefone. Usava bigodes agora, mas ainda se parecia com o dr. Kildare. Vestia roupa esporte.

Passaram para a sala de consultas, que era um terço do tamanho da do dr. Sapirstein, e Rosemary começou a contar sua história. Procurou fazê-lo de maneira calma e sem demonstrar emoção, pois sabia que se mostrasse qualquer sinal de histeria não acreditaria nela, julgando-a louca. Contou-lhe sobre Adrian Marcato, Minnie e Roman; sobre o longo período de dores e dos preparados de Minnie; sobre Hutch e o livro; sobre a mentira de Guy a respeito das entradas de teatro; sobre as velas negras e o episódio da gravata e da cegueira de Donald Baumgart. Tentou manter uma seqüência lógica, porém não conseguiu. Chegou ao fim contando sobre a ocarina do dr. Shand, o fato de Guy ter jogado fora o livro e, finalmente, a revelação inconsciente da srta. Lark.

— Talvez a cegueira e o estado de coma tenham sido pura coincidência — concluiu —, ou talvez eles tenham realmente alguma poder maligno. Não sei nem quero saber. Só sei que desejam a criança. Estou certa disto e é tudo o que me interessa.

— Incrível — observou o dr. Hill. — Mas parece que a senhora tem razão, dado o interesse que demonstraram desde o começo por sua gravidez.

Rosemary fechou os olhos, sentindo que poderia até chorar. *Ele acreditava!* Não julgava que estivesse louca. Abriu os olhos, procurando aparentar calma e tranqüilidade. O dr. Hill escrevia. Será que era adorado assim por todas as suas clientes? Rosemary sentiu as palmas das mãos molhadas; enxugou-as no vestido.

— O nome do médico é Shand, certo?

— Não, o dr. Shand faz parte do grupo. O nome do médico é dr. Sapirstein.

— Abraham Sapirstein?

— Sim. O senhor o conhece? — perguntou inquieta.

— Já o vi algumas vezes — respondeu o dr. Hill, voltando a escrever.

— Ninguém acreditaria que um médico como ele... — começou Rosemary.

— Realmente, é difícil de acreditar. Mas, nunca se sabe... A senhora

gostaria de internar-se no Hospital Monte Sinai ainda hoje?

— Nada me satisfaria mais. É possível?

— Vou ter que usar toda minha influência, mas acho que conseguirei. — Abriu a porta da sala de exames, acendeu a luz, a fez entrar e continuou: — Descanse um pouco. Vou ver o que posso fazer e voltarei logo.

Rosemary entrou na sala, movendo-se com dificuldade e implorando:

— Por mim pode aceitar o que tiverem. Até um quarto de depósito.

— Creio que conseguiremos algo melhor — brincou o dr. Hill, enquanto ligava o ar-condicionado.

— Devo tirar a roupa?

— Não, ainda não. Vou ter que dar uma série de telefonemas que devem demorar no mínimo meia hora. Deite-se e relaxe. — O dr. Hill saiu e fechou a porta.

Rosemary dirigiu-se ao sofá que estava no fundo da sala e sentou-se pesadamente.

Deus abençoe o dr. Hill, pensou.

Tirou os sapatos e deitou-se. O aparelho de ar-condicionado lançava sobre ela uma corrente de ar fresco. O nenê mexeu-se vagarosamente, como se também a sentisse.

Está tudo bem agora, Andy-ou-Jenny. Vamos para uma caminha macia no Monte Sinai e...

Lembrou-se do dinheiro. Sentou-se, abriu a bolsa e contou o que tirara da gaveta de Guy: tinha quase duzentos dólares. Devia ser o suficiente para o depósito. Caso precisasse mais, telegrafaria a Brian ou pediria a Elise e Hugh. Ou Joan. Ou Grace Cardiff. Felizmente, não lhe faltavam amigos.

Tornou a guardar o dinheiro na bolsa e pegou o vidro de pílulas. Deitou-se novamente. Daria as pílulas ao dr. Hill, para que as analisasse. Não poderiam conter coisa alguma que prejudicasse a criança. Claro que não. Precisariam de um nenê forte e sadio, para usá-lo em seus rituais malditos.

Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

Monstros!

E Guy?

Inacreditável, inacreditável!

Sentiu uma contração violenta, a mais forte que já tivera. Respirou ofegante até que passasse.

Era a terceira do dia.

Tinha que contar ao dr. Hill.

Estava morando, numa casa moderna em Los Angeles, com Brian e Dodie. Andy estava começando a falar (ainda que tivesse só quatro meses), quando o dr. Hill abriu a porta e ela voltou a se encontrar na sala de exames, deitada no sofá, sentindo o ar fresco que vinha da refrigeração. Abriu os olhos, protegendo-os com as mãos e disse sorrindo:

— Acho que dei uma cochilada.

O dr. Hill escancarou a porta e se afastou. Guy e o dr. Sapirstein entraram.

Rosemary sentou-se tirando a mão dos olhos.

Atravessaram a sala e vieram para junto dela. O rosto de Guy estava fechado e inexpressivo. Não olhava para ela; olhava só para as paredes. O dr. Sapirstein disse:

— Venha conosco, Rosemary. Não faça cenas nem crie dificuldades, pois, caso diga mais alguma coisa sobre feitiços ou feiticeiras, serei obrigado a interná-la num sanatório para doentes mentais. Será bem pior para o nenê. Não vai querer que isso aconteça, não é? Ponha os sapatos e vamos.

— Só queremos que vá para casa — continuou Guy, olhando-a pela primeira vez. — Não vamos lhe fazer nenhum mal.

— Nem a você nem à criança — completou o dr. Sapirstein. — Calce seus sapatos. — Pegou o vidro de pílulas, examinou-o e guardou-o no bolso.

Rosemary colocou os sapatos e pegou a bolsa.

Saíram. Guy e o dr. Sapirstein seguravam-lhe os braços, um de cada lado.

O dr. Hill entregou a maleta a Guy.

— Ela agora está bem — afirmou o dr. Sapirstein. — Vamos levá-la para casa, para que descanse.

— Em noventa por cento dos casos, é só disso que precisam — concordou o dr. Hill.

Rosemary olhou-o sem falar.

— Muito obrigado, doutor — disse Sapirstein e Guy acrescentou:

— Sinto que tenha sido incomodado...

— Ao contrário — respondeu o dr. Hill. — Foi um prazer ajudá-los. — Abriu a porta para que saíssem.

Havia um carro esperando, dirigido pelo sr. Gilmore. Rosemary sentou-se no banco de trás, entre Guy e o dr. Sapirstein.

Ninguém disse uma palavra.

Foram diretamente para o Bramford.

O ascensorista sorriu ao vê-los entrar. Era Diego. Sorria porque gostava dela, mais do que dos outros inquilinos. Seu sorriso, lembrando-a de sua individualidade, acordou-a, reviveu-a.

Rosemary abriu a bolsa disfarçadamente e segurou o chaveiro com os dedos. A seguir, deixou cair tudo que tinha dentro, com exceção das chaves. Moedas, batom, caixa de pó-de-arroz, todo o dinheiro de Guy espalharam-se pelo chão. Permaneceu parada, imóvel, estupidificada.

Guy e o dr. Sapirstein abaixaram-se para recolher o que caíra. Continuou imóvel. Diego saiu do elevador para ajudá-los. Rosemary foi se afastando até chegar ao lado do elevador. Entrou nele, rapidamente, e fechou as grades.

Diego correu gritando:

— Cuidado, sra. Woodhouse!

Mas era tarde. Rosemary empurrou a alavanca de controle e o elevador começou a subir ao solavancos.

Desculpe, Diego, pensou.

Telefonaria a Brian. Ou para Joan, Elise ou Grace Cardiff. Para qualquer pessoa amiga.

O elevador, manobrado por ela, subiu até o nono andar, voltou ao sexto e depois conseguiu parar no sétimo.

Rosemary atravessou quase voando os corredores. Sentiu nova e violenta contração.

Olhou para o elevador de serviço. Estava subindo. Eram Guy e o dr. Sapirstein tentando interceptá-la.

É claro que numa hora dessa a chave não vai funcionar, pensou.

Conseguiu, porém, abrir a porta, ao mesmo tempo que o elevador de serviço chegava, e trancá-la enquanto Guy enfiava sua chave na fechadura. A tranca se abriu com uma volta da chave de Guy, mas Rosemary já passara a corrente de segurança.

— Abra, Rô — ordenou Guy pela fresta entre a porta e a corrente de segurança.

— Vá para o inferno — respondeu.

— Não vamos lhe fazer mal algum, querida.

— Você prometeu-lhes o nenê. Vá embora.

— Não prometi coisa nenhuma. Nem sei o que quer dizer com isso. Prometi a quem?

— Rosemary — chamou o dr. Sapirstein.

— Você também. Vá! Vá para o inferno!

— Parece ter imaginado existir uma trama contra você.

— Sumam daqui! — gritou, e empurrou a porta com força, conseguindo fechá-la.

Continuou fechada. Afastou-se de costas, sem tirar os olhos da porta e entrou no quarto.

Eram nove e meia.

Não se lembrava do número de Brian e o caderninho de endereços devia estar agora no bolso de Guy. Discou para Informações. Quando conseguiu o número e completou a ligação, o aparelho continuava sem resposta. A telefonista perguntou:

— Deseja que tente de novo dentro de uns vinte minutos?

— Por favor. Ou melhor, tente daqui a cinco minutos.

Procurou lembrar-se do telefone de Elise e Hugh. Não conseguiu. Chamou novamente Informações, que pareceu levar um século para atender. Conseguiu o número e ligou. O serviço telefônico de recados atendeu dizendo que o casal tinha ido passar o fim de semana fora da cidade.

— Por favor, preciso falar com eles urgentemente. Sabe onde estão?

— É a secretária do sr. Dunstan?

— Não, é uma amiga. Preciso falar com eles.

— Estão em Fire Island. Posso dar-lhe o telefone.

— Por favor.

Repetiu o número e estava prestes a discar quando escutou ruídos no corredor e a seguir na porta do quarto. Levantou-se.

Guy e o sr. Fountain entraram.

— Querida, tenha calma. Não vamos lhe fazer mal — pediu Guy. Atrás dele vinha o dr. Sapirstein com uma seringa preparada. A seguir vinham o dr. Shand, a sra. Fountain e a sra. Gilmore.

— Somos seus amigos — disse a sra. Fountain.

— Não tenha medo — completou a sra. Gilmore.

— É só um calmante, Rosemary. Para fazer com que possa dormir e descansar.

Rosemary estava entre a cama e a parede. Sabia-se por demais pesada para tentar fugir.

Vieram, em grupo, em sua direção.

— Você sabe que não faria nada contra você, Rô.— Ela agarrou o fone e tentou bater na cabeça de Guy. Ele segurou seu braço, o sr. Fountain segurou o outro e o telefone caiu no chão.

— Socorro! Socorro! — gritou, mas alguém enfiou alguma coisa, um lenço, talvez, em sua boca.

Arrastaram-na de perto da cama para que o dr. Sapirstein pudesse aplicar a injeção. Sentiu uma contração intensa. Prendeu a respiração. Em seguida soltou-a e começou a respirar como um cachorrinho ofegante. Sentiu uma mão hábil e ligeira apalpar-lhe a barriga e o dr. Sapirstein dizendo:

— Um momento! Um momento! Ela está em trabalho de parto.

Rosemary, ainda ofegante, interrogou com os olhos o dr. Sapirstein. Ele confirmou com a cabeça e em seguida tomou seu braço, que o sr. Fountain ainda segurava, e aplicou a injeção.

Rosemary aceitou-a sem qualquer reação, amedrontada e estupefata.

O médico retirou a seringa e passou um algodão no local.

Rosemary viu que as mulheres tiravam a colcha e aprontavam a cama.

— Vai ser aqui?

— Aqui.

— Não, aqui não. Tem de ser num hospital. Numa sala de parto, com tudo limpo e esterilizado.

Contiveram-na com força enquanto se debatia.

— Tudo vai correr bem, querida — dizia Guy. — Juro por Deus. Juro que tudo vai correr bem, Rô. Calma. Não faça força. Dou minha palavra de honra que tudo sairá bem.

Sentiu nova contração.

Deitaram-na na cama e o dr. Sapirstein deu-lhe outra injeção.

A sra. Gilmore enxugava sua testa.

O telefone tocou.

— Pode cancelar a chamada, telefonista — respondeu Guy.

Sentiu nova contração, agora fraca e distante, como se o corpo não mais lhe pertencesse.

Quanto tempo e energia perdidos! Toda aquela ginástica... Isto não era parto normal; não estava ajudando, não estava vendo.

Perdão, Andy-ou-Jenny. Sinto muito, meu amor adorado.

TERCEIRA PARTE

Luz.

O teto.

E a dor entre suas pernas.

E Guy. Sentado ao lado da cama, com um olhar ansioso, um sorriso meio incerto.

— Oi — disse.

— Oi — respondeu.

A dor era terrível.

Foi então que se lembrou. Estava terminado. Estava tudo terminado. A criança nascera.

— Correu tudo bem?

— Sim, tudo bem.

— O que é?

— Um menino.

— Verdade? Um menino?

Guy confirmou.

— E está bem?

— Sim.

Sentiu seus olhos se fecharem e com esforço abriu-os novamente.

— Você ligou para o Tiffany's?

— Sim — respondeu ele.

Fechou os olhos e dormiu.

Mais tarde, lembrou-se de outros detalhes. Laura-Louise estava sentada ao lado da cama, lendo o *Reader's Digest* com uma lente de aumento.

— Onde está ele? — perguntou.

Laura-Louise deu um pulo.

— Que susto, querida! Assustou-me acordando assim dessa maneira. Puxa! — Fechou os olhos e respirou fundo.

— O nenê. Onde está?

— Espere um minutinho — disse Laura-Louise, marcando a página com o cabo da lente. — Vou chamar Guy e o dr. Abe. Estão na cozinha.

— Onde está a criança? — tornou a perguntar, mas Laura-Louise saiu sem responder.

Tentou levantar-se mas não conseguiu; estava sem forças. Sentia aquela dor entre as pernas, como se estivesse sendo picada por pontas de canivetes. Deitou-se e esperou, relembrando, relembrando.

Era noite. Nove e dez, mostrava o relógio.

Guy e o dr. Sapirstein entraram. O médico tinha uma expressão grave e resoluta.

— Onde está o bebê? — perguntou.

Guy ajoelhou-se ao lado da cama, tomou-lhe a mão e disse:

— Querida...

— *Onde está?*

— Querida... — Quis continuar, mas não conseguiu. Olhou para o médico, como para pedir auxílio.

O doutor continuava a olhar para ela. Tinha uma raspa de coco presa no bigode.

— Houve complicações, Rosemary. Mas nada que possa afetá-la no futuro.

— Está...

— Está morto — confirmou.

Rosemary olhou-o fixamente.

Ele acenou com a cabeça.

Virou-se para Guy.

Guy repetiu o gesto.

— Estava em má posição. Num hospital, teríamos recursos, mas não houve tempo para transportá-la. Qualquer coisa que tentássemos aqui representaria perigo para você — continuou o dr. Sapirstein.

— Teremos outros, querida. Assim que você ficar boa. Prometo.

— Sem dúvida. Podem planejar outro para logo — assegurou o dr. Sapirstein. — Dentro de alguns meses. Posso garantir que o fato não se repetirá. E um caso raro, um entre mil. A criança era normal e perfeita.

Guy apertou sua mão e sorriu, encorajando-a:

— Vamos ter outro. Logo.

Olhou para os dois: para Guy e para o dr. Sapirstein com a raspa de coco presa no bigode.

— Estão mentindo. Não acredito. Os dois estão mentindo.

— Querida... — começou a dizer Guy.

— Não morreu. Vocês o roubaram. Estão mentindo. Bruxos malditos! Estão mentindo, mentindo, mentindo...

Guy segurou-a pelos ombros enquanto o dr. Sapirstein lhe aplicava outra injeção.

Tomou uma sopa acompanhada de torradas amanteigadas. Sentado na cama, Guy mordiscava uma torrada.

— Você ficou louca. Doidinha, doidinha. Isso acontece, às vezes, nas últimas semanas, segundo Abe. Tem até um nome científico. *Prepartum não-sei-o-quê*. É uma espécie de histeria. Foi o que teve, querida, e exagerada.

Ficou calada. Tomou uma colher de sopa.

— Escute, vá lá que pense que Roman e Minnie fossem bruxos, mas que razões teria para achar que Abe e eu fazíamos parte da seita?

Continuou calada.

— Acho que minha pergunta é meio imbecil. A tal histeria *prepartum* não deve pressupor razões. — Pegou outra torrada e começou a comer.

— Por que é que trocou de gravata com Donald Baumgart?

— Troquei por... Bem, o que tem isso a ver com a história?

— Precisava alguma coisa dele, um objeto de uso pessoal, para que pudessem fazer o feitiço e cegá-lo.

— Pelo amor de Deus, querida, sabe o que está dizendo?

— Sei, e você sabe também.

— Macacos me mordam! Trocamos porque eu não gostava da minha e sim da dele e vice-versa. Não lhe contei porque, depois, achei que era um negócio meio afrescalhado e fiquei com vergonha.

— Onde é que arranjou as entradas para *The Fantastiks?*

— O quê?

— Disse-me que fora Dominick que as dera a você. É mentira.

— Então isso me torna um bruxo? Foram-me dadas por uma moça com quem tomei uns drinques no estúdio, e de cujo nome nem me lembro mais. E Abe, o que fez? Amarrou os sapatos de maneira errada?

— Usa raiz-de-tannis. Coisa de feiticeiros. A recepcionista me contou que sentia o cheiro.

— Talvez tivesse um talismã igual ao seu. Dado também por Minnie. Será que só *eles* podem usar? Não me parece muito plausível.

Rosemary ficou calada.

— Rosemary, ponha isto na cabeça: você teve uma histeria gravídica. Agora vai descansar e ficar boa. — Inclinou-se e pegou sua mão. — Sei que o que aconteceu é a pior coisa que pode suceder a uma mulher, mas de agora em diante nossa vida vai ser um mar de rosas. A Warner está quase chegando ao ponto que desejo e a Universal está interessada também. Vou esperar mais umas críticas favoráveis e então vamos sumir desta cidade e arranjar a casa mais linda de Beverly Hills, com piscina, jardim, horta, tudo que puder imaginar ou desejar. Filhos também, quantos quiser. Você ouviu o que Abe disse. Bem, deixe-me ir ficar mais famoso. — Beijou-lhe a mão e levantou-se para sair.

— Deixe-me ver seu ombro.

Virou-se e voltou em direção a ela.

— Deixe-me ver seu ombro — repetiu.

— Está brincando?

— Não, deixe-me ver. O ombro esquerdo.

— Muito bem, querida, olhe à vontade.

Desabotoou a camisa esporte, de malha azul, e tirou-a pela cabeça. Usava por baixo uma camiseta de malha.

— Prefiro sempre fazer meu número de *strip-tease* com música, mas vá lá, como é a seu pedido... — Chegou bem junto dela e tirou a camiseta. Mostrou-lhe o ombro esquerdo. Não tinha nenhuma marca a não ser a pequena cicatriz de uma espinha. Mostrou-lhe o outro ombro, o peito e as costas.

— O resto só mostro com luz azul — brincou.

— Está bem.

Guy sorriu.

— A questão agora é a seguinte: ponho minha camiseta ou saio assim

mesmo, e dou a Laura-Louise a maior emoção de sua vida?

Estava com os seios tão cheios de leite que era necessário aliviá-los. O dr. Sapirstein ensinou-lhe como usar uma bombinha de sucção; de três em três horas, Helen Wees ou Laura-Louise traziam o equipamento, acompanhado de um copinho de vidro para recolher o leite. Tirava de cada seio uma quantidade considerável de um fluido branco-esverdeado, que cheirava levemente a raiz-de-tannis. A cada repetição do processo, mais se tornava patente a perda irreversível. Quando terminava, caía sobre o travesseiro exausta e agoniada, incapaz até de chorar.

Recebeu a visita de Joan, Elise e Tiger. Falou com Brian pelo telefone durante vinte minutos. Chegaram flores — rosas, cravos e um vaso de azaléias — de Allan, Mike e Pedro e Lou e Claudia. Guy comprou-lhe uma televisão nova, com controle remoto, e colocou-a ao lado da cama. Rosemary assistia desinteressadamente alguns programas, comia e tomava as pílulas que o médico receitara.

Minnie e Roman escreveram uma carta de condolências. Estavam em Dubrovnik.

Os pontos, paulatinamente, deixaram de doer.

Numa manhã, depois de duas ou três semanas, pareceu-lhe ouvir um choro de criança. Desligou a televisão e escutou. Havia ao longe um choramingar fraco, mas constante. Haveria? Desligou o ar-condicionado.

Florence Gilmore entrou com a bombinha e o copo.

— Está escutando um choro de criança? — perguntou Rosemary.

As duas pararam para ouvir.

Sim, havia. Havia uma criança chorando!

— Não, não estou escutando nada — disse Florence. — Volte para a cama. Você ainda não deve se levantar. Desligou o ar-condicionado? Não faça isso. Está um calor terrível, um calor de matar.

Ouviu o choro novamente, durante a tarde, e seus seios, misteriosamente, como resposta, começaram a vazar leite.

— Há gente nova no prédio — comentou Guy sem motivo. — No oitavo andar.

— Um bebê?

— Sim. Como sabe?

Rosemary encarou-o durante alguns momentos.

— Ouvi o choro — respondeu.

Ouviu-o no dia seguinte, e no outro também. Não ligou mais a televisão; ficava com um livro na mão, fingindo estar lendo, mas com os ouvidos atentos.

Não era no oitavo andar coisa nenhuma! Era ali mesmo no sétimo.

Reparou que quase sempre lhe traziam a bomba e o copinho logo que o choro começava; e o choro cessava depois que o leite era levado embora.

— O que você faz do leite? — perguntou um dia a Laura-Louise.

— Jogo fora, é claro — declarou Laura-Louise saindo.

Nessa mesma tarde, ao dar o copo cheio de leite a Laura-Louise, pediu:

— Um momento. — E fez como se fosse jogar dentro dele uma colherinha suja de café.

— Não faça isso — quase gritou Laura-Louise, afastando o copo e segurando a colher.

— E por que não? Não vai jogar fora?

— Bem, é... é nojento — concluiu Laura-Louise.

A criança está viva!

Estava no apartamento de Minnie e Roman.

Mantinham-na lá, alimentado-a com seu leite e, graças a Deus, cuidando bem dela. Sim, pois lembrava-se de que o livro de Hutch dizia que uma das datas de maior importância para *eles* era o primeiro dia de agosto, quando celebravam a festa que chamavam de *Lemmas* ou *Leammas*. Ou talvez esperassem pela volta de Minnie e Roman, para que participassem também do ritual.

Mas ainda estava viva.

Rosemary deixou de tomar as pílulas. Escondia-as na palma da mão e fingia engolir. Depois, disfarçadamente, enfiava-as entre o colchão e o estrado de molas da cama.

Dia a dia sentia-se mais forte e bem-disposta.

Espere, Andy. Logo estarei com você.

Tinha aprendido uma boa lição com o dr. Hill. Desta vez não procuraria nenhum auxílio, não apelaria para ninguém. Não acreditariam nela. Nem a polícia, nem Joan, nem os Dunstan ou Grace Cardiff. Nem mesmo Brian. Guy era um ator excelente e o dr. Sapirstein médico de ótima reputação; os dois conseguiriam convencer até seu irmão de que estaria sofrendo uma perturbação pós-parto. Desta vez tinha que contar só consigo mesma. Iria procurá-los e tiraria deles o nenê, armada de coragem e da mais afiada faca de sua cozinha.

Levava uma enorme vantagem, pois sabia — e eles não esperavam que ela soubesse — haver uma passagem entre os dois apartamentos. A porta estava trancada naquela noite — estava tão certa do fato como de que sua mão era sua mão e não um pássaro ou um gato — e assim mesmo tinham conseguido penetrar no apartamento sem forçá-la. Portanto, tinha de existir outra entrada.

Só poderia ser pelo armário de roupa branca, aquele que tinha sido barricado pela falecida sra. Gardênia, que provavelmente teria morrido em virtude do mesmo feitiço que lançaram sobre Hutch. O armário fora colocado naquele local para separar os dois apartamentos e, caso a sra. Gardênia tivesse feito parte da seita, como tudo indicava, não seria natural que procurassem utilizá-lo, descolando a madeira do fundo, como passagem secreta para que os vizinhos não tomassem conhecimento das constantes idas e vindas?

A solução estava no armário.

Num pesadelo, quase esquecido, lembrava-se ter sido levada através dele. Mas não tinha sido pesadelo; tinha sido um sinal dos céus, um aviso divino para ser recordado numa hora de premência.

Deus, que estais no céu, perdoai-me por ter duvidado de Vossa existência. Perdoai Vossa pecadora e ajudai-a nesta provação. Jesus, Jesus bem-amado, salvai meu filho inocente.

A resposta eram as pílulas. Rosemary enfiou o braço embaixo do colchão e tirou-as, uma por uma. Contou. Havia oito tabletinhos brancos, sulcados ao meio por uma linha divisória. O que quer que contivessem, tinham sido suficientes para mantê-la dócil e apática: oito seriam mais do que o necessário para colocar sua acompanhante fora de combate. Juntou as pílulas, embrulhou-as e colocou-as bem no fundo da caixa de lenços de papel.

Continuou a mostrar-se dócil e fraca, alimentando-se obedientemente, lendo revistas e tirando seu leite.

Leah Fountain estava com ela quando o momento tão esperado se apresentou. Entrou logo depois de Helen Wees ter saído levando o leite, dizendo:

— Tenho deixado que as outras lhe façam companhia, Rosemary. Mas hoje chegou a minha vez. Pelo que vejo tem milhões de coisas para se distrair. Há algum programa bom hoje na televisão?

Estavam sozinhas no apartamento. Guy tinha saído para discutir uns contratos com seu agente, Allan.

Começaram a ver a apresentação de um antigo filme de Ginger Rogers e Fred Astaire. Num intervalo, Leah foi até a cozinha e trouxe consigo duas xícaras de café.

— Estou com um pouco de fome — disse Rosemary. Será que você podia me fazer um sanduíche de queijo?

— Claro, querida — respondeu Leah, colocando o café na mesinha de cabeceira. — Como prefere: com alface ou maionese?

Leah saiu novamente e Rosemary tirou as pílulas escondidas na caixa. Contou-as. Eram agora onze. Colocou-as na xícara de Leah, mexeu o café com sua colherinha e enxugou-a com um lenço de papel. Apanhou sua xícara, porém estava tão trêmula, que tornou a colocá-la na mesa.

Bebia calmamente o café quando Leah voltou trazendo o sanduíche.

— Obrigado, Leah. Está com uma cara apetitosa. O café está meio amargo. Creio que ficou muito forte.

— Quer que faça outro?

— Não, não é preciso.

Leah sentou-se na beirada da cama e experimentou... Fez uma careta.

— Puxa, está amargo mesmo.

— Mas dá para beber.

Continuaram vendo o filme. No terceiro intervalo, a cabeça de Leah caiu sobre o peito. Levantou-a estremunhada e colocou a xícara, quase vazia, sobre a mesinha. Rosemary continuou a comer o sanduíche, vendo Fred Astaire e Ginger Rogers dançando animadamente num cenário irreal.

Durante a parte seguinte do filme, Leah adormeceu.

— Leah? — chamou Rosemary.

Recebeu como resposta um ronco suave. Leah dormia, com a cabeça encostada ao peito e as mãos estendidas no colo. Sua peruca cinza-azulada tinha saído do lugar, mostrando a cabeça coberta de escassos cabelos brancos.

Rosemary levantou-se, calçou chinelos e vestiu o penhoar de cetim acolchoado que comprara para usar na maternidade. Saiu silenciosamente do quarto, encostou a porta e foi até a porta de entrada, que trancou, e passou a

corrente de segurança.

Foi à cozinha e apanhou uma faca — a mais nova, longa e afiada que encontrou. Segurando-a junto ao corpo, deixou a cozinha e se encaminhou para o armário do corredor.

Ao abri-lo, viu que estava certa. As prateleiras estavam aparentemente arrumadas, porém notou que as toalhas de banho estavam no lugar dos cobertores e vice-versa.

Colocou a faca no chão e esvaziou todo o armário. Tirou as prateleiras que, séculos atrás, cobrira com tanto carinho de plástico de xadrez.

O fundo do armário era um painel de madeira branca, cercado por moldura pintada na mesma cor. Colocando-se em melhor posição, Rosemary percebeu que na junção da moldura e do painel havia uma greta tênue, porém visível. Empurrou o painel ora de um lado, ora de outro, até que, cedendo a uma pressão maior, abriu-se como uma porta. Encontrou-se em total escuridão, dentro de outro armário, iluminado unicamente pelo ponto de luz que entrava pelo buraco da fechadura. Inclinando-se para espiar pelo pequeno orifício, Rosemary viu a cinco metros, mais ou menos, uma cristaleira onde Minnie e Roman guardavam recordações de viagem.

Empurrou a porta. Abriu-se.

Fechou-a, atravessou novamente os dois armários e apanhou a faca. Tornou a voltar, olhou outra vez pelo buraco da fechadura e abriu devagar a porta.

A seguir escancarou-a e entrou decididamente, com a faca na altura dos ombros e a ponta virada para a frente.

O vestíbulo encontrava-se vazio; escutou, porém, vozes distantes, que vinham da sala de estar. A porta do quarto de Minnie e Roman, iluminado pelo abajur, estava aberta. Não havia berço, não havia nenê.

Caminhou silenciosamente pelo vestíbulo, abrindo as portas que encontrava. Uma estava trancada; a outra dava para um armário de roupa branca.

Sobre a cristaleira onde anteriormente havia só um espaço vazio, estava pendurado um quadro mostrando uma igreja em chamas. Era uma pintura hedionda, parecendo um retrato da Catedral de St. Patrick, sendo destruída por labaredas rubras.

Já o tinha visto. Onde?

No pesadelo. Naquele em que se sentira carregada através do armário. Guy e outra pessoa tinham dito: "Abaixem. Assim ela não passa". Tinha sido levada para um salão de baile onde ardia uma igreja. Onde *aquela* igreja ardia.

Mas como?

Teria sido, *na realidade,* carregada através dos armários e visto a pintura?

Procurar Andy. Procurar Andy. Procurar Andy.

Sempre com a faca na mão, continuou a busca. Encontrou outras portas fechadas. E viu outro quadro, mostrando homens e mulheres nus, dançando em círculo. Avançando sempre, encontrou-se no hall de entrada, ao lado do arco que dava para a sala de estar. As vozes estavam audíveis:

— O avião deve estar atrasado — falava o sr. Fountain.

No pesadelo, Jackie Kennedy conversara com ela e depois saíra deixando-a

no centro de um círculo de homens e mulheres nus que cantavam em roda. Teria sido tudo real? Roman, todo vestido em paramentos negros, teria desenhado sinais com uma varinha em seu corpo? O dr. Sapirstein segurava um pote de tinta vermelha. Tinta vermelha? Ou sangue?

— Que diabo, Hayato, pare de me amolar! — ouviu Minnie dizer.

Minnie? Já teria voltado da Europa? Roman também? Mas ainda ontem recebera um cartão deles, de Dubrovnik, dizendo que iam ficar lá por mais algum tempo!

Teriam viajado mesmo?

Rosemary encontrava-se sob o arco que separava a entrada da sala de estar. Via as estantes, os arquivos e as mesinhas carregadas de jornais e envelopes. O grupo estava reunido na outra extremidade da sala, rindo e conversando em voz baixa. Ouvia o barulho de gelo batendo nos copos.

Segurou a faca com mais firmeza e entrou. Parou estarrecida.

Num lado da sala, sob uma das janelas em forma de arco, havia um berço preto. Era preto; todo preto, forrado em tafetá negro, enfeitado com babados e coberto por um véu de organza negra. No suporte do cortinado, pendurado numa fita negra, girava um ornamento de prata.

Estaria morto? Mas, ao tempo que formulava tal pensamento, viu que se enganara, pois os babados moveram-se suavemente.

Estava *ali*. Naquele monstruoso antro de pervertidos.

Reparou, estarrecida, que o que julgara ser um ornamento era, na realidade, um crucifixo pendurado de cabeça para baixo.

A idéia de ter seu filho inerme no meio de tal sacrilégio e perversão encheu Rosemary de horror. Sentiu-se possuída do desejo de nada fazer, de chorar, de entregar-se, de se render a um mal tão abominável. Resistiu, porém, com todas as forças. Fechou os olhos para não chorar, rezou fervorosamente e aglutinou todo seu ódio e desejo de destruição. Ódio de todos; de Minnie e Roman, Guy, dr. Sapirstein — todos que tinham conspirado para roubar-lhe o filho e usá-lo para fins infames. Enxugou as mãos na roupa, jogou o cabelo para trás e deu um passo à frente para que a vissem e soubessem o que pretendia fazer.

Estranhamente, não a viram! Continuaram falando, rindo e bebendo como se estivessem numa festinha familiar, como se ela fosse invisível, como se estivesse na cama dormindo. Todos eles, Minnie, Roman, *Guy,* Fountain, os Wees, Laura-Louise e um japonês de óculos, com cara de sábio, estavam sentados sob um retrato de corpo inteiro de Adrian Marcato. Só ele a via. Só ele a fitava com olhar feroz, fixo e poderoso. Mas não passava de um quadro...

Foi então que Roman a viu. Colocou o copo sobre a mesa e tocou o braço de Minnie. Ficaram os dois em silêncio absoluto, o que fez com que os outros se virassem para ver o que acontecia. Guy fez menção de levantar-se, mas sentou-se outra vez. Laura-Louise pôs as mãos na boca e começou a gemer. Helen Wees conseguiu dizer:

— Volte para a cama, Rosemary, Você não devia ter se levantado. — Bancaria a calma, ou estava tentando usar psicologia?

— Essa é a mãe? — perguntou o japonês e, quando Roman assentiu,

murmurou: — Xi... — examinando Rosemary com interesse.

— Ela matou Leah — falou o sr. Fountain, levantando-se. — Matou minha Leah. Matou? Onde está? Que fez com ela?

Rosemary olhou-os um por um e depois para Guy, que desviou o rosto, embaraçado.

Levantou a faca.

— Sim, matei-a. Com esta faca. Depois limpei seu sangue e vou usá-la de novo em quem tentar chegar perto de mim Conte-lhes como é afiada, Guy.

Guy ficou calado. O sr. Fountain sentou-se pesadamente com a mão sobre o peito. Laura-Louise soltou um guincho.

Sem tirar os olhos do grupo, Rosemary dirigiu-se ao bercinho.

— Rosemary — começou Roman.

— Cale a boca.

— Antes de olhar, precisa saber...

— Cale a boca. Não ouço o que diz. Você está em Dubrovnik.

— Deixe que vá — disse Minnie.

Continuando a vigiá-los, Rosemary foi até o berço, que estava virado para eles. Com a mão que estava livre, tomou a alça e inclinou-o suavemente, em sua direção. O tafetá sussurrou e as rodas negras rangeram.

Dormia. Dormia qual anjinho, rosado e inocente. Embrulhado numa manta negra, com as mãozinhas cobertas por luvas negras, Andy dormia. Tinha cabelo abundante, ruivo e sedoso. *Andy, Andy, meu adorado.* Debruçou-se sobre ele, com a faca esquecida na mão; a criança mexeu-se e abriu os olhos. Tinha os olhos amarelos, inteiramente amarelos, sem íris ou córnea, com pupilas que eram um traço negro vertical.

Rosemary fitou-o estarrecida.

A criança olhou-a com seus olhos amarelos e depois fixou o crucifixo que balançava suavemente.

Rosemary virou-se para o grupo que a observava e gritou:

— O que fizeram com os olhos dele?

Todos olharam para Roman, que respondeu:

— Ele tem os olhos do Seu Pai.

Rosemary encarou-o com raiva, e em seguida olhou para Guy, que tinha o rosto escondido nas mãos.

— Que estão dizendo? Os olhos de Guy são *castanhos,* são *normais.* O que fizeram com a criança, seus maníacos? Avançou em direção a eles, pronta para matá-los, um por um.

— Satã é Seu Pai; não é filho de Guy. Satã é Seu Pai, que veio do Inferno e plantou sua semente numa mortal. Para se vingar das iniqüidades impostas pelos adoradores de Deus sobre Seus fiéis servidores.

— Salve, Satã! — exclamou o sr. Wees.

— *Satã é* Seu Pai e Seu nome é Adrian — gritou Roman com voz forte e orgulhosa, assumindo uma postura ereta e arrogante. — Ele derrotará os poderosos e destruirá seus templos. Redimirá os desprezados e vingará em nome dos torturados e perseguidos.

— Salve, Adrian!— exclamaram em coro. — *Salve, Adrian!, Salve, Satã! Salve, Adrian! Salve, Satã!*

Rosemary balançou a cabeça negativamente.

— Escolheu você — disse Minnie. — Escolheu você em todo o mundo. Entre todas as mulheres, você foi a escolhida. Enviou-os a este prédio, para este apartamento. Fez com que aquela imbecil da Terry ficasse amedrontada e fizesse a besteira que fez. Dispôs tudo da maneira que as coisas tinham de ser dispostas, porque Ele desejava que você fosse a mãe de Seu Único Filho.

— Seu poder é onipotente — entoou Roman.

— Salve Satã — disse Helen Wees.

— Seu poder é onipresente e eterno.

— Salve Satã — disse o japonês.

Laura-Louise tirou a mão da boca. Guy olhou para Rosemary com o rosto ainda meio encoberto pelos dedos.

— Não — gemeu Rosemary, segurando a faca molemente. — Não. Não *é* possível. Não. Não!

— Olhe Seus pés — disse Minnie. — E Suas mãos.

— E Sua cauda — disse Laura-Louise.

— E Seus chifres — continuou Minnie.

— Oh, Deus! — gemeu Rosemary.

— *Deus está morto!* — ditou Roman.

Rosemary virou-se para o berço, deixou cair a faca e tornou a voltar-se para o grupo.

— Meu Deus! — exclamou cobrindo o rosto. Levantou os braços para o céu gritando: — *Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!*

— *Deus está MORTO!* — retumbou Roman. — Deus está morto e Satã vive! É o Ano Um, o Ano Primeiro de nosso Senhor. É o Ano Um, Deus acabou. E o Ano Um, o reinado de Adrian começou.

— Salve, Satã! — gritaram. — Salve, Adrian! Salve Satã! Salve Adrian!

Rosemary foi se afastando, gemendo:

— Não! — Foi-se afastando até ficar entre as mesas de jogo. Encontrou uma cadeira e sentou-se pesadamente. — Não — murmurou mais uma vez, olhando para o grupo.

O sr. Fountain saiu apressadamente da sala. Guy e o sr. Wees foram atrás dele.

Abaixando-se com dificuldade, Minnie apanhou a faca que estava aos pés de Rosemary e a levou para a cozinha.

Laura-Louise aproximou-se do bercinho e começou a balançá-lo possessivamente, murmurando palavras acalentadoras. O tafetá sussurrou e as rodas rangeram.

Rosemary continuou imóvel, balbuciando:

— Não, não...

O pesadelo. O pesadelo tinha sido real. Aqueles olhos amarelos que fitavam

os seus...

— Oh, Deus! — gemeu.

Roman chegou a seu lado dizendo:

— Clare está fazendo fita, fingindo sentir profundamente a morte de Leah. Não é verdade. Nem está ligando. Ninguém gostava dela; era avarenta, material e emocionalmente. Por que não nos ajuda, Rosemary, sendo uma verdadeira mãe para Adrian? Daremos um jeito para que não seja punida por tê-la matado. Ninguém ficará sabendo de nada. Você nem precisa juntar-se a nós, fazer parte do grupo; basta que seja a mãe de seu filho. — Abaixou a voz e admitiu: — Laura-Louise e Minnie estão muito velhas para exercer o papel.

Rosemary encarou-o.

— Pense bem, Rosemary — advertiu Roman endireitando-se.

— Não matei Leah — respondeu.

— Não?

— Só lhe dei uma boa qualidade de pílulas. Está dormindo.

— Ah!

A campainha da porta da frente tocou.

— Com licença. Vou ver quem é. Pense bem, Rosemary.

— Meu Deus!

— Pare com esse negócio de meu Deus. Pare já ou mataremos você a despeito de ser a fornecedora de leite — ordenou Laura-Louise balançando o berço.

— Cale a boca *você* — retrucou Helen Wees, aproximando-se de Rosemary e dando-lhe um lenço molhado em água. — Rosemary é Sua mãe. Lembre-se disso e mostre mais respeito.

Laura-Louise resmungou algo inaudível.

Rosemary limpou o rosto com o lenço úmido. Olhou na direção do japonês, que sorriu e fez uma mesura. Mostrou uma máquina fotográfica na qual colocava um filme virgem e apontou na direção do berço, sempre sorrindo e fazendo mesuras. Rosemary desviou os olhos e chorou.

Roman entrou acompanhado de um homem moreno e bonito, todo vestido de branco. Trazia enorme caixa embrulhada em papel de presente, estampado com ursinhos e bolas, que produzia sons musicais ao ser sacudida. O grupo inteiro foi cumprimentá-lo. "Estávamos preocupados", diziam e "prazer", "aeroporto", "ocasião destas" e "Stavropoulos". Laura-Louise apanhou o embrulho e trouxe-o para junto do berço, mostrando-o à criança. A seguir colocou-o junto dos demais presentes, alguns embrulhados com papel semelhante e outros envoltos em preto e atados com fitas negras.

— Exatamente na meia-noite do dia 25 de junho. Exatamente meio século do que-sabe. Não é perfeito? — comentou Roman,

— Por que se mostram tão surpresos? — indagou o recém-chegado com os braços estendidos. — Edmond Lautéamont, trezentos anos atrás, já não tinha previsto o evento para 25 de junho?

— Sem dúvida — concordou Roman sorrindo. — Mas há de convir que suas previsões poucas vezes têm se provado acuradas. — Sorriram todos ao mesmo tempo. — Venha, meu amigo, venha vê-lo. Venha ver a Criança.

Dirigiram-se ao berço, que Laura-Louise guardava possessivamente, e olharam. Depois de alguns instantes de contemplação, o recém-chegado ajoelhou-se no chão.

Guy e o sr. Wees voltaram à sala, esperando na porta até que o outro se levantasse. Guy dirigiu-se a Rosemary:

— Leah está bem. Abe vai cuidar dela. — Ficou ao lado de Rosemary olhando-a e sem saber o que fazer das mãos. — Prometeram-me que não fariam mal a você. E na realidade não fizeram. E só fazer de conta que teve um filho que nasceu morto. Vão nos proporcionar tantas vantagens em troca disso, Rô...

Rosemary olhou-o dos pés à cabeça. Colocou o lenço no colo e cuspiu com toda força em seu rosto.

Guy se afastou, com as faces em fogo, procurando limpar a frente do paletó. Roman chamou-o para apresentar-lhe o recém-chegado, Argyron Stavropoulos.

— O senhor deve estar orgulhoso — disse Stavropoulos, apertando efusivamente a mão de Guy. — E a mãe, onde se encontra? Deve também...

Roman cortou-lhe a palavra e cochichou a seu ouvido.

— Tome isto — disse Minnie, chegando ao lado de Rosemary com uma xícara fumegante. — Tome, vai se sentir melhor.

— O que é? Chá de raiz-de-tannis?

— Não senhora! E chá de limão com açúcar. Puro e simples. Beba sem medo. — Minnie colocou a xícara ao lado de Rosemary.

A única solução seria matar a criança. Era óbvio. Esperar que se distraíssem, arrancá-la do berço, jogá-la pela janela e saltar em seguida. *Mãe e filho pulam para a morte no Bramford.*

Salvar o mundo de Deus sabe o quê. De Satã sabe o quê...

Uma cauda! Chifres!

Rosemary queria gritar, morrer.

Era o que devia fazer: jogá-lo pela janela e atirar-se depois.

O grupo conversava agora com a maior naturalidade. Parecia estar numa festinha familiar. O japonês tirava fotografias de Guy, de Stavropoulos conversando e de Laura-Louise segurando o nenê.

Rosemary virou a cabeça para não ver.

Aqueles olhos! Como os de um animal, de um tigre! Não de um ser humano!

Bem, ele não era propriamente um ser humano. Era, era... uma espécie de mestiço.

Mas como era lindo e perfeito antes de abrir os olhos. Tinha o queixinho igual ao de Brian, uma boquinha que parecia botão de rosa e aquele cabelo sedoso e ruivo... Gostaria de vê-lo mais uma vez, desde que não abrisse os terríveis olhos amarelos.

Rosemary experimentou o chá. Era chá mesmo.

Não, não se sentia com forças para matá-lo. Afinal de contas, fosse quem

fosse o pai, era seu filho. Pensando melhor, o que devia fazer era levá-lo a alguém que pudesse resolver o problema. Um padre, talvez. Tinha de ser solucionado pela Igreja, um conselho de cardeais ou até mesmo o Papa. Não seria ela, a estúpida Rosemary Reilly, de Omaha quem poderia tomar a decisão final.

Matá-lo seria justificar um erro com outro.

Tomou mais alguns goles de chá.

O nenê começou a choramingar, pois Laura-Louise estava balançando o bercinho com muita força. A idiota, é claro, balançou-o ainda com mais violência.

Rosemary agüentou o quanto pôde. Em seguida levantou-se e foi para junto do berço.

— Saia daqui — gritou Laura-Louise. — Roman, não deixe que se aproxime Dele.

— Você está embalando com muita força.

— Afaste-se e volte para seu lugar. Roman, mande que ela saia de perto.

— Está chorando porque você o está balançando muito forte — repetiu Rosemary.

— Não tem nada a ver com isso — respondeu Laura-Louise.

— Deixe que Rosemary O embale — ordenou Roman.

Laura-Louise olhou-o atônita.

— Vá, sente-se junto aos outros. Deixe que Rosemary O embale.

— Mas ela pode...

— *Vá, Laura-Louise*.

Laura-Louise amuada, obedeceu.

— Embale-O — pediu Roman a Rosemary. Ele próprio começou a balançar o bercinho, suavemente, de um lado para o outro.

— Você, você está tentando despertar em mim o instinto maternal — argumentou Rosemary.

— Não é mãe dele? Vamos, acalente-o até que pare de chorar.

Rosemary permitiu que sua mão fosse colocada na alça do berço. Durante alguns momentos balançaram-no juntos e depois Roman retirou-se, deixando que ela continuasse a movê-lo sozinha, leve e suavemente. Olhou para o nenê, viu os olhos amarelos e desviou a vista.

— É preciso pôr um pouco de óleo nas rodas. O barulho que fazem deve incomodá-lo.

— Tem razão — concordou Roman. — Está vendo? Já parou de chorar. Sabe quem você é.

— Não seja idiota — respondeu Rosemary. Olhou para o bebê, que a fitava. Até que seus olhos não eram feios. Agora que já se acostumara, podia até julgar melhor. Eram quase bonitos. — Como são suas mãos? — perguntou a Roman.

— Lindas! Têm garras, mas são garras pequeninas e transparentes. Usa luvas só para não se arranhar, e não por ter mãos feias.

— Não parece estar se sentindo bem.

O dr. Sapirstein entrou de repente na sala e parou atônito, dizendo:

— Que noite cheia de surpresas!

— Saia de perto — advertiu Rosemary —, ou cuspirei em seu rosto.

— Vá, Abe — pediu Roman e o médico se afastou balançando a cabeça.

— Não é com você — Rosemary disse ao bebê. — Não é com você que estou zangada. Não tem culpa de nada. Estou com raiva deles, que me enganaram, que mentiram para mim. Não faça essa carinha brava, fique bonzinho.

— Ele sabe — disse Roman.

— Então por que está assim? Coitadinho. Olhe para ele.

— Espere um minuto. Tenho de cuidar de meus convidados. Voltarei logo. — Roman afastou-se deixando-a só.

— Palavra de honra que não vou fazer mal a você. — Inclinou-se sobre o berço e desamarrou a fita que fechava o casaquinho da criança. — Laura-Louise é uma boba. Amarrou muito apertado. Vou dar um jeito. Espere só para ver. Sabe que tem um queixinho lindo? Tem olhos meio engraçados, mas seu rosto é bonitinho, sabe?

Atou a fita novamente.

Coitadinho.

Não podia ser *totalmente* mau. Mesmo que fosse uma parte de Satã, tinha a outra metade, a dela, para contrabalançar. Talvez, com jeito, com habilidade, trabalhando contra a influência *deles,* conseguisse que a sua ametade, humana, decente e boa, predominasse.

— Sabe que tem um quartinho só seu? — perguntou afofando a manta que também o apertava. — Tem um papel de parede branco e amarelo e um bercinho lindo, todo branquinho. Não tem nada desse preto e sujo. Vou levar você para conhecer na hora da próxima mamada. Se quiser saber quem sou, sou a pessoa que tem mandado o leitinho que anda tomando. Vai ver que pensou que vinha em garrafas, não é? Pois não vem, seu bobinho. Vem da sua mãe, que sou eu. Isso mesmo, seu "carinha-feia"! Nem parece contente em saber.

O silêncio reinante fez com que Rosemary olhasse em volta. Estavam todos em torno dela, em atitude de respeito e veneração.

Sentiu-se corar e ajeitou novamente a manta ao redor do nenê.

— Salve, Rosemary! — exclamou Helen Wees.

— Salve, Rosemary! — repetiram todos.

— Salve, Rosemary! — disseram Minnie, Stavropoulos e Sapirstein.

— Salve Rosemary! — exclamou Guy.

Laura-Louise moveu os lábios, mas nada disse.

— Salve, Rosemary, mãe de Adrian! — completou Roman.

— Seu nome é Andrew. Andrew John Woodhouse — disse Rosemary.

— Não, seu nome é Adrian Steven — respondeu Roman.

— Escute, Roman... — disse Guy.

Stavropoulos, tomando Roman pelo braço, perguntou:

— O nome é tão importante?

— Sim. É, sim — respondeu Roman. — Seu nome é Adrian Steven.

— Compreendo que deseje que se chame assim — disse Rosemary —,

mas sinto muito não ser possível. Seu nome é Andrew John. É meu filho e não seu, de modo que nem vou perder tempo em discutir o assunto. Nem este, nem a respeito de suas roupinhas. Não vou permitir que ande sempre de preto.

Roman abriu a boca, mas Minnie cortou-lhe a palavra.

— Salve, Andrew! — exclamou em voz alta, olhando para Roman.

E os outros repetiram:

— Salve Andrew! Salve Rosemary, mãe de Andrew! Salve Satã!

Rosemary acariciou a face da criança.

— Não estava gostando do nome, não é? Onde já se viu: Adrian Steven! Quer parar de fazer essa carinha zangada? Ainda não sabe sorrir? Não sabe? Vamos, "olhinho-engraçado", sorria para a mamãe. — Balançou o ornamento de prata que enfeitava o berço pedindo: — Vamos, Andy. Uma risadinha. Uma risadinha só para a mamãe ver.

O japonês, de máquina em punho, agachou-se e tirou uma série de fotografias.